

AQUÍ

Diretor Editorial: Samuel Wainer
12 a 18 de agosto de 1976 - Ano I - nº 39 - CR\$ 5,00

SÃO PAULO

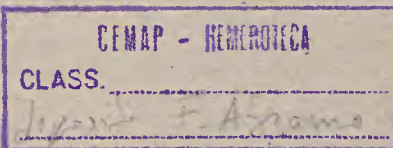
Duas colunas novas:

**Direito do
Consumidor e
Debate**



“FRETE AMPLA PELA LEGALIDADE”

MARCOS FREIRE EM SP.
Página 10



Recepcionista da Brut, Relax for Men,
a maior organização do novo e próspero ramo.

A CASA DE MASSAGENS

Página 15.

O LEITOR Cartas para esta seção: Rua Artur Azevedo, 877 — Pinheiros — CEP: 05404.**“Objeto não identificado”
na caixa de rosquinhas**

Sr:
Na caixa vermelha, o que primeiro se nota é um gordo letreiro “OKs”, junto a um palhaço; logo abaixo, fotos a cores de um prato cheio de rosquinhas, muito atraentes.

Trata-se de “Kellogg’s Oks” — cereais inflados e açucarados — diz o subtítulo, acrescentando que são “enriquecidos de vitaminas & ferro”.

Mas são também “enriquecidos” de algo mais, como pude constatar — infelizmente — após ter comido (ou consumido, fica melhor) mais da metade do conteúdo.

Perto do fundo do pacote, as tais rosquinhas estão grudadas a um “objeto não identificado” de cor parda, de aparência repugnante, (parece uma lesma ressecada). Estou anexando o pacote de Kellogg’s Oks” para que V.

Sa. e a indústria inescrupulosa — possam comprovar o desrespeito ao consumidor.

E o pior é que comprei dois pacotes desse “Oks”, e agora não tenho coragem de abrir o segundo — com nojo e receio do que possa conter. Tempos atrás, as mães advertiam seus filhos para que não comessem “porcarias” na rua.

Agora isso é desnecessário, pois as crianças estão comendo porcarias dentro de casa mesmo, trazidas do supermercado, como esse “Kellogg’s Oks”. O palhaço da caixa é o consumidor. Somos nós...

E há muitas outras porcarias que compramos — e pagamos — para depois jogar no lixo, como por exemplo um “queijo fresco” marca Polenghi, que comprei e após dois dias



na geladeira “derreteu” formando um mingau gosmento de matéria plástica. Será que queijo ainda é feito de leite?

Ou ainda um pacote de plástico contendo alpiste marca “Kiranos”, que também continha grãos secos de côco de rato...

Enfim, a lista seria longa, e creio que todo mundo nesta terra tem queixas

semelhantes. Até quando? Quando haverá uma fiscalização decente no setor de alimentos?

Hamilton de Souza
Capital

N. da Redação — A caixa do produto adulterado foi trazida pelo leitor e encontra-se em nossa redação à disposição do fabricante ou outro interessados.

Sr: Sou jovem, confio nos jovens, e nas próximas eleições pretendo votar em um jovem. Todavia, gostaria que V. Sa. me informasse qual o candidato mais jovem da Arena, Ricardo Patah, 22 anos, líder estudantil, ou sr. Luis Monteiro, economista, mesmo porque não consta a idade do segundo na ficha oficial publicada no AQUI nº 38. Quanto ao jornal, me parece estar diminuindo na quantidade de folhas. Irineu P. Rocha, Capital. N. da Redação — Não nos foi fornecida a idade do mais jovem, mas consta que seja o Sr. Luis Monteiro. Quanto ao número de páginas, não houve diminuição — continuamos com 32.

Sr: Ao Chacal — Gostamos muito da definição: O Corinthians é um saco: participa, mas não entra. Fez sucesso, principalmente porque também se aplica ao Brasil nas Olimpíadas. Agora, o que não estou gostando é do deboche sem fim por cima do meu amigo Lourenço Diaféria. Ele já não sofre o bastante em ser corintiano, ainda você tá dando pontapé num time caído? Trudi Landau, Capital.

**AQUI
DEBATE**

Geraldo de F. Forbes

“Por que e fundado em que vontade existe e persiste este AI-5”?

**Em busca
da lógica
perdida**

A última safra de cassações e suspensões de direitos políticos lembra, do ponto de vista de sua racionalidade, a lógica de certos juizes de futebol que, depois de marcarem um penalti inexistente contra um dos times, acabam por expulsar um adversário para fazer média com a torcida. Aliás, prosseguindo com a comparação futebolística, a estar certo em sua decisão o Presidente Geisel, errado estaria o estadista de Viçosa e ex-Presidente Médici, escalador do anterior time de governadores, que já sofrera o desfalecimento do goleiro Leon Perez, ex-Governador do Paraná. O que talvez signifique que mais felizes e bem fundados eram os seus palpites com relação aos possíveis centro-avantes da seleção brasileira do que a sua estudada nomeação de chefes de executivos estaduais.

O caso porém não tem nada de jocoso. Não quero julgar o Sr. Cortez Pereira mesmo porque não há informações suficientes. Não pretendo também defendê-lo. Tudo o que quero é lembrar que o direito de plena defesa costumava ser encarado em países civilizados como um antigo e essencial bem do patrimônio humano. Como não consta que aos acusados tenha sido dado o direito de defesa na sigilosa investigação, cujos dados ninguém, salvo os próprios e misteriosos investigadores conhecem, creio que, ainda uma vez, direitos fundamentais foram violados pelo Governo Federal.

Digo creio, neste tom meio indeciso, porque as coisas andam tão loucas, a atmosfera tão poluída, que começo a ter dúvidas se não estarei apenas lembrando de quimeras e ideais que já viraram fumaça há muito tempo e que, alucinadamente, ainda penso que deveriam ser reais.

Gostaria, sinceramente, de entender as motivações do gesto do Presidente, porém, mesmo se absurdamente se admitir que o direito de defesa não passa de uma reminiscência romântica, anterior à gloriosa idade tecnocrática, ainda fica difícil encontrar razões lógicas que tornem defensável a aplicação do AI-5.

Esqueçamos, por uns instantes, que em 1963 e 1964 uma ponderável parcela da população se levantou justamente em protesto contra o perigo que se corria de ver aplicados no país métodos stalinistas de julgamento, e que agora, ironicamente, parece que a criatura se voltou contra o criador e implantou, em nome da defesa da sociedade, exatamente aquele sistema de que a mesma sociedade queria se defender. Pois bem, ainda sssim, se se concedesse ao governo o benefício de algum supra natural jus fulminandi ex-cathae-

dra para urgências extremas e grandes perigos, não se compreende porque este novo recurso ao AI-5, em um caso tão mesquinho. Acredita-se que um homem tão honrado como o Presidente Geisel só usaria tão terrível arma se estivesse possuído por uma absoluta certeza. Mas, não será possível, apenas para argumentar, que o Presidente Geisel possa se enganar? Afinal, mesmo os mais bem intencionados Presidentes erram como o próprio Presidente Geisel acaba de provar com relação ao Presidente Médici.

E por que será que a investigação e o eventual processo penal não foram deixados a cargo apenas das autoridades previstas pelas leis do país? Alguém diz que a Sudene ainda não aprovou o projeto de implantação da justiça no Nordeste, mas isto, é claro, é uma piada que só serve para atrapa-lhar o raciocínio.

Não se encontram respostas. Quanto mais se analisa a medida, em todos os seus diversos aspectos, a procura de algum dado que possa nos esclarecer um pouco, mais os resultados são incoerentes.

Para começar, o que quer dizer exatamente suspensão de direitos políticos quando neste país tão poucas pessoas têm a plenitude dos mesmos? Em que esta suspensão ajuda a marcha do processo legal?

Por que tanto barulho acerca de uma comissão indevida de uma quase gorjeta pedida por um pequeno Diretor de um pequeno Banco se os Audi, os Ipiranga, os Aurea, os Halles, os União Comercial, os BNH, os TAA, os Lume, enfim todos os trapalhões do sul maravilha tiveram suas aventuras cobertas pelo Imposto de Operações Financeiras, isto é, pelo Governo Federal?

Onde a coerência em punir o diretor do pobre Banco do Desenvolvimento do Rio Grande do Norte e em premiar o Sr. Roberto Campos com a embaixada de Londres? Como é possível entender um sistema que castiga obscuros funcionários de departamentos estaduais de estradas de rodagem enquanto é doutrinado pelo dinâmico ex-ministro Mario Andreazza?

Há de haver alguma lógica em tudo isto, mas não se alcança qual.

As sugestões de que as razões do Presidente Geisel seriam mais de tática política do que propriamente de imprescindível justiça não parecem admissíveis. Não podemos acreditar que dentro do sempre unido bloco revolucionário possa haver divergências tão graves que levem à utilização do AI-5 apenas para se atacar indiretamente outra facção.

Mas então por que, esta penalidade que pouco acrescenta e que muito violenta? Realmente não se entende.

Fala-se agora que o Sr. Lynaldo Medeiros, chefe do brilhante e finado bando Lume seria também punido pelo AI-5. Ora, o Sr. Medeiros não era político, nem foi feito empresário pelo Gal. Médici o que invalida definitivamente a hipótese anterior. Mas por outro lado, se estes rumores forem corretos, novas dúvidas são suscitadas. O que mudaria no ócio com relativa indignidade, mas muito bem pago, do Sr. Medeiros a aplicação do AI-5 contra ele? Por que não pro-

cessá-lo legalmente? Por que não processar os diretores do BNH que tornaram possível sua associação na aventura Kaliuna, uma das alcunhas do bando Lume?

Alguém sugere que a punição ao Sr. Cortez seria somente uma tática eleitoral para demonstrar que os ideais de honestidade pública da interminável revolução continuam válidos, trazendo assim para o lado do governo os eleitores bem intencionados. Ora, esta hipótese também não faz sentido, porque há gente muito bem intencionada que não votará no governo, justamente porque acha ser este o único modo de se obter maior vigilância, para coibir a mais do que nunca florescente desonestidade.

Além disso, a tática da pureza já foi totalmente gasta anos atrás pelas vestais da UDN (antiga agremiação do Sr. Cortez Pereira) que enquanto forneciam com Marte promoviam a entrega do país ao burlesco Jânio Quadros que, à força de varrer, acabou com a palhinha, virou bruxa, montou o cabo e sumiu. E deu início a todo esse equívoco.

Por mais que se procure não se descobre uma hipótese que justifique a utilização do AI-5. Não se encontra.

Talvez fosse então o caso de se inquirir simplesmente por que e fundado em que vontade existe e persiste este AI-5 cujas aplicações não se entendem. Neste ponto é melhor recorrer às luzes do professor de Direito Constitucional e senador Paulo Brossard. Em recente discurso do Instituto dos Advogados Brasileiros, explicou o Sr. Brossard:

“Já houve quem pretendesse que isso (a outorga de uma constituição pelos ministros militares em 1969) era legítimo porque em 1964 ocorreu certo movimento armado. A ser exato o argumento, segundo o qual a Carta outorgada em 69 era legítima pela ocorrência de 64, forçoso seria concluir que a Carta outorgada em 37 era legítima porque em 30 irrompera, vitoriosamente, uma revolução. E mais, o Presidente Giscard reergueria na Praça da Concórdia a guilhotina anunciando aos franceses que retomava a grande revolução.

Desde então há no país, nominalmente, duas ordens: Uma, supostamente constitucional, outra proclamadamente extralegal, aqui batizada, sem qualquer amparo científico, de institucional.

A primeira, constitucional não é, pois deriva de um ato ilícito, é uma carta outorgada por quem não tinha o que outorgar; três ministros militares, violando a lei, impediram a posse do Vice Presidente da República, do Presidente da Câmara dos Deputados, do Presidente do Senado Federal, do Presidente do STF, instalaram-se no governo e investiram-se de poderes que não tinham e que nenhuma lei conferia a qualquer autoridade; assim, à semelhança de monarcas absolutos, outorgaram à Nação a Carta, como se fossem titulares dos poderes outorgados. Daí porque a chamada ordem constitucional de constitucional não tem nada.

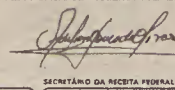
Mas quando tivesse, ela não significaria coisa alguma, pois seria anulada pela outra, a apelidada de institucional, que a nulifica e apaga. De modo que, em verdade, as duas ordens nem são ordens, nem são duas. A desordem é uma só”.

Agora sim, compreende-se tudo. E portanto não se entende nada.

157

01 SÉRIE E 0465109	02 Nº PARA DISTRIBUIÇÃO 80000/081214	03 TIPO 01	04 PARCELAS 05	05 VALOR - C.R. ****2.327,00
06 Nº DO CERTIFICADO 8/2/0001/017233	07 Nº DE INSCRIÇÃO NO C.P.F. 008773448	08 EXERCÍCIO 68	09 VALOR ATÉ 1976	10 VALOR ATÉ 21/07/76
11 NOME DO INVESTIDOR SEBASTIAO PUBLICO DIAS DA SILVA		12 Nº DA DECLARAÇÃO 0.063.644 081.686		
 43 MINISTÉRIO DA FAZENDA SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL CERTIFICADO DE COMPRA DE AÇÕES DECRETO 157/157		 SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL		
13 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		14 PARA USO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		
AUTENTICAÇÃO MECÂNICA				

MODELO APROVADO PELA INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SRF Nº 688/76 SRF (CERFI) 02/207 - SÉRIE 0

01 SÉRIE E 0465109	02 Nº PARA DISTRIBUIÇÃO 80000/081214	03 TIPO 01	04 PARCELAS 05	05 VALOR - C.R. ****2.327,00
06 Nº DO CERTIFICADO 8/2/0001/017233	07 Nº DE INSCRIÇÃO NO C.P.F. 008773448	08 EXERCÍCIO 68	09 VALOR ATÉ 1976	10 VALOR ATÉ 21/07/76
11 NOME DO INVESTIDOR SEBASTIAO PUBLICO DIAS DA SILVA		12 Nº DA DECLARAÇÃO 0.063.644 081.086		
 43 MINISTÉRIO DA FAZENDA SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL CERTIFICADO DE COMPRA DE AÇÕES DECRETO 157/157		 SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL		
13 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		14 PARA USO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		
AUTENTICAÇÃO MECÂNICA				

MODELO APROVADO PELA INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SRF Nº 688/76 SRF (CERFI) 02/207 - SÉRIE 0

01 SÉRIE E 0465109	02 Nº PARA DISTRIBUIÇÃO 80000/081214	03 TIPO 01	04 PARCELAS 05	05 VALOR - C.R. ****2.327,00
06 Nº DO CERTIFICADO 8/2/0001/017233	07 Nº DE INSCRIÇÃO NO C.P.F. 008773448	08 EXERCÍCIO 68	09 VALOR ATÉ 1976	10 VALOR ATÉ 21/07/76
11 NOME DO INVESTIDOR SEBASTIAO PUBLICO DIAS DA SILVA		12 Nº DA DECLARAÇÃO 0.063.644 081.086		
 43 MINISTÉRIO DA FAZENDA SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL CERTIFICADO DE COMPRA DE AÇÕES DECRETO 157/157		 SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL		
13 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		14 PARA USO DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA		
AUTENTICAÇÃO MECÂNICA				

MODELO APROVADO PELA INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SRF Nº 688/76 SRF (CERFI) 02/207 - SÉRIE 0

**A MOÇA DO
BRADESCO
PEDE PARA
VOCÊ NÃO
ESQUECER
O SEU 157
NA GAVETA.
ELE VALE
DINHEIRO.**

Ao receber seu CCA - Certificado de Compra de Ações, que todo mundo conhece por 157, preste bem atenção em duas coisas: valor e prazo.

A quantia impressa no CCA significa que o Governo está devolvendo aquele dinheiro a você.

E o prazo de validade do CCA tem que ser obedecido, porque senão você perde esse dinheiro.

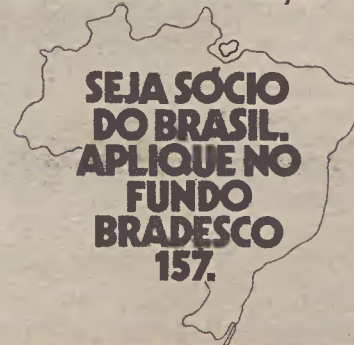
Então, ao receber seu 157 leve-o na hora a uma agência do Bradesco e aplique no Fundo Bradesco 157.

Isso é fácil, porque o Bradesco tem agências espalhadas por todo o Brasil e uma delas sempre fica perto de onde você mora ou trabalha.

Aplicar no Fundo Bradesco 157 é mais seguro porque ele investe o seu dinheiro em diferentes empresas dos mais diversos ramos de atividade no Brasil.

E aqui está mais uma razão para aplicar no Fundo Bradesco 157: em qualquer agência Bradesco você vai ser recebido com a mesma atenção.

É só falar com a moça.



BRADESCO
garantia de bons serviços

A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

Eis um bom livro de cabeceira, para o sr. lembrar de no mínimo não imitar a "proeza"

Na última semana, um seu antecessor deu uma colaboração mais valiosa para a nossa vida na cidade do que todos os discursos, entrevistas, cartas e projetos dados à luz nos últimos tempos. Foi, como o sr. deve estar sabendo, o ex-prefeito Figueiredo Ferraz, com o lançamento do seu livro "São Paulo e seu futuro - Antes que seja tarde demais".

Pena que tudo aquilo que ele disse - e com muita razão - só o tenha dito depois de ter largado o trono de prefeito por estranhas questões de sintonia.

O que aliás não chega a ser propriamente uma originalidade. A maioria dos nossos últimos prefeitos se revelou muito melhor, mais humana, mais consciente dos problemas paulitanos depois de deixar o cargo (com a honrosa exceção de Miguel Colasuonno que com seus artigos no Estadão consegue ser mais ininteligível do que no seu tempo de prefeito).

É estranho isso - e, ao mesmo tempo, preocupante. Por que os nossos administradores só revelam o mapa da mina quando voltam a ser simples cidadãos? Por que não executam, enquanto poder, enquanto responsáveis pelos destinos da cidade, tudo aquilo que pregam, como Ferraz, depois de reduzidos a meros mortais, simples palpitesiros? Se são todos tão sábios, por que não aproveitam essa sabedoria em benefício da cidade, quando ungidos pela nomeação pura e simples para governar São Paulo?

Para Figueiredo Ferraz, "o simples lançamento de recursos nas áreas metropolitanas, sem a concomitante tomada de decisões e providências, energéticas e eficazes, de contenção do grotesco, é como fazer buraco n'água. Mais, muito mais do que recursos, o problema é institucional".

Creio que ninguém, honestamente, poderá discordar desta afirmação. Mas o que fez Ferraz, o que fizeram os outros, para que pelo menos começássemos a caminhar neste sentido, de resolver o problema institucional?

"É preciso - afirma Ferraz - destruir de uma vez por todas a visão obtusa e acanhada de confundir gigantismo com progresso, sob pena de o Brasil ser chamado a pagar por isto um preço acima de suas posses; ver os seus principais centros de produção bloqueados e imobilizados por enormes excedentes populacionais urbanos, de pesada carga social; comprometer sua segurança, como resultado da rarefação populacional de seu imenso território; ter boa parte de sua economia lastreada em apenas reduzidos números de polos".

De fato, enquanto prefeito, Figueiredo Ferraz foi autor da celebre frase: "São Paulo precisa parar". Como todos sabemos, uma frase apenas,

por mais brilhante e correta que seja, nada resolve. E ficamos na literatura urbana, para a qual, justiça lhes seja feita, muito colaboraram os nossos últimos prefeitos. Além do mais, depois de proferir a frase, Ferraz foi convidado a voltar ao seu escritório, longe do Ibirapuera. O trem continuou em ritmo acelerado, correndo desesperadamente ninguém sabe exatamente para onde. E nem todos sabem com que riscos, como lembrou um urbanista da USP em declaração ao Estadão na última semana: "(...) Os paulistas e brasileiros ainda não levam a sério o perigo pontecial desta cidade, a bomba-relógio que está montada no País".

"Onde encontrar Cr\$ 100 bilhões para investir no setor (de transportes) nos próximos 15 anos?" perguntou o sr. ao reporter. Não sei o que este respondeu. Mas, de qualquer forma, me parece que a pergunta já vem um pouco tarde demais, o que compromete seriamente a afirmação-título do livro de Ferraz ("São Paulo e seu futuro - Antes que seja tarde demais").

Enquanto tudo era irresponsável euforia não se faziam perguntas desse tipo - o negócio era crescer. Agora, que se fazem as perguntas, faltam as respostas que possam sugerir soluções.

De que adianta o prefeito Ferraz, três anos depois de deixar o cargo reconhecer agora: "Sobreveio, assim, o maior dos paradoxos: este grande centro industrial, o dinamismo da economia brasileira, já está hoje envolvido em desequilíbrios de escala tão brutais, e sobrecarregado por custos sociais de tal forma elevados que grande parte de sua produção deveria ser forçosamente revertida e consumida com sua auto-sustentação, para mantê-lo em movimento sem ruptura de seu desempenho".

O mesmo fenômeno se deu com outras metrópoles, como Nova York, o caso mais grave e sempre lembrado: Mas, para salvar Nova York havia um país chamado Estados Unidos, capaz de mobilizar recursos de outras regiões para salvar sua grande cidade doente. E nós? Vamos tirar de onde esses recursos, se apesar de todas as nossas doenças, continuamos sustentando as outras regiões, ainda mais necessitadas de ajuda?

Se eu fosse o sr. deixaria esse livro do Ferraz sobre a mesa, como um catecismo. E o rezaria sempre que fosse possível, procurando aplicar os seus ensinamentos. Se outros motivos não houvesse, pelo menos para que o sr. também não passe daqui a três anos, ao deixar o Ibirapuera, pela mesma frustração do autor do catecismo, que descobriu a verdade quando já não tinha condições de lutar contra a mentira.

E que Deus esteja conosco.

SUMÁRIO

Semana de 12 a 18 de agosto de 1976

Ano I — Nº 39 — CR\$5,00



Joana Fomm, atriz de cinema, teatro e televisão, está convocando amigos, procurando gente; quer trabalhar em grupo e, se possível, encontrar o amor de sua vida. Página 24.

AQUI

Bastidores	8
A frente ampla de Marcos Freire	10
Direito do consumidor, uma nova seção	13
A casa de massagem	15
O cabo eleitoral que vale 25 mil votos	20
Onde está o respeito?	22
AQUI Corinthians	28
Televisão/Cinema	29
Artes/Teatro/Música	30
O Chacal	31

DIRETOR EDITORIAL - Samuel Wainer; EDITOR GERAL - Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO - Narciso Kalili; REDATOR - Myton Severiano da Silva; REPÓRTERES - Hella Schwartzkopff, Dacio Nitri, Victor Cervi; FOTÓGRAFOS - George Love (editor), Kirsten Weinschenck, Joel Sian, Amancio Chiodi; ARTE - Valdir de Oliveira, Vanira Codato; COLUNISTAS - Ricardo Kotscho, Klaus Kleber, José Carlos Bittencourt, Lourenço Diaféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewald Filho, Gilberto Mansur, Sergio Mello, Leo Gilson Ribeiro. COLABORADORES - Marco Antonio Montandon, Michel Laurence, Vital Battaglia, Woile Guimarães, Ignacio de Loyola, Luciano Ornellas, Francisco Lucrecio Jr., Enio Pesce, Malu Maia, Sofia Wainer (Brasília); DIRETOR COMERCIAL - Mario Heredia; DIRETOR-GERENTE - Maria Eliza Machado da Silva; PUBLICIDADE - Elizabeth S. de Castro, Daniel Tavares, Fátima Aparecida da Silva (secretaria).

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, Rua 7 de Abril, 264 - 8º andar, salas 817/8, fone 34.0218, SP. Departamento Editorial, Rua Arthur Azevedo, 877, fone 282.2831, SP. Brasília - Superquadra Sul, 107, Bloco C, apto. 805, fone 42.3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, Rua do Curtume, 564, fones 262.7977 e 85.8416, SP. Composto e impresso na PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda, Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fones 853.7461, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

ESCOLHA AQUI

TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO

FILMES

Veja

• **RANCOR** (Crossfire, 46) — Um dos primeiros filmes a tratar do preconceito anti-semita. Um impressionante drama psicológico de Edward Dmytryk, baseado em livro de Richard Brooks (o diretor de *A Sangue Frio*) com elenco de primeira: Robert Ryan, Gloria Grahame, Robert Mitchum e Robert Young. Quinta às 23 h depois do debate no 2.



Shirley McLaine

• **ATÉ A VISTA QUERIDA** (Murder my Sweet, 44) — O diretor é o mesmo Dmytryk e o filme outro clássico. Desta vez, Dick Powell é que tenta interpretar o personagem do detetive-particular Phillip Marlowe (imortalizado por Bogart em *A Beira do Abismo*) criado por Raymond Chandler. Com Claire Trevor, Anne Shirley. Sexta, às 13 h no 2.

• **OS ASSASSINOS** — (The Killers, 64) — O filme que transformou o homem-mau Lee Marvin em astro e o diretor Don Siegel em ídolo dos críticos. Inspirado num pequeno conto de Hemingway (que deu também um filme homônimo de 46) traz John Cassavetes como um professor de cegos que deixa-se matar por assassinos profissionais. Angie Dickinson é a mulher de seu passado e Ronald Reagan (o mesmo que tenta gora ser candidato à presidência dos EUA) faz o bandido. Sexta, às 23 h no 13 (COR).

• **PIGMALIÃO** (Pygmalion, 88) — Primeira obra de George Bernard Shaw transposta para o cinema, obra do húngaro Gabriel Pascal, co-dirigida por Leslie Howard e Anthony Asquith. É o próprio Howard que faz o Professor Higgins com Wendy Hiller como Eliza. A história todo mundo sabe que é a mesma de *My Fair Lady*. Mas sabiam que Shaw ganhou um Oscar de roteiro? Estréia. Sexta às 24h. no 5.

• **A DAMA DO LAGO** (Lady in the Lake, 46) — Fato único na história do cinema, um filme inteiramente feito com câmera subjetiva (o espectador só vê o que o personagem está vendo). Robert Montgomery é o

diretor e o astro, interpretando o mesmo personagem de *Até a Vista Querida*: o detetive Phillip Marlowe. Desta vez, ele procura os responsáveis pela morte de uma mulher encontrada num lago. Com Audrey Totter, Lloyd Nolan. Sexta às 2 da manhã no 5.

• **CAPITÃO BLOOD** (Captain Blood, 35) — O primeiro filme capa-espada de Errol Flynn, sua revelação num gênero em que ainda é insuperável. Olivia De Havilland como de hábito é a mocinha, Basil Rathbone o vilão, Michael Curtiz, o diretor. Sábado, 23 h no 4.

• **DEUS SABE QUANTO AMEI** (Some Came Running, 58) — Outro filme que transformou alguém em estrela: no caso Shirley MacLaine como uma prostituta de coração de ouro que ama Frank Sinatra. Vincente Minelli utiliza seu excepcional gosto visual para transformar o melodrama num filme memorável. Com Dean Martin, Martha Hyer. Terça às 23 h no 13 (COR)

• **SONHOS DE ESTRELA** (Doll Face, 44) — Carmen Miranda já em decadência neste filme baseado em história de Gypsy Rose Lee sobre uma estrela de burlesco que tenta o teatro sério. Vivian Blaine, Dennis O'Keefe e o diretor Lewis Seiler deixam toda a diversão nas costas de Carmen. Quarta às 23 h no 13.

• **ANGUSTIA** (The Locket, 46) — John Brahm dirige Lanaine Day (a famosa enfermeira que amava o Dr. Kildare na série com Lew Ayres), Brian Aherne, Robert Mitchum neste drama sombrio sobre uma mulher psicopata que destrói os homens que ama. De Segunda a quarta, às 23 h no 2.

• **TICO-TICO NO FUBÁ** — Uma das mais caprichadas produções da Vera Cruz (52) dirigida por Adolfo Celi e produzida por Fernando de Barros. Biografia romancada do compositor Zequinha de Abreu (Anselmo Duarte) e seus dois amores (Tônia Carrero e Marisa Prado). O palhaço Piolim faz ponta. Só que não é comédia como anuncia a Globo. Sábado às 14 h no 5.

• **A FALSA LIBERTINA** — (The Swinger, 66) — Musical feito para o estrelato duvidoso de Ann Margret, como uma jovem que tenta ficar famosa publicando um livro erótico que deixa pensar ser sua auto-biografia. Direção de George Sidney. Com Tony Franciosa. Estréia. Sábado, às 21h20 no 5 (COR)

• **UMA VIDA EM SUSPENSE** — (The Slender Thread, 65) Estréia na direção do hoje famoso Sydney Pollack (Noites dos Desesperados, Tres Dias do Condor) Um intenso e absorvente drama sobre uma clínica que tenta salvar possíveis suicidas pelo telefone. Com Sidney Poitier, Anne Bancroft, Telly Savalas. Estréia. Sábado às 22h30 no 5.

• **ENIGMA DE UMA VIDA** (The Swimmer, 68) — Complicada versão de um conto de John Cheever sobre um homem que nada através das piscinas da vizinhança até sua casa. O simbolismo escapa um

pouco à direção de Frank Perry (Sydney Pollack refez a sequência da amante com Janice Rule). Com Burt Lancaster, Kim Hunter, Janet Landgaard. Sábado às 22h no 7 (COR)

• **BANDEIRANTES DO NORTE** — (Northwest Passage, 39.) Grupo de ingleses atravessa a selva rumo ao Canadá para liquidar os índios unidos aos franceses. Aventura com diretor (King Vidor) e locações de qualidade. Com Spencer Tracy, Robert Young, Ruth Hussey. Sábado às 24h no 5 (COR)

• **S.O.S. NO FUNDO DO MAR** (Trapped Beneath the Sea) Americano, 74. Direção de William Graham. Drama de suspense feito para a tevê. A história verdadeira de 4 homens que ficaram presos em junho de 73 num mini-submarino nas costas da Flórida. Com Lee J. Cobb, Martin Balsam, Joshua Bryant. Estréia. Domingo às 19h no 13 (COR)

• **O PRINCIPE DE BAGDAD** (The Veils of Bagdad, 53) — Aventura das mil e uma noites. Victor Mature é um guarda de palácio envolvido com Mari Blanchard e Virginia Field. Direção de George Sherman. Estréia. Domingo às 19 h no 7 (COR).

• **PEPE** (Pepe, 60) Longa e aborrecida tentativa de lançar Cantinflas no cinema norte-americano, contando com a assistência de todo o elenco da Colum-



Tônia Carrero



Telly Savalas

bia fazendo participações especiais. Há um pouco de tudo: Debbie Reynolds dançando *"Tequilla"*, Maurice Chevalier, Jack Lemmon vestido de mulher, Sammy Davis Jr. cantando e mais Bing Crosby, Sinatra, Tony Curtis, Greer Garson etc etc. Direção de George Sidney. Domingo às 22h no 5 (COR)

• **SANGUE DE IRMÃOS** (The Brotherhood, 68) — Kirk Douglas é obrigado a dar o beijo da morte em seu irmão Alex Cord, numa cena famosa deste drama sobre a Mafia que foi um total fracasso de bilheteria apenas 2 anos antes de *"O Poderoso Chefão"*. Direção de Martin Ritt. Com Irene Papas, Susan Strasberg. Estréia. Domingo às 22h no 4 (COR)

• **MISSÃO PERIGOSA EM TRIESTE** (Diplomatic Courier, 52) — Mediocre drama de espionagem de Henry Hathaway que vale apenas pelas mulheres que envolvem Tyrone Power: Patricia Neal e Hildegard Kneff. Charles Bronson faz ponta. Domingo à 1 da manhã no 5.

• **THES MARUJOS EM PARIS** (So This is Paris, 54) — Musical *"B"* da Universal curioso apenas pela tentativa de Tony Curtis em bancar o dançarino e cantor ao lado de experts como Gene Nelson, Gloria de Haven e Paul Gilbert. Direção de Richard Quine. Estréia. Quarta às 21h no 13 (COR).



BRASIL ESPECIAL: LUIZ GONZAGA — A vida e a obra de Luiz Gonzaga, o *"Rei do Baião"*, num programa em duas partes. Gravado em Pernambuco e Rio, o show mostra seus maiores sucessos, seus amigos, sua família, sua cidade natal de Exu e números musicais com Ednardo, Marlene, Fafá de Belém, Eliana Pittman, Vanusa, Jackson do Pandeiro, Benito de Paula, Isaurinha Garcia e o próprio Luiz Gonzaga. Nesta sexta, às 21h no 5 (COR)

ESCOLHA AQUI

CINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACIN

Estréia

• **DESAJUSTE SOCIAL** — (Accatone, 61) A estréia de Pier Paolo Pasolini, poeta e roteirista de Fellini na direção. Um filme coerente com seu fim trágico, assassinado num bairro popular de Roma, como o que mostra neste filme. "Accatone" — é um malandro (Franco Citti) que vive de pequenos roubos e da exploração de prostitutas. Um personagem muito parecido com o rapaz que matou Pasolini. Com Adriana Asti. Sexta-feira no CINEMA I

• **O PISTOLEIRO** — Drama policial baiano, dirigido por Oscar Sant'Anna. Um pistoleiro

profissional é contratado por coronéis nordestinos. Com J. Carlos Barroso (de "Pecado Capital"), Elza de Castro, Emiliano de Queiroz, Gilberto Martinho. Colorido. 18 anos. Quinta, no METRO 1, CORAL e GEMINI 2.

• **OS SETE IRMÃOS CERVÍ** — (I Setti Fratelli Cervi, 67) — O último filme do diretor Gianni Puccini. A história real dos sete irmãos Cervi fuzilados pelo Facismo. Com Fian Maria Volonté, Lisa Gastoni, Don Backy, Carla Gravina, Ricardo Cucciola, Gabriela Palotta. Colorido. Sexta, no BELAS ARTES — (Sala Villa Lobos).



"Os sete irmãos Cervi"

Veja

• **VIDA EM FAMÍLIA** (Family Life, 71) — Semi-documentário inglês de Ken Loach, mostrando a desintegração psicológica de uma adolescente, incompreendida pela família e pelo psiquiatra. Abordando assunto semelhante a "Um Estranho no Ninho" — a antipsiquiatria — o filme não faz concessões utilizando atores desconhecidos e sem recorrer a alívios cômicos. Com Sandy Radcliff, Bill Dean. Colorido, 18 anos. No RIO.

• **CORAÇÕES E MENTES** (Hearts and Minds, 74) — Documentário de Peter Davis, premiado com o Oscar da Academia. Menos um documentário sobre a Guerra do Vietnã do que um retrato das consequências dessa Guerra na sociedade norte-americana. Utilizando depoimentos e cenas de arquivo. Davis conseguiu quase duas horas de intensa emoção. Um filme que faz você chorar, discutir, tomar posição. Colorido, 18 anos. No AROUCHE (Estúdio A).

• **E O VENTO LEVOU** (Gone With the Wind, 39) — Talvez o filme mais famoso da história do cinema, campeão de bilheteria e de Oscars (dez prêmios, inclusive melhor filme, direção e atriz) e que durante muito tempo também foi o mais longo (quase 4 horas de projeção). Obra do produtor David O. Selznick que utilizou vários diretores (Victor Fleming, George Cukor,

William C. Menzies) para conseguir de Clark Gable, e Vivien Leigh os momentos mais marcantes de suas carreiras. Colorido, 14 anos. Agora em cópia de 70 mm, no COMODORO

• **NOITES DE CABIRIA** (Le Notti di Cabiria, 67) — Um dos filmes mais famosos de Federico Fellini, Oscar de melhor filme estrangeiro. Veículo para o estrelato de sua mulher Giulietta Massina (revelada em "Na Estrada da Vida") como Cabiria, uma prostituta ingênua que ainda acredita no amor. Se a história lhe parecer familiar é porque ela foi transformada em musical da Broadway — "Sweet Charity" — que Shirley MacLaine fez no cinema. 14 anos Com François Perier, Amadeo Nazzari, Dorian Gray. No BELAS ARTES (Sala Mário de Andrade).

• **O HERÓICO COVARDE** (Royal Flash, 75) — As aventuras do anti-herói Capitão Flash, uma espécie de Tom Jones vitoriano, herói por acaso, covarde por convicção, que se envolve contra a vontade num plano de unificação da Alemanha. Elenco famoso: Malcom McDowell, Alan Bates, Oliver Reed, Britt Ekland e a brasileira Florinda Bolkan como Lola Montes. Direção de Richard Lester misturando um pouco do "Tres Mosqueteiros" com "Prisioneiro de Zenda" e "A Corrida Do Século". Colorido, 10 anos No IGUA-TEMI.

Veja se puder

• **A GAROTA DO BANDIDO** (La Pupa del Gangster, 75) — Oitava vez que se reúnem Marcelo Mastroianni e Sophia Loren. Agora ele é um gôlo mafioso e ela uma "call-girl" que tenta incriminá-lo num assassinato. Direção do mediocre Giorgio Capitani, com Aldo Maccione e Pierre Brice. A história é inspirada num conto de Cornel Woolrich (pseudônimo de William Irish, autor de "Janela Indiscreta" e "Sereia do Mississippi"), mas o clima é de pura chanchada. 18 anos, colorido. No GAZETÃO, VENEZA e PAISSANDU.

• **BACALHAU** — Paródia paulista do sucesso internacional "Tubarão", dirigida e escrita por Adriano Stuart, filho de Walter Stuart. Agora o monstro anda nas praias brasileiras "comendo" as menininhas. O filme tem até um título internacional de gozação "Bacs". Afinal, se Ciccio e Ingrassia podem fazer este tipo de filme, por que não os brasileiros? Marlene França, Hélio Souto e Maurício do Valle lideram o elenco. Colorido. IPIRANGA, GAZETA, BARÃO e circuito.

• **A MÁQUINA DO SEXO** (Convieni far Bene L'Amore, 75) — Fantasia erótica de Pasquale Festa Campanile. Em 1980, durante uma crise de energia descobriu-se uma nova forma de energia — a dos casais se amando. Estrelado pela bela Agostina Belli, de "Perfume de Mulher", e Christian, filho de Vittorio

De Sica. Sátira ao sexo, numa linha não muito distante da porno-chanchada. 18 anos, colorido. No OLÍDO, BRISTOL, IBIRAPUEIRA 1.

• **A SENTENÇA** (Verdict, 75) — Sophia Loren novamente, desta vez como a mãe de um jovem acusado de homicídio que se utiliza de chantagem e sequestro para forçar um juiz (Jean Gabin) a ajudá-la. O filme é de André Cayatte, especialista em temas jurídicos desta vez criticando o sistema judiciário francês, que afirma que o voto dos jurados deve ser baseado em sua "convicção íntima" e não nas provas apresentadas. Feito com seriedade e segurança, na verdade é um filme de tese disfarçado de melodrama. 18 anos, colorido. No TOP CINE.

Especial

CURTAS NACIONAIS — Ademar Gonzaga, de Julio Heilbron, Alberto Cavalcanti, de Alfredo Sternheim, Brasileiros em Hollywood, de Salvyano C. de Paiva e Carmen Miranda, de Jorge Ileri. Quinta, 21h. no MUSEU LASAR SEGALL, Ingressos Cr\$ 5,00.

SEMANA CLAUDE CHABROL — O AÇOU-GUEIRO (Le Boucher, 65) — Drama de suspense. Açougueiro assassino tenta esconder as pistas de seu crime. Com Jean Yanne, Stephane Audran. Sexta, 20 e 22h.

NAS GARRAS DO VÍCIO (Le Beau Serge, 59) — Filme de estréia de Chabrol, precursor da Nouvelle-Vague. Com Gerard Blain, Jean Claude Brial, Bernadette Lafont. Sábado, 20 e 22h. no MUSEU LASAR SEGALL. Ingressos Cr\$ 5,00.

CEM FILMES DO REPERTÓRIO NACIONAL E ESTRANGEIRO — Quinta: MIS — 21 hs. curtos nacionais. Sexta: MIS, 19 e 21h. — Filmes soviéticos. Sábado MIS — 19h. Cabiria, de Pastrone. 21h — Birth of a Nation, de Griffith. Domingo. 19h — Intolerance, de Griffith. 21h. — True Heart Susie, de Griffith. Segunda na ECA — 9h. da manhã — A Tormenta, de Bonfili. 10h30 — Paulicéia Fantástica, de J. Batista de Andrade. 12h. A Eterna Esperança, de Batista. Terga na ECA — 9h — de R. Wienem xphép — A morte de Siegfried, de Lang. 12h — Metrópolis, de Lang. Terça — MIS — 21h. A Tormenta. Quarta — ECA — 9h — La Roue, de A. Gance. 11h. Napoleon, de Gance. MIS — 21h — Paulicéia Fantástica. Entrada Franca.

Caixa Econômica Federal

AVISO TOMADA DE PREÇOS Nº 22/76

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — Filial de São Paulo, dá ciência aos interessados que se acha aberta Tomada de Preços, para contratação das obras de construção do prédio, para novas instalações da Agência Casa Verde, à Rua Cesar Castiglione Junior, nºs 87, 91 e 95, nesta Capital, sob regime de empreitada global, nas condições abaixo:

1 — **HABILITAÇÃO PRELIMINAR** — As firmas deverão habilitar-se junto à Comissão Permanente de Compras e Contratações — CPC — desta Filial, até o dia 03 de setembro de 1976.

2 — **DOCUMENTAÇÃO** — Para habilitação, é necessário que a firma comprove:

2.1. — sua personalidade jurídica;

2.2. — sua capacidade técnica mediante declaração que ateste o cumprimento de obrigações da mesma natureza;

2.3. — sua capacidade financeira mediante elementos do Edital, inclusive que possui capital social de Cr\$ 3.000.000,00;

2.4. — ter feito caução de Cr\$ 75.000,00, em espécie ou ORTNs.

3 — **PROPOSTAS** — As propostas das firmas habilitadas pela CPC desta Filial, serão recebidas até às 10,00 horas do dia 27 de setembro de 1976.

4 — **EDITAL E MAIORES DETALHES** — Poderão ser obtidos na CPC, à Rua Floriano Peixoto, nº 50, 1º andar, Capital.

São Paulo, 11 de agosto de 1976.

Comissão Permanente de Compras e Contratações.

Caixa Econômica Federal

LEILÃO JÓIAS E PRATARIA

CAUTELAS VENCIDAS NO SERVIÇO DE PENHORES — SEDE —

LOCAL: Pça. da Sé, 111 — 2ª. Sobreloja

INÍCIO Dia 26/08/76 às 12,00 Horas.

EXPOSIÇÃO: No local, das 9,00 às 11,00 horas.

Filial de São Paulo

ESCOLHA AQUI

TEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEA

Veja

CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO — As peças em cartaz em São Paulo, **Pano de Boca**; **A Margem da Vida**; **Roda Cor de Roda**; **A Corrente**; **Carla, Gigi e Margot**; **Tempo de Espera**; **Mumu**; **Mockinpott**; **Lição de Anatomia**; **A Rainha do Rádio**; **Laços de Sangue** e todas as outras, estão sendo apresentadas com preço único de 15 cruzeiros. Os ingressos estão à venda das 9 às 17hs nas seguintes lojas dos Supermercados Pão de Açúcar: Vila Clementina, Lapa, Pinheiros, Santa Efigênia, Aeroporto, Nas bilheteria dos teatros os preços permanecem normais.

• A MARGEM DA

VIDA (The Glass Menagerie) — Uma das melhores montagens de um texto de Tennessee Williams nos últimos anos no Brasil. Recriação lírica e sensível da peça que revelou internacionalmente o autor. A música de Charles Chaplin e o senso plástico do diretor Flávio Rangel tornam memorável a história de uma família dominada pela mãe Amada (Beatriz Segall), uma sulista que não consegue enfrentar a pobre realidade de sua vida. Com Ariclé Perez, Edwin Luisi e Fernando de Almeida. No **STUDIO SÃO PEDRO**.

• A RAINHA DO RÁDIO — Uma interpretação excepcional de Cley-

de Yáconis é o principal motivo para você assistir a este monólogo do estreante José Safioti Filho. Cleyde faz a locutora de uma rádio do interior que, sabendo que vai perder o emprego; resolve dizer no ar todos os podres da cidade. Para acreditar no texto é melhor não pensar que tudo poderia ser interrompido pela técnica da estação. Direção de Antonio Abujamra garante uma porção de palavras. No **Teatro ANCHIETA**.

• **RODA COR DE DORA** — O grande sucesso de bilheteria do teatro paulista no ano passado. Irene Ravache ganhou (merecidamente) todos os prêmios de interpretação (inclusive o Molière) ao dar vida a um texto indeciso de Leilah Assunção sobre a libertação feminina. Irene faz Amélia, dona-de-casa comum que se cansa de ser "a mulher de verdade", larga o marido e abre um bordel. Com Lillian Lemmert, João José Pompeu, também

dirigidos por Antonio Abujamra. No **Teatro ALIANÇA FRANCESA**.

• **MOCKINPOTT** — O ator espanhol José Luis Gomes — premiado como melhor ator no último Festival de Cannes — foi o diretor desta montagem gaúcha que já esteve proibida pela censura. O texto é de Peter Weiss, sobre a trajetória de um homem desde a alienação até a lucidez. Com Henrique Lisboa, Miguel Ramos, Eduardo Crescente, Gabriela Rabelo. No **Teatro PAIOL**.

• **MUMU, A VACA METAFÍSICA** — Uma das mais elogiadas montagens do momento. A história de uma família classe-média que se defende da luz e do sol, convivendo com uma vaca e seus mugidos angustiantes. Sonia Guedes, Antonio Petrin, Carlos Augusto Strazzer, Rania Alves são dirigidos por Silnei Siqueira. O absurdo do cotidiano da pequena burguesia nos seus últimos dias no **Teatro MARKANTTI** (r. 14 de julho, na Bela Vista).

SHOWSHOWSHOWSHOWSHOW

CONCERTO DE ROCK — O conjunto "Joelho de Porco", especialistas em rock com muito humor, se apresentam com sua formação: Tico Terpina, Walter Baillet, Chicão Cobra e João da Fúria. Até o dia 21 de Agosto às 21h no **TEATRO RUTH ESCOBAR**.

RENATO TEIXEIRA E O GRUPO ÁGUA — Música caipira feita por um conjunto formado por instrumentos acústicos: violas, charango, bandolim e baixo. Até 5 de setembro no **JOGRAL**.

FESTIVAL DE JAZZ — Prossegue o Festival com a apresentação no sábado às 21 horas da Banda de Nelson Ayres, considerada pela crítica como "a melhor banda de São Paulo". Domingo às 20 h, apresen-

tação do "Traditional Jazz Band" e o "Bluegang Five", o mais novo conjunto entre os participantes do Festival. Seu líder é André Basic. No **GINÁSIO DO SESC** — Rua Dr. Vila Nova, 245. 2º andar.

DE "RAPADURA E CUZ-CUZ" AO "MENINO PASSARINHO" — Show do poeta e compositor Luiz Vieira, com texto, piadas e suas composições mais conhecidas ("Menino de Braçan", "Guarania da Lua Nova", "Menino Passarinho"). Acompanhado pelo Conjunto "Gente". Encerrando a Semana Nordestina em São Paulo. De terça 17 até o dia 29 de agosto no **TEATRO NYDIA LYCIA**. De quarta a domingo. Sessões às 21h. Cr\$ 40,00 e Cr\$ 20,00 para estudantes.

DISCODISCODISCODISCODIS

• **ELTON JOHN — HERE AND THERE** — (RGE) O ex-gorducho Reginald Kenneth Dwight chega com mais um lp, dessa vez inteiramente gravado ao vivo. O "lado A" é o resumo de um concerto feito no Royal Albert Hall (Londres) com alguns velhos sucessos como "Skyline Pigeon" e "Crocodile Rock". O lado B, gravado no Madison Square Garden (Nova York) apresenta também antigos "hits" como "Rocket Man" e "Bennie and the Jets", tudo muito bem produzido como é de praxe nos discos do "Ray Conniff do Rock".

Here and There é um disco para quem ainda não tem nada de Elton John, já que é feito quase que somente de material antigo. Mas muitas vezes supera as gravações originais.

• **THE BEST OF JIMMY SMITH** — (PHONOGRAM) Disco obrigatório para quem gosta de jazz. Jimmy Smith — indiscutivelmente o maior organista do planeta. Raça, pique, swing, tem tudo. Arranjos de Oliver Nelson e Lalo Schifrin. Quatro longas faixas de cada lado e uma produção da maior competência, assinada por Creed Taylor.

Letras de Câmbio Mercantil-Finasa: investimento sem marcha à ré.



Sem marcha à ré e sem ponto-morto.
Com Letras de Câmbio Mercantil-Finasa você só tem uma alternativa: ir em frente e ganhar dinheiro.
Lucro certo e seguro, por escrito e com data marcada.
Vamos, engrene para o melhor negócio em qualquer das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo.



MERCANTIL-FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt

— “Mas e o governador, como é que fica?”
— “Ele já era, só tem mais dois anos”

O duro é ficar sem os empregos e os carros oficiais

Não se ignora que o governador Paulo Egydio Martins tem sido alvo de pressões para recuar e reformular sua decisão de não comparecer aos municípios em que a Arena estiver dividida, mas o chefe do executivo paulista não voltará atrás: a linha de conduta foi traçada depois de muita reflexão e de pesar quais as consequências que poderiam redundar da sua negativa de prestigiar os arenistas “guerreiros”.

Até agora, a restrição governamental atingiu dois municípios: Marília e Iguape, tendo esta última maior repercussão na opinião pública por um só fator — melhor divulgação. E o detalhe — importante — de decisão: em Iguape, foram frontalmente atingidos os interesses políticos de dois secretários de Estado (Rafael Baldacci, do Interior, e Ademar Filho, da Administração) e aparentemente beneficiado o prefeito local, que se diz integrado na corrente política liderada pelo ex-governador Laudo Natel.

Justamente aí se concentram as críticas dos setores atingidos pela decisão de Paulo Egydio: “Como beneficiar um ‘inimigo’? Dois dados da maior importância têm que ser levados na devida consideração:

1. O ex-governador Laudo Natel, ao menos publicamente, não é considerado “inimigo” do governador Paulo Egydio. De resto, as mesmas críticas feitas ao governador, quando disse que o MDB deveria ganhar as eleições em território paulista à base do 2

por 1, pelo seu antecessor, eram, à época, semelhantes a do chamado “setor político” do Governo estadual.

2. Paulo Egydio teria aproveitado a circunstância de Iguape (quando a corrente beneficiada por sua ausência seria a de Laudo), para “firmar jurisprudência”, sem correr o risco de permitir que alguns adversários políticos se aproveitassem do episódio para lançar à praça uma considerável soma de boatos que teria reflexos negativos sobre a Arena e o Morumbi.

Mais: a ausência da pessoa física do governador nos municípios onde seu partido estiver dividido mostra, em última análise, a disposição de tentar conciliar, ao máximo, as correntes políticas ali integradas, procurando obter-se daí um partido forte, não um partido inflado às custas de nem sempre muito bem explicadas alianças políticas que, afinal, são apontadas como uma das principais causas do processo de desagregação partidária.

O governador dos paulistas estaria demonstrando, às claras, que prefere perder as eleições em alguns municípios do que vencer às custas da retaliação pessoal e da “baixa política”, tão a gosto de alguns politiquinhos que se proclamam “experts”. Pois, nessa última hipótese, ele estaria negando tudo a que se propôs e que tem, como objetivo final, a restauração do chamado “poder político”, sem os vícios do passado, enfim, o que se classifica de “alternativa respeitável”.

Dentro desse contexto, seria insignificante cogitar-se de “desprestígio de secretários”, pois, longe da ambição pessoal, Paulo Egydio teria se proposto, ao assumir o Governo do mais importante Estado da Federação, empenhar-se na busca de alternativas válidas para o processo político brasileiro, entendendo que as condições nacionais não são as mesmas de 1964. Portanto: se os antigos remédios não mais ajudam a curar, mas podem até mesmo matar o enfermo, há que se buscar fórmulas novas, a tempo de se superar o impasse político-institucional que está à beira do horizonte.

Por isso, mesmo, não há mais tempo nem espaço para a historinha que pode parecer fantástica para os desavisados, mas que é rigorosamente verdadeira. No mesmo carro, voltavam pra São Paulo um deputado, um político e um assessor de outro político. Eis um trecho da conversa:

O assessor: “Precisamos promover o reencontro dos dois!”.

O político: “Mas e o governador, como é que fica?”

O assessor: “Ele já era, só tem mais dois anos”

O deputado: “Eu nem dou palpite!”.

O político: “A opinião pública não vai engolir!”.

O assessor: “Acaba engolindo. O importante é que nós não podemos ficar sem esquema — empregos e carros oficiais”.

PIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRU

• Rompido o sistema bipartidário brasileiro, o senador Franco Montoro (MDB-SP) teria condições de colocar uma nova forma de democracia-cristã nas ruas imediatamente. Ele já teria o apoio de fortes setores empresariais que estariam vindo na democracia-cristã a “solução ideal”.

• O deputado Del Bosco Amaral (linha Montoro) eufórico com a candidatura do deputado federal Chico Amaral à Prefeitura de Campinas: é um concorrente a menos na convenção do MDB que escolherá os dois candidatos ao Senado em 78. Nesse caso, sairiam dois candidatos de uma mesma ala emdebista: Montoro pela reeleição (se as eleições para o Governo estadual se transformarem em indiretas) e Del Bosco. Mas a pergunta fica no ar: e o Quércio nisso tudo?

• O MDB deve jogar tudo nas eleições deste ano em Campinas: com a deserção do prefeito Lauro Pércles das fileiras partidárias, a Arena começa a ter condições de vitória, desde que seja

transferível o apoio popular do burgo mestre local. O senador Orestes Quércio parece preocupado com tudo isso: uma derrota em Campinas está completamente fora de seus planos — e mais — poderá desmontar a chamada “máquina quercista”. Mesmo assim, todo o MDB seria atingido por uma derrota: ficaria claro que em 74 o eleitorado não votou a favor do MDB, mas contra o Governo. E mais: Lauro Pércles poderia assumir — tranquilamente — a pose de líder. Ou do aprendiz que superou o feiticeiro.

• Frase (para se anotada) de Paulo Egydio: “É talvez no campo da geração da energia elétrica que se operou a maior revolução nos últimos doze anos. E é chegado o momento de, na linha dos governos revolucionários, quebrar em muitos casos o princípio do custo-benefício, fazendo com que essa energia seja colocada à disposição das populações mais dispersas e, portanto, mais sofridas”.

• Do ex-limista Manoel Sala, deputado estadual do MDB,

comentando o “pedido de demissão” do prefeito de Campinas: “Os transfugas sempre se deram mal, vejamos os exemplos que o passado apresenta. As exceções, ainda hoje, são os secretários Ademar Filho e Rafael Baldacci, que passaram do MDB para a Arena. Mas eles já estão em decadência política!”.

• Do deputado Osírio Silveira, também sobre o prefeito campeineiro, mas rápido e rasteiro: “É um traidor — só isso basta!”.

• Do líder do Governo na Assembleia, deputado Nabi Chedid: “(um largo sorriso...)”.

• Na Assembleia Legislativa, a Arena vai passar por maus bocados e muito trabalho. Pepinos para resolver: veto à autonomia das estâncias; indicação de Reynaldo Figueiredo para a superintendência do Iamspe; indicação de George Nogueira para o Tribunal de Contas. Pepinos à vista: criação da empresa metropolitana de transportes urbanos e regulação da lei de

proteção aos recursos hídricos.

• Publicou-se outro dia uma fantástica história segundo a qual o presidente da Assembleia, Leonel Júlio, do MDB, assumiria o Governo do Estado para promover demissões em massa na área do secretariado estadual e das diretorias de empresas mistas. Um deputado (do MDB), não aguentou: “Isso — disse ele — está me parecendo conversa de fim de madrugada no Giovanni Bruno!”.

• Para “explicar” que não tinha pedido ao presidente Geisel a aplicação do AI-5 para conter o custo de vida, o deputado Korte Júnior, do MDB, disse que apelou ao presidente e aos órgãos da administração direta e indireta que “ussem da força do poder de que estão investidos, do poder que o povo lhes reconhece, para atuarem direta e eficazmente contra os atravessadores”. E saiu-se com mais esta “jóia”: “Entendemos que os atos de exceção constituem apenas e tão somente uma exceção”. Sem comentários.



Rigorosa e absolutamente verdadeiro: o ex-governador Laudo Natel não será candidato, em nenhuma hipótese, a qualquer cargo legislativo em 78. O seu objetivo seria voltar ao Palácio dos Bandeirantes, considerando que as eleições para os Governos estaduais serão indiretas, de novo. Dessa forma, ele procura mostrar que ainda tem liderança no Interior do Estado, tentando se transformar na única figura política viável para um duelo com o MDB nas urnas. Ou por outra: tenta se transformar em “solução natural”. No MDB, a luta interna, pelo menos aqui em São Paulo, será travada entre a democracia-cristã (Franco Montoro) e o populismo (Orestes Quércio). Mas, em pleito indireto, o único nome dentro do MDB viável para o Governo do Estado — desde que formados novos partidos — seria o do atual presidente oposicionista Ulysses Guimarães, velho ex-pessedista.

**Novas indústrias. Novos empregos.
Aumento de produção. Bens.
Divisas. Aperfeiçoamento de pesquisas tecnológicas. Incentivo
à atividade rural e agropecuária. Utilização de mão-de-obra.
Sistemas elétricos e de telefonia para a população do campo.
Crescimento de um Estado. Independência econômica de um País.
Bem-estar social do homem.
Desenvolvimento é isso: a utilização de recursos para a
integração das atividades produtivas nos três setores básicos
de uma ação econômica.
Um banco que traz o desenvolvimento no nome não precisa dizer
o que vem fazendo pelo Estado de São Paulo.**

DESENVOLVIMENTO



BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
Av. Paulista, 1776 - 1.º ao 6.º andar Telefone: PABX 289.2233 -
Telex: (011) 22763 Caixa Postal 3297 - CEP 01310 São Paulo - Capital



Marcos Freire em São Paulo

“Façamos todos, mesmo os pecadores do passado e do presente, uma frente de superação da exceção”

Fotos George Love

Louro, alto, olhos claros, 42 anos, casado, sotaque nordestino carregado (pernambucano), senador. Marcos Freire passa raras vezes por São Paulo. Apontado depois das eleições de 74, ao lado de outro senador do MDB, Orestes Quêrcia, como o mais populista dos parlamentares da oposição, Marcos veio participar de um dos raros programas políticos existentes na televisão de São Paulo: “Informação”, da TV-Bandeirantes. Mas impôs uma condição:

— “O meu pronunciamento deve ir na íntegra. Se sofrer qualquer corte por parte da censura, não quero que vá ao ar. E me avisem para que eu faça um pronunciamento”.

O “Informação” que vai ao ar na próxima segunda-feira e que foi gravado segunda-feira passada teve uma história movimentada. A Clack, que produz o programa, convidou dois senadores — Jarbas Passarinho e Marcos Freire — para um debate de alto nível. Os dois parlamentares, de início, aceitaram o convite. Mas pouco depois o senador Passarinho impôs uma condição:

— “Só participo do programa se for ao vivo. Não aceito o debate se o programa for gravado”.

Porque a emissora não pode atender ao desejo do senador e porque o senador arenista não recuou de sua posição, Marcos Freire fez um pronunciamento sem debates.

Estranhamente, apesar de Marcos Freire ser uma das forças de maior expressão nacional dentro do MDB, sua presença não foi registrada pela imprensa diária de São Paulo e não havia outros jornalistas nos estúdios do canal 13 além dos repórteres do AQUI e da revista TV-Guia, especializada em televisão.

Além dos repórteres, estavam no estúdio a esposa do senador, e mais dois assessores também com suas esposas. Eles acompanharam atentamente os debates e sorriram quando o apresentador do programa perguntou ao senador se ela contava com grande apoio feminino.

Entre as muitas explicações para a não presença de jornalistas políticos, há duas que me parecem mais prováveis: ou porque o jornalismo apresentado pela televisão — por ser muito “macio” — deixou de interessar e desacostumou a todos de dar-lhe importância; ou estavam todos preocupados com informações e boatos que corriam as redações de jornais de São Paulo, Rio e Brasília (e que preocupou inclusive o senador Marcos Freire, que leu atentamente uma série de despachos das agências noticiosas antes de começar a gravação) sobre possíveis endurecimentos na situação política nacional.

Se os repórteres políticos tivessem ido ao canal 13 na última segunda-feira teriam ouvido declarações importantes. Eu ouvi.

Narciso Kalili

Senador, o senhor achou correta a aplicação do AI-5 contra o ex-governador Cortez Pereira e outros corruptos?

MF — Eu acho que o AI-5 não deve ser aplicado em hipótese nenhuma. Mesmo quando se refira à corrupção. Corrupção deve ser apurada, os seus responsáveis devem ser punidos, porque como sempre eu digo, lugar de ladrão é na cadeia, e AI-5 não tem botado ninguém na cadeia. O AI-5 na verdade é até uma maneira de acobertar certos crimes que têm sido praticados neste país. Nós tivemos inúmeros casos anteriores que sob a alegação de se estar punindo corrupção, procurando inclusive angariar um certo aplauso coletivo, na verdade tem-se colocado uma pedra em cima destes delitos praticados contra a Nação. Corrupção implica em crime, e como tal, os que o tiverem praticado devem ser denunciados devidamente à Justiça, e pagar por ele. Temos visto pessoas que tiveram seus direitos políticos suspensos pelo AI-5 porque teriam praticado corrupção. Eu pergunto: e daí? Esses homens continuam soltos, nas ruas. Esses homens não restituíram o que porventura roubaram. Portanto, me parece que o AI-5, mesmo em se tratando de caso de corrupção, não é o instrumento adequado. Um país que se preza, um país civilizado, um país culto, tem que possuir mecanismos legais erigidos através dos poderes competentes para punir a toda e qualquer espécie de criminoso.

O senhor acha que o uso frequente do AI-5, principalmente em casos de corrupção, pode tornar popular este instrumento?

MF — Sobretudo se não nos permitirem usar os grandes meios de comunicação de massa para esclarecer o público. Então pode parecer que o governo está vigilante em punir corruptos. Mas não resolve o problema. E nós vemos, por exemplo, inúmeros casos do passado, denúncias de que agentes governamentais, muitas vezes escolhidos pelo chefe da Nação e que não correspondem à confiança neles depositada, usando de suas funções para se beneficiar pessoalmente, e que estão aí, até hoje, sem maiores padre-nossos. Porque o AI-5, quando muito, tira o mandato do político. Mas tem havido punição pelo AI-5 até de pessoas que não são políticos, de empresários, de outras pessoas que são ligadas a outros setores de atividades. E estas pessoas, com direito ou em direito político não verão alterada a sua conduta nesta parte de atentar contra os interesses coletivos.

Senador, o País está sendo agitado por uma série de denúncias envolvendo os chamados super-funcionários. Qual a sua opinião a respeito?

MF — Antes de mais nada deveria ressaltar que estas mordomias, estes tipos todos de privilégios de que certos funcionários vêm procurando se locupletar, são fruto de um regime autoritário, que durante anos censurou a imprensa impedindo que ela pudesse fazer o que hoje fez o jornal O Estado de S. Paulo. Denunciar coisas que são irregulares, coisas que não podem ser aceitas, coisas que precisam ser coibidas e como tal, responsabilizados aqueles que abusaram das funções que exerciam. Talvez estes abusos sejam inerentes a todo regime forte porque, este é um

velho princípio, o abuso do poder leva ao abuso no poder. E mais ainda quando este poder é limitado, quando não encontra restrições nem limitações sobretudo de ordem política. Outro aspecto a ressaltar é que foi a liberdade de imprensa, liberdade que ainda não atingiu a sua plenitude nos dias de hoje no Brasil, mas que de qualquer forma atingiu um grau melhor do que há alguns anos passados, que permitiu que chegassem ao conhecimento da opinião pública fatos desta natureza. E um terceiro ponto eu gostaria de salientar: não são esses os fatos mais escabrosos que deveriam ser apurados e responsabilizados no Brasil. Lembro-me bem da legislatura anterior, quando fazíamos denúncias, eu e outros companheiros do MDB, sobre casos que estariam ocorrendo, comportamentos ou atitudes de delegados do poder central. E todo o Brasil está lembrado, por exemplo, do caso do Paraná. O que aconteceu em relação a todos aqueles denunciados do caso do Paraná? O governador de então foi levado a renunciar. E daí? O que se apurou a seguir? Nada, absolutamente nada. Ao que consta, ele apenas perdeu o cargo que exercia e que recebeu de graça. E que perdeu também de graça. E neste interregno teria se beneficiado às custas do governo. Da mesma forma, houve denúncias seríssimas em relação ao governo do Distrito Federal, ao governo do Estado do Rio, ao governo do Rio Grande do Norte que agora teria sido punido pelo AI-5. O meu próprio Estado. O MDB, na Assembleia Legislativa de Pernambuco, no governo anterior, fez acusações gravíssimas, até inquéritos vieram a ser abertos em relação a certos desvios de verbas federais. E onde ficaram todas estas conclusões que ninguém viu nem ninguém olhou? Portanto, é necessário que se apurem esses casos de mordomia que estariam ocorrendo com estes chamados superfuncionários, mas é muito pouco, na verdade é apenas a ponta de um véu que precisa ser levantado para resguardo da própria honorabilidade do atual governo da República.

Senador, por que a imprensa levantou o caso das mordomias? Os parlamentares nunca se preocuparam com isso?

MF — Talvez especificamente não se tenha levantado esse problema da mordomia. Mas o MDB levantou inúmeras questões que no final das contas envolviam esse problema das mordomias. Lembro-me de colegas que levantaram o problema, por exemplo, dos chamados salários indiretos, inclusive chegou-se a apresentar projetos de lei no sentido de evitar remunerações excessivas por parte de certos presidentes de certas entidades. Ora, se naquele momento falamos de problemas salariais, direto ou indireto, implicitamente está incluída esta questão da mordomia. Eu mesmo tive oportunidade, antes do reajuste salarial deste ano, portanto em abril, de mostrar a necessidade de se estabelecer um percentual máximo entre o menor salário mínimo oficial recebido no País, e a remuneração máxima para esses funcionários. E isso não apenas no setor público. Isso é muito importante: não é justo que se caia em cima das empresas públicas. Se receber uma remuneração

muito alta do setor público — uma empresa, uma sociedade de economia mista ou numa empresa pública — pode realmente ser lesivo aos interesses coletivos, é necessário lembrar que isso também ocorre no setor privado. Em certas empresas, dirigentes recebem ordenados altíssimos e isso também é uma forma de lesar: muitas vezes, o pequeno sócio minoritário é que vai ser desfalcado. Se essas empresas pagam remunerações muito altas, devem estar baseadas numa forma de lucro que no final é ilegítimo também em relação ao grande público. Portanto, me parece que o MDB não esteve desatento. Lembro-me que os senadores Nelson Carneiro, Leite Chaves, Lazaro Barbosa, procuraram apresentar sugestões concretas para que se estabelecesse um paradeiro a esse verdadeiro acinte à população brasileira. Porque enquanto o homem que recebe o salário mínimo recebe uma quantia que não dá para satisfazer suas necessidades básicas, de alimentação, habitação, necessidades de artigos de higiene, de medicamentos, estamos vendo dirigentes de empresas públicas ou privadas ganhando milhões. Me parece que seria uma medida salutar do próprio governo se concordasse em se estabelecer uma limitação máxima entre a maior e a menor remuneração vigente no País, tanto no setor privado quanto no setor público.

Senador Marcos Freire, quem vai vencer as eleições de novembro?

MF — Eu acho que vai vencer as eleições deste ano quem fizer mais pontos do que fez na última eleição municipal, quem fizer um maior número de prefeitos do que fez em 1972, um maior número de vereadores. E, sobretudo, o partido que conquistar os centros mais populosos e que portanto têm um conteúdo político mais expressivo. Dentro deste ponto de vista poderá o MDB até perder em termos quantitativos, absolutos. Mas acredito que o MDB vai vencer porque vai conquistar terreno. Vai crescer e isto é uma prova de fortalecimento. É uma vitória. É o MDB que vai fazer um número maior de votos para prefeito e vereadores do que no pleito passado.

A Lei Falcão vai ter muita importância na campanha eleitoral?

MF — Através dessa Lei Falcão poderíamos dizer que o governo procurou boicotar a verdade. O governo muitas vezes tem dito através de seus porta-vozes que o MDB faz demagogia e deturpa a verdade. Se o governo estivesse realmente convencido disso, a oportunidade que teria para desfazer as nossas deturpações era facultar os grandes meios de comunicação de massa para que os representantes da ARENA viessem desmascarar o MDB. Mas isso não vai poder acontecer, porque eles cortaram justamente o meio maior que os parlamentares tinham de comunicação com o povo. Mas nem por isso o MDB vai quedar indiferente diante da necessidade de levar as nossas mensagens. Nós vamos fazer isso por todos os meios que pudermos, sabendo, no entanto, que a Lei Falcão é na verdade não apenas absurda em si mesma, mas sobretudo discriminatória contra a oposição. Talvez se pudesse dizer que ela cortou a oportu-

nidade de o MDB ir à televisão e ao rádio, mas também cortou a ARENA. Mas na verdade, o nosso adversário maior não é a ARENA. A ARENA tem pouco significado porque todo mundo sabe que a ARENA está atrelada ao governo. E cortaram portanto, os meios de comunicação de massa durante a campanha eleitoral ao MDB, mas não cortaram ao governo, cortaram à ARENA. E o governo está tendo oportunidade todo dia, através de programas muitas vezes massificantes, de fazer a propaganda do governo. Foi, portanto, uma lei com dois pesos e duas medidas, porque a oposição não tem a oportunidade que o governo tem de dizer o que precisa ser dito. Mas, apesar de tudo, esperamos poder superar estas dificuldades de comunicação durante a campanha eleitoral e levar nossa mensagem ao povo, apesar do cinema mudo, como está sendo chamada esta Lei Falcão.

Senador, há quem diga que os jovens não se interessam mais por política. A que o senhor atribui isso?

MF — Antes de mais nada, eu acho que o jovem necessariamente não precisa ingressar numa agremiação partidária para fazer política no País. Se a gente olhar a história do Brasil veremos que os jovens sempre participaram da vida política do País sem ser através dos partidos. Desde Castro Alves, Joaquim Nabuco, a Proclamação da República, inclusive a história mostra que as escolas se transformaram mais em jornais do que em escolas durante a campanha republicana; e depois, na Revolução de 30, o papel das escolas militares; a campanha pela redemocratização em 1945; o papel que sempre a mocidade teve independentemente de partidos políticos. O jovem é sempre levado a contestar o status que o cerca e portanto neste espírito de rebeldia, de inconformismo, e muitas vezes de colocar em dúvida as instituições vigentes, ele não tem porque optar entre duas agremiações políticas, sobretudo quando elas, como ocorre hoje no Brasil, apresentam muito de artificialismo. É necessário que o jovem tenha liberdade de participar consciente politicamente dos problemas de seu País, inclusive no habitat normal, que é a sua escola. Isso está praticamente vedado no Brasil. Este é um dos crimes que se está perpetrando contra o futuro do País. Portanto, acredito que uma opção partidária se deva fazer até depois; depois do diálogo, do debate, depois de se levar para dentro das escolas as discussões dos graves problemas nacionais. No entanto, no momento em que se alija do jovem este direito, no momento em que ele vê que ter uma participação política e não partidária representa um risco, ele pode ser levado realmente ao desestímulo. E isso é muito ruim. Isso depõe contra o Brasil quando adota essa orientação através de estatutos rigorosos, estatutos descabidos, estatutos que são verdadeiros apêndices do AI-5, como é o famigerado decreto-lei 477.

O senhor acredita que as eleições de 1978 serão diretas?

MF — Pela Constituição atual, evidentemente elas serão diretas. Agora, nós sabemos que acima da



Constituição existe um estatuto de exceção. E acima deste estatuto de exceção, existe a vontade do Sistema. Portanto, num regime assim discricionário a gente não pode assegurar nada de certo para o futuro. Mas eu poderia dizer sem ser futurólogo: eu espero que elas sejam diretas. Inclusive porque a experiência das eleições indiretas foi tão dolorosa neste país... Os escolhidos dentro dos gabinetes presidenciais nestes últimos anos que temos vivido deram resultados tão desastrosos que me parece que tudo isso deva servir de lição para que se entregue novamente ao povo o direito de escolher seus governantes. Essa é uma esperança que eu tenho e acredito mesmo que também o Presidente Geisel, se ele realmente tiver aqueles propósitos anunciados no início de seu governo de desenvolvimento político, econômico e social — ele teve oportunidade de dizer que havíamos deixado de progredir no campo político e que deixar de progredir no campo político era estagnar, e estagnar era retroceder. Enfim, eu acredito que o Presidente Geisel, que tem sentido toda esta problemática em que se encontra o País, ele sem dúvida já terá se apercebido da necessidade da manutenção do atual texto constitucional no sentido de que haja eleições diretas. Eleições em que o povo seja novamente chamado a optar, e que a vida dos candidatos seja examinada pelo eleitorado. Acredito que o consenso e até mesmo o patriotismo do Presidente Geisel fará com que ele assegure a realização de eleições diretas em 1978.

E o senhor será candidato ao governo de Pernambuco?

MF — Na verdade, isto não depende de mim. Caberá ao MDB definir quem seja o seu candidato. Eu estou na praça pública permanentemente porque acho que o homem público deve estar permanentemente em contato com o seu povo, sentindo as suas angústias diárias, para ser o intérprete destas angústias. Portanto, 78 quando chegar e se chegar com eleições diretas, vai encontrar um MDB preparado para a luta. E não só em Pernambuco, mas é possível que em todos os estados do Brasil. E será uma luta bonita porque representará o retorno à soberania do povo.

AQUI — Fazendo um balanço, de 74 pra cá, da atuação do MDB em termos nacionais, o sr. se diria satisfeito? Essa atuação motiva as pessoas que votaram no MDB contestando então a situação, a que repitam a mesma atitude? Como o sr. vê o panorama nacional, politicamente, do ponto de vista do eleitor?

MARCOS FREIRE — Teríamos que examinar inicialmente o contexto em que se deu a vitória do MDB em 1974. Nas eleições daquele ano, a crise brasileira, em especial a econômica e social, se agudizara. A insatisfação popular atingira como que o auge. Dentro dessa perspectiva é que o MDB alcançou aquela estrondosa vitória — sem dúvida, também através da ação desenvolvida pelo partido já algum tempo antes daquele 15 de novembro, em termos de procurar expressar aquele inconformismo popular. Parece-me que as condições da campanha de 74, inclusive com o acesso aos grandes meios de comunicação de massa permitiu que, num dado momento, o eleitorado se identificasse com as teses do partido, que talvez significassem principalmente a anti-política governamental. Então, acredito que termos ganho 16 das 22 eleições majoritárias representou aquele ponto de convergência, de encontro entre o que o povo sentia e o que o MDB expressava, através das tribunas parlamentares. Aliás, este é um aspecto que se deve salientar — que o MDB não se propunha, e seria falso, demagógico se o fizesse, resolver os problemas brasileiros. O que propúnhamos, pelo menos lá no Nordeste, era denunciar uma situação errada, caótica, prejudicial aos interesses da comunidade. Tratava-se em primeiro lugar de eleições legislativas; em segundo lugar, os resultados não nos deram a maioria no legislativo; e em terceiro lugar, os cerceamentos que cercam o Congresso Nacional possivelmente impediriam uma ação eficaz, mesmo que o MDB tivesse saído majoritário.

Então, se levarmos em consideração esse contexto, e a que se propôs o MDB, não há razão para decepção em termos da atuação do MDB. Além do mais, caberia considerar que permanecemos num regime de exceção em que o poder executivo se hipertrofiou, ele tudo pode, e traça os seus rumos quase que independente de nós, não só do MDB, mas da classe política, inclusive Arena. Somos testemunhas, no Congresso Nacional, que muitas das coisas aprovadas ou rejeitadas pelo partido governista o são contra sua vontade, não correspondem aos anseios dos seus representantes. Então, essas coisas precisam ser esclarecidas, enfatizadas, porque não estamos, na verdade, num regime democrático, em que as forças políticas podem se fazer sentir, influenciar nas decisões de cada um. Acho que o MDB, malgrado a crítica que poderia estar implícita em sua pergunta, tem seguido coerentemente a diretriz que traçou na campanha, pois a crítica da política governamental —



seja do ponto de vista político, econômico e social — tem sido reiteradamente feita tanto na Câmara como no Senado. Evidentemente o linguajar não é aquele da praça pública, muitas vezes até com certos aspectos científicos. Tem sido analisada a política tributária do governo — que realmente está a exigir uma reforma profunda; tem sido analisado o problema agrário — que não sido enfrentado de rijo nem por esse governo nem pelos que o antecederam; a política salarial; a política habitacional, e assim por diante. E poderíamos mesmo dizer que, apesar de poder parecer imperceptível, a influência do MDB, até em resultados concretos, se tenha feito sentir principalmente com a atual administração federal. Eu participei da legislatura anterior como deputado e lembro que os representantes — arautos do governo e seus líderes no Congresso defendiam aquela absurda tese — sempre combatida pela Oposição — de que era preciso deixar o bolo crescer para depois distribuir. Ora, com o Presidente Geisel, essa teoria veio a ser repudiada explicitamente no II Plano Nacional de Desenvolvimento — uma tese do MDB na legislatura passada e que era repudiada pelo Presidente Médici.

AQUI — Senador, seria possível estabelecer diferenças qualitativas entre o governo anterior e o atual? O que melhorou, o que mudou, o que se alterou? Num balanço entre os dois, o governo Geisel mostra um avanço, o povo tem obtido melhorias, a Oposição se sente mais á vontade. Quais os resultados concretos dessa mudança de governo?

MF — A própria referência que fiz ao II Plano Nacional de Desenvolvimento situa um dos aspectos diferenciadores da política governamental. Realmente, isso implica quase que numa orientação de filosofia política distinta do governo anterior, e no campo prático houve reformulações setoriais que significam uma mudança de rumo. Eu citei por exemplo a política salarial. Até a gestão do atual Presidente da República, o reajuste dos salários não tinha aquela preocupação de reaquisição do poder aquisitivo do povo, do poder real de compra dos assalariados. Era uma das teses que o MDB mais defendia e que com o atual governo passou a ser repensada, e vimos como o reajuste do salário mínimo passou a se dar 4m bases duas vezes maiores do que vinha ocorrendo antes. Já em 74, ano da campanha política, o governo não até se antecipou ao reajuste anual, normalmente dado em maio, e que naquele ano passava a vigorar em dezembro, com aumento de 10 dos 30 por cento estabelecidos para o reajuste de maio. Isso mostra que houve uma diferenciação no encarar o problema. Na política habitacional, o governo começou a dar guarida às críticas que eram feitas em relação à correção monetária que sacrificava muito o mutuário, onerado através dos financiamentos do BNH. E, no campo político se deixarmos o econômico e social propriamente dito, poderíamos lembrar que houve dados positivos a partir do próprio pleito de 74, com o respeito aos seus resultados, sem mudança imediata das regras do jogo — e nós estaríamos lembrados de como mudou o jogo em 65, após a vitória da Oposição para os governos de Minas Gerais e Guanabara. Houve, portanto, uma assimilação das vitórias oposicionistas por parte do Sistema, uma liberalização maior no que toca à censura à imprensa. Embora saibamos que ainda há alguns periódicos sujeitos à censura prévia, o fato é que foi relaxada essa censura na maioria dos outros órgãos. Portanto, há dados positivos, eu acho que esse governo realmente se orientou dentro de uma outra perspectiva, quando o anterior não oferecia perspectiva alguma a

não ser a manutenção do status quo. É verdade que podemos devemos mesmo acentuar aspectos negativos do atual governo, quando por exemplo começou a acionar desenvoltamente o AI-5 para cassar mandatos eletivos, evidentemente um retrocesso inominável. E ultimamente com essa "Lei Falcão", que vem tirar a oportunidade do debate que se dava de 2 em 2 anos na oportunidade das eleições. Portanto, acho que se pode dizer que esse governo mudou alguma coisa, setorialmente poderá ter mudado para melhor e também para pior, mas o fato é que ele passa como um período de transição, em face mesmo de se ter tornado muito mais aguda a crise econômica do País — a impressão que tenho é que ele está em fase de arrumação, para dar uma orientação própria, me parece bem distinta da do governo anterior. Talvez por isso mesmo tenha enfrentado reações muito grandes, muito profundas por parte de setores que apenas teciam loas ao governo anterior.

Sabemos que há grande insatisfação em certas áreas que eram o sustentáculo do governo anterior, dos governos anteriores, e por isso mesmo acho importante que — no momento em que o governo perde certos setores de sustentação — procure efetivar certos acenos de normalização democrática, para permitir a mobilização e a participação de outros setores populares que porventura venham sentir-se beneficiados por uma orientação mais condizente com os interesses da grande massa.

AQUI — Essa mudança, essa maior proximidade da Oposição ao executivo, determinou um comportamento diferente do MDB?

MF — O que me parece é o seguinte: no governo anterior não havia perspectiva de mudança do status quo, como o próprio governo apregoava. O atual, ao contrário, chegou a reconhecer explicitamente que havíamos estagnado no setor político e que isso significava um retrocesso que era preciso superar. Portanto, abriu essa perspectiva. Ora, quando, seja quem for, estando à frente dos destinos do País, assume um compromisso de avançar nesse setor — que é básico ao nosso programa, que é o da busca da legalidade democrática — evidentemente que conta, em princípio, com uma possível atitude favorável desse grupo partidário em relação a esse objetivo. O que não exclui fazermos toda a crítica, toda a denúncia quando esse governo se comporta diferentemente daquilo a que se propõe. No momento em que cassa alguém, em que faz acionar os instrumentos de arbitrio nesse momento tem o nosso repúdio. Como terá nossa palavra e comportamento de incentivo para toda atitude, todo ato, toda orientação que puder nos levar à superação do estado de arbitrio em que nos encontramos. Então, dá a impressão de que o atual Presidente da República vive esse drama — entre aquilo com que está compromissado, que é a normalização constitucional, e as dificuldades que estaria encontrando dentro de seu próprio esquema oficial, setores que reagiram em se atingir essa meta da democratização.

AQUI — O sr. acha que a reaparição do ex-presidente Médici teve algum outro significado, ou teria sido um simples pronunciamento?

MF — Eu acho que o pronunciamento do presidente Médici corresponde à orientação que ele se traçou no seu governo. Havia um imobilismo político. Então, nesse sentido, acho que qualquer setor por ele representado, por ele liderado, que se apresente à nação defendendo aquela mesma orientação anti-liberalizante, merece as nossas restrições. Acho importante que todos se convençam de que o Brasil não pode continuar nessa situação de exceção em que se encontra. E aí é importante assinalar que todos que quiserem engrossar essa luta, mesmo que tenham pecadinhos do passado ou esses grandes pecados do presente, e terem ontem e agora defendido o regime de arbitrio, mas que se convençam da necessidade de se incorporarem a essa frente de superação da exceção, têm lugar nessa luta, porque ela não pode se situar apenas dentro de um partido político, não deve ser apenas do MDB. E há vozes dentro da Arena sustentando essa mesma bandeira. Não que a luta redemocratizante seja um fim em si mesma como programa de um partido, mas evidentemente como um dos pressupostos de se atingirem metas que seriam extremamente favoráveis às melhores condições de vida para o nosso povo. Porque só através da legalidade democrática há liberdade e segurança para que os vários setores da opinião pública possam participar da luta pela emancipação nacional, inclusive possam lutar pelas conquistas de suas justas reivindicações. Acho que o governo ditatorial, por melhor que ele seja, não tem como satisfazer as necessidades sociais — ele pode até aparentemente realizar obras materiais, mas na verdade a obra de emancipação nacional tem que ser feita diretamente pelo povo. Portanto, essa é uma meta — entre outras metas, que podem até implicar em divergências — que tem que unir todos os democratas, independentemente de suas distinções de outras naturezas.

DIREITO DO CONSUMIDOR



Jacob Pinheiro Goldberg

Em substituição à dra. Zuleica Seabra Ferrari, a partir desta edição a coluna Defesa do Consumidor passa a se chamar Direito do Consumidor e estará a cargo do advogado Jacob Pinheiro Goldberg e uma equipe do "Aqui S. Paulo". Com muitos anos de militância forense na área de Direitos do Consumidor, Goldberg é também autor de várias obras de Direito, entre as quais "O Direito e a Ordem Jurídica nos Processos do Desenvolvimento"; "Du Droit à la Vie" (sobre o problema da superpopulação — trabalho para a Conferência Mundial sobre a População); "Aspectos Jurídicos sobre o Problema do Excepcional" (Conferência na APAE); e "A Legislação sobre o Idoso na Sociedade Contemporânea" (Simpósio do SESC, juntamente com o prof. dr. Jorge Andrews, da Escola Paulista de Medicina), além de livros no campo das Ciências Sociais e literatura (sua última obra — "Indoamerica", mereceu a seguinte manifestação de Carlos Drummond de Andrade: "... Refletindo uma consciência crítica e uma sensibilidade intensa diante do espetáculo contraditório e brutal do mundo de hoje, é uma reação vital de quem acredita nos valores humanos e tenta preservá-los contra a barbarie crescente...")

Sai defesa, entra direito

De repente, começam a surgir, na imprensa e fora dela, nossos ralpnaders de encomenda, pretendendo exercer a super-função de "proteger" o consumidor.

Por que a preocupação generalizada, além de repentina?

Talvez por duas razões principais: a) Necessidade autêntica de corrigir os excessos de um "consumismo" desenfreado; consciência de se criar um sistema de **Direitos do Consumidor**, sem a paternalista característica de Defesa, que já vem acompanhada da idéia de uma "síndrome abandonica" pouco democrática... b) Vontade de desviar a discussão do problema para aspectos secundários. Ficar no detalhe, esquecendo o geral, a urgência de se promover uma ampla troca de idéias sobre como sanear o conceito de que "Ao crescimento da produção deve corresponder igual elevação do poder aquisitivo da população".

É importante estabelecer algumas áreas nas quais o consumidor brasileiro tem tido um estrangulamento de pressões. Vamos a elas:

Compra de casa e terreno

Na compra do apartamento, da casa ou do lote de terreno, os maiores abusos se verificam. Inventam-se taxas e imposições de pagamentos sob todo e qualquer pretexto: "Acompanhamento de documentação", "corretagem", quando não o famoso **overpraisi** (o sobre - o - preço que qualquer firma de loteamento litorâneo inventa para lesar o vendedor e o hipotético comprador).

Neste item incluem-se a confusão e a má-fé, sempre em prejuízo ao comprador e muitas vezes com lucro apenas para os "atravessadores do mercado".

Quem não conhece os famosos negócios bilionários na Grande São Paulo, como no Interior, de aventureiros que enriqueceram da noite para o dia vendendo sonhos e ilusões, em cima de plantas fictícias?

A taxa de condomínio

Depois da compra do imóvel, vem os anos sofridos da **Ditadura do administrador, sob o arbítrio do síndico**. Duas figuras anedóticas, não fossem as implicações funestas que representam — sempre dispostos, em cínico conluio, a impor limitações aos direitos dos condôminos, dos filhos destes, limitações que violentam a Lei e que ainda por cima vêm acompanhadas de "contas" fantásticas, impossíveis de comprovar, quase sempre acrescidas de juros e multas extorsivas.

Mais: assembléias-gerais, convocadas em dias inadequados, e toda uma "regulamentação" que apavora o condômin e o inquilino, que por cansaço ou descrença se sujeitam às arbitrariedades mais estúpidas transformadas numa espécie de **Sub-Constituição Particularzinha** (cabe aqui uma observação sobre dois comportamentos já institucionalizados mas tão ilegais quanto desumanos — **Proibição de as empregadas domésticas utilizarem a entrada social e limitação de áreas para as crianças brincarem**, como se constasse da Constituição um artigo qualquer restringindo o direito de ir-e-vir de empregadas ou crianças. E o pior é a aceitação bovina de tal situação, um "amém" geral, por temor ao sr. síndico ou sr. zelador.

Alimentação

Há centenas e centenas de produtos apregoando vantagens que não possuem, promovidos muitas vezes por uma publicidade sedutora, azucrinante e inteligente, baseada nas técnicas mais aperfeiçoadas da Psicologia do Comportamento.

Vamos discutir tudo isso — a venda dentro de limites de bom-senso e da legislação pertinente, a comercialização dentro do limite do preço e das condições de higiene e qualidade exigidas.

Saúde

Essas "cadernetas" de organizações miliardárias que "vendem" a tranquilidade em caso de acidente ou doença mas que — na hora da emergência — quando o comprador vai examinar mais detidamente o contrato (impresso em letras minúsculas) que acompanha o título do qual é o proprietário, percebe cláusulas leoninas, que só lhe impõem obrigações.

E a indústria farmacêutica? Produtos proibidos em outros países, e outros vendidos sem receita médica e capazes de provocar graves sequelas. A publicidade desmesurada de medicamentos inócuos impingidos como verdadeiros elixires de felicidades.

E as **Clínicas de Rejuvenescimento**, prometendo sem base científica a vida eterna? E a de emagrecimento? E as de cirurgia plástica (cobrando quantias astronômicas por pequenas intervenções, porém acompanhadas de sublimar promoção através das colunas sociais dos jornais)?

O eletro-doméstico

Esta conquista de nossa civilização, muitas vezes transformando em martírio o "paraíso" que promete para nossos lares, comercializado em "suaves" prestações eternas, acrescidas de juros e taxas que nem a mais disparatada inflação pode absorver.

E, de cambulhada, a quase absoluta falta de assistência, dificultada por uma série de manchas e ardis com os quais se evita o "custo operacional".

O automóvel

Desde a "troca" nas esquinas da Boca até a moça sorridente que, servindo um cafézinho amigo, informa que você leva agora... e paga depois.

Só que o "agora" demora às vezes até 90 dias. E ainda tem o Consorcio, e o "lance" e o "sorteio", num carnaval permanente em que dançam figuras: o consumidor esbulhado e o vendedor habilidoso. (até onde se respeitam as Leis e até onde se violam os princípios gerais do Direito, que nem sempre precisam estar discriminadas rigidamente, já que existe uma **Noção moral e social que deve presidir o desenvolvimento da civilização**, visando o amparo daquele que é mais carente de informação?).

O ensino

Desde o curso primário até os superiores, repletos de aspectos que merecem detida análise e muitas indagações do consumidor.

A escola particular retribui em informação o que recebe em dinheiro?

Os lucros não são exorbitantes, em relação ao capital investido pelo estabelecimento de ensino? Por curiosidade, de quanto é esse lucro? E como andam os resultados do ensino? (Ainda agora, uma reportagem do "Aqui S. Paulo" — um teste com candidatos a vereador — revelou um professor universitário que deu mostras de uma triste incompetência).

E os livros didáticos, renovados anualmente, para gaudío das editoras, realmente trazem mensagens novas ou são formas audaciosas de venda imposta?

A participação do interessado

Um regra fundamental da democracia é a noção de consciência do Direito, como fundamento para o exercício do Direito. Ambos se desenvolvem paralelamente.

Assim, na medida em que o leitor levantar suas denúncias ou dúvidas, dando-se amplo direito de resposta e defesa aos acusados — estará aberta uma tribuna didática. Que corresponde aos anseios de uma imprensa livre, responsável e capaz de influir, positivamente, no desenvolvimento da sociedade.

As reclamações, denúncias, dúvidas, dirigidas à coluna, deverão vir assinadas, com endereço e se possível telefone, pois só serão publicadas e respondidas quando o leitor se responsabilizar por suas afirmações, relatos ou consultas. (Enderece para AQUI S. Paulo — Seção Direito do Consumidor — Rua Arthur Azevedo, 877, SP CEP 05404)

Fique tranquilo. São Paulo está no seguro.



Olhe ao seu redor.

Cada uma das riquezas que você vê em São Paulo são suas, e estão sob a proteção da COSESP - Companhia de Seguros do Estado de São Paulo: uma grande Seguradora do Governo Estadual para garantir o patrimônio público.

Mas não são só obras, empresas e bens estaduais que a COSESP protege.

Empresas privadas também.

Assim como você, e a sua família.

Pois além da sua responsabilidade para com o Estado, ela oferece ainda uma extensa e diversificada linha de serviços aos particulares: seguros para automóveis, vida em grupo, acidentes pessoais, incêndios, transportes, lucros cessantes, crédito interno, crédito à exportação, fidelidade, res-

ponsabilidade civil, rural e riscos diversos.

Lembre-se de tudo isso ao procurar uma companhia de seguros, e pense grande: escolha aquela capaz de atender a um cliente do tamanho de São Paulo.

Consulte o seu corretor ou chame a COSESP.

Você terá a mesma proteção que um Estado inteiro.



COMPANHIA DE SEGUROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Conselheiro Crispiniano, 72 - Telefone: 239.2911 - São Paulo



São Paulo - ponte do
progresso nacional.



Ninguém pode dizer que tenha sido de propósito todo aquele escândalo nos jornais, das moças massagistas que recebiam cavalheiros para algumas horas de relax, numa casa da rua dr. Vila Nova. Mas foi, certamente, a maior promoção grátis que um empresário já conseguiu para vender o seu produto.

A história do escândalo que fez o sucesso da empresa de massagens começa mais ou menos em 1973, quando um massagista mineiro, já beirando os cinquenta anos, resolveu abrir, em São Paulo, uma casa de massagens para homens, com atendimento "personalizado", por moças "especializadas", em "salas individuais". A idéia era tão boa como a do outro mineiro, que ficou rico em São Paulo quando lançou o pão-de-queijo e a coisa virou moda. Mas a onda do pão-de-queijo durou uns dois anos e as massagens parece que vão continuar.

No começo, em 1973, a empresa de massagens tinha muito pouco capital ou então queria investir o mínimo possível. Essa conclusão pode ser tirada pela primeira promoção que apareceu da casa: três ou quatro linhas escondidas no fim da seção Negócios e Oportunidades do Estadão. O empresário das massagens já estava mostrando aí um certo gênio para "mídia" e promoções: afinal, é de se supor que boa parte dos leitores da Seção Negócios e Oportunidades tem muito dinheiro sobrando sem a mínima idéia do que fazer com ele. A promoção era eficiente e de custo muito baixo.

O anúncio deve ter dado algum resultado.

Mas, logo em seguida, "pessoas de família" passaram a fazer denúncias contra a casa de massagens. Chamaram a polícia, chamaram os jornais e as moças de saias curtinhas apareceram nas primeiras páginas dos diários mais populares. Aí, o dono das massagens, Newton Ribeiro, chamou de novo essa imprensa para explicar que era só massagem mesmo, que o paulistano moderno precisava de relax. E de novo as saias curtinhas apareceram nos jornais.

Resultado: o negócio estourou.

Todo mundo ficou sabendo que mocinhas de saias curtas atendiam cavalheiros em salas individuais de uma casa da rua dr. Vila Nova Mesmo que fosse só para uma massagem.

O negócio de Newton Ribeiro entrou em prosperidade, ela abriu mais três casas, em bairros diferentes, arrumou promoções na televisão, lançou uma revista que é um primor de mau gosto e até contratou o Mário Américo, massagista da seleção.

E ninguém pode dizer que tenha sido de propósito todo aquele escândalo das moças massagistas nos jornais.

Só no Estadão no último domingo, havia 23 anúncios e de 23 institutos diferentes de massagens tipo moça-para-homem. E entre eles só havia um anúncio de um dos institutos de Newton Ribeiro, que é o maior empresário do setor.

Se há tantos institutos é porque há muita gente frequentando. Mas quem quiser que faça a experiência, no emprego, no clube ou na rua. É só perguntar a dez homens, que tenham automóvel e um bom emprego se já foram a uma massagem de moças. Ninguém vai dizer que sim e o próprio Newton Ribeiro justificou isso à repórter de Aqui: é o meio das esposas.

Acontece que as massagens são um costume novo que surge, como promessa de compensação do tipo de vida que se leva em uma cidade grande como São Paulo. E como ele é muito parecido, conforme dizem as más línguas, com uma forma nova da profissão mais velha do mundo, ninguém tem coragem ainda de confessar que gosta ou pratica esse novo costume.

Se os massageados têm medo das esposas e se outros dizem que massagista é um nome novo para prostituta, isso é culpa, na opinião de Newton Ribeiro, da ignorância e da falta de cultura desta gente brasileira.

Porque, em outros países, segundo ele, as massagens são encaradas de outra forma. Já visitou institutos de massagens em muitos países e afirma que a reação, fora do Brasil, é diferente. Ainda não visitou o Japão, onde a massagem é, de fato, uma tradição milenar. Mas promete que um dia vai lá.

Pode ser mesmo que a reação brasileira seja mesmo de falta de cultura. É só ver, por exemplo, o segundo caderno do jornal Hollywood Press, um tablóide editado em Los Angeles.

É um segundo caderno dedicado só para massagens. Mais particularmente dedicado a anúncios de massagens, com apenas quatro matérias de redação: uma sobre suicídio, outra sobre uma moça que conseguiu se manter virgem, as fotos da Miss Mês de Novembro (nua, é claro) e mais um artigo com esclarecimento sobre a masturbação e as formas corretas de substituí-la.

E os anúncios são com mulheres nuas.

A capa já é comprada por uma casa que se chama Vale das Bone-



cas, que anuncia, no meio das fotos, "alguma coisa extra que ninguém mais pode oferecer". Já o anúncio de uma outra casa tem uma ilustração menos sutil: uma mulher de chicote na mão. E como extra um desconto de 5 dólares para o mês de novembro.

Um outro estabelecimento, chamado The Human Orgasm, anuncia, na voz de uma mulher nua mas já um pouco gasta, inocentes massagens de uma da tarde às duas da manhã.

Sem falar no Sex Center, que tem massagens no primeiro andar e uma seção de "aprendizado de sexo" no segundo. Dizendo literalmente: Aprenda a arte e as posições do sexo com uma moça nua. Total contato de corpos garantido. A assinatura desta segunda parte do anúncio é da Academia de Aprendizado Sexual.

O Instituto Império de Cleópatra mostra quatro das suas dez sexuais massagistas nuas. E o Roman, mais agressivo, coloca a foto de duas mulheres, cada uma com um chicote na mão, oferecendo experiências exóticas. Parece que a chicotada lá faz sucesso.

E todas as 16 páginas do segundo caderno do jornal são assim. Com exceção de duas, onde há matérias, e outras duas onde os anúncios são de "Procura-se". Gasas de massagens que procuram moças, mesmo sem experiência anterior.

Aqui em São Paulo, os institutos do grupo Newton Ribeiro (agora ele já é um grupo) também têm sua revista, chamada Relax.

A revista, claro, é de promoção dos institutos. Mas de uma maneira bem menos agressiva que os anúncios de Hollywood. As moças aparecem, com suas saias curtinhas, em fotos fora de foco. E o patrão Newton Ribeiro aparece muito, lembrando os melhores tempos do Carlos Joel Nelli na Gazeta, quando o diretor ou o repórter tinham sempre mais destaque que o entrevistado.

As moças aparecem em posições normais, nada eróticas, sem lembrar, nem de longe, as poses dos jornais americanos.

Mas, se, como diz Newton Ribeiro, brasileiro não entende massagem por falta de cultura, com essa revistinha certamente ele já está dando os primeiros e ainda vestidos passos para civilizar o país.

MASSAGEM. O NOVO NOME DE UMA ANTIGA NECESSIDADE

Reportagem de Hella Shwartzkopff

Texto de José Carlos Marão

Fotos de Kerstin Weinschenck



GEISHA'S HOUSE

Um pedacinho do Japão no Brasil. Refinado, tranquilo, acolhedor. Lindas gôchais para atender o seu perfeito Relax. Bar japonês e americano. Stereo FM. Estritamente Classe "A".

AGORA EM CARTAZ, O ESPETÁCULO QUE VAI ABSORVER TODA A SUA TENSÃO.

stop

Massagens no Paraíso
Lugar tranquilo e aquecido
Massagens
Colchão de água
Banho de imersão
Horário: das 11 às 23h
Rua Mário Amaral, 372
Tel: 285-1380

LEVE SUA ESPOSITA AO RESTAURANTE.
Ela vai verificar, "in loco", a qualidade de seu INSTITUTO. Depois, v estara liberado, de "passaporte" a tiracolo, para frequentar tranquilamente o BRUT RELAX FOR MEN.
Este é um convite do RESTAURANTE INTERNATIONAL BRUT CLUB FOR MEN. Servido pelas "BRUT GIRLS". Musica ao vivo. Das 19 a 1 da madrugada, exceto domingos.
ENTRADA INDEPENDENTE
R. Dr. Eduardo de Souza Aranha, 223
Tel: 240-2191 - São Paulo.

"BRUT!"

stop

BRUT CLUB FOR MEN
"UM LOCAL ESPECIAL PARA VOCÊ QUE É ESPECIAL!"
R. DR. EDUARDO DE SOUZA ARANHA, 223
ITAIM-BIBI - São Paulo
Tel. 240-2991 - Estacionamento próprio

AR CONDICIONADO FM STEREO AMERICAN BAR
ENDEREÇO:
Brooklyn
R. JOAQUIM NABUCO,
Pacaembu
AV. PACAEMBU, 1248
Fone: 66 3896

Roma

LUGAR TRANQUILO PARA UM PERFEITO RELAX
SAUNA - MASSAGENS - BANHOS DE IMERSÃO - BAR - MÚSICA AS MAIS CHARMOSAS ATENDENTES EXCLUSIVO PARA CAVALHEIROS
HORÁRIO: 8:00 às 23:00h. - 2ª a 5ª.
FONE: 285-2420

CLUB FOR MEN

men only
Sauna coletiva - American bar - Cabelleiro
UM NOVO ESTILO EM RELAX

ALAMEDA LORENA, 1268



Na página seguinte, a casa de massagens e o depoimento do maior dos empresários do ramo.

Massagem é cultura. Uma cidade se cura nas salas de massagem.

Newton Ribeiro, o homem que lançou as moças massagistas, tem 52 anos, 6 filhos e 5 casas de massagens. Começou o negócio em 1973, com um "instituto" na rua Dr. Villa Nova. Mas fez tanto sucesso que, além de dono de uma agência de publicidade, de uma revistinha de circulação interna nos institutos pretende lançar uma revista para homens.

Nestes depoimentos de Newton Ribeiro para Hella Schartzkopff pode-se ver, por exemplo, que ele gosta de lidar com quem tem dinheiro:

"Nossos institutos são montados para um público de poder aquisitivo alto. Cada cliente paga uma média de 800 cruzeiros por sessão. Não é uma quantia pequena e isso seleciona as pessoas que frequentam as massagens. Essas pessoas são executivos, industriais, enfim, toda uma classe de dirigentes de empresas. São eles que entendem o que nós propomos em nosso salões, porque têm cultura elevada. As outras classes não iriam entender o nosso negócio."

Ribeiro também acha que os clientes precisam de massagens:

"Nossos clientes frequentam os institutos pelo menos duas vezes por semana. Essa classe precisa de um relax. O executivo é um indivíduo que trabalha com a cabeça. Não faz ginástica, fica sentado o dia inteiro. Quando sai do trabalho, senta no banco de trás de um carro e um motorista dirige. O nosso tratamento é muito necessário para o executivo: estimula a circulação e oxigena as células. Essa classe de executivos, nos grandes centros urbanos, é a que está mais sujeita ao stress e à perda de energia, sempre seguida de outros distúrbios."

"A massagista é um complemento importante na vida desses homens, porque, com a suavidade própria da mulher, ela consegue massagiar e tranquilizar o cliente. Ela faz com que um homem angustiado fique em relax."

Ribeiro também tem idéias particulares sobre cultura:

"A mulher é a massagista ideal para o homem e ignorar isso seria uma hipocrisia e falta de cultura. A nossa massagista tem duas funções. Ela é preparada para a massagem física, que relaxa o sistema muscular, e é preparada também para dar um relax à mente. Isso acontece porque ela conversa, estimula e orienta o cliente. A massagem manual, feita por moças, é bem diferente da massagem terapêutica. A massagem relax é suave e dispensa exercícios. É feita do dedão do pé, ao longo das pernas, passa pela barriga, vai aos braços e à nuca. Os movimentos, suaves, aliviam a tensão, aceleram a circulação e a oxigenação."

Newton também tem outras justificativas, para usar moças:

"Veja o Bradesco, que é uma organização de categoria. Eles estão fazendo uma promoção e usando uma moça bonita. Estão usando uma beleza de mulher. Nós, que fazemos um tratamento de stress, também temos de usar apenas coisas agradáveis. Recepcionistas bonitas e massagistas bonitas. Já disseram até que as moças aqui são prostitutas mas isso é outra falta de cultura. Elas têm ginásio e um título registrado no Serviço Nacional de Medicina e Farmácia. Elas ganham uma comissão de 30% e chegam a 10 mil cruzeiros por mês. Quem ganha dez mil cruzeiros por mês precisa se prostituir?"

"A maioria dos nossos clientes não diz em casa que frequenta nossos institutos. As esposas são contra esse tipo de terapia. Elas têm medo que seus maridos sejam atraídos pelas massagistas. Mas eu acho o contrário. Acho inclusive que elas estão sendo beneficiadas. A massagem cura o stress e então o marido tem condições, em todos os sentidos, de ser mais homem, mais companheiro, mais carinhoso. Ele vai para casa aliviado. Não tem sentido as esposas não admitirem que seus maridos sejam atendidos por moças. A conquista do marido por outra pode acontecer em qualquer lugar. Com a secretária, por exemplo."

Sem lembrar que as secretárias não andam de saias curtinhas, nem tão maquiadas, nem manipu-

THROUGH PHYSICAL PLEASURE, CALL:

THE HUMAN ORGASM

MASSEUSES YOUNG AND EAGER TO PLEASE. OUT CALL SERVICE

OPEN 1:00 P.M. TILL 2:00 A.M.

PHONE # 466-5767

"A NUMBER 1 CLUB FOR PREFERRED CUSTOMERS"

VALLEY OF THE DOLLS

\$5.00 off with AD

PHONE MASSAGE

OPEN 24 HOURS (BUT NEVER ON SUNDAY)

COMPLETE OUTCALL SERVICE

Services also available in Orange County.

936-6138

CHECKS, MASTERCHARGE & AMERICAN EXPRESS ACCEPTED

Massage

1369 N. LA BREA

- Regal Service Elegant Atmosphere
- Catering to particular gentlemen who want the very best
- Out of towners come get acquainted
- Complimentary refreshments

Paupers Penthouse

Where Everyman Is A King!

FULL BODY MASSAGE

"IF YOU COME ONCE, YOU'LL COME AGAIN"

WATERBEDS, COMPLIMENTARY SAUNAS AND DEEDOCUMENTS

lam homens nus, Newton justifica os uniformes:

"Elas não podem ficar vestidas dos pés à cabeça num lugar onde tem sauna, ducha, piscina. Elas não suportariam mais roupa do que usam, porque têm de entrar e sair o dia inteiro carregando clientes de um lado para o outro. E a temperatura é sempre alta, por causa da sauna. O ideal é o uniforme de ginástica. É prático e charmoso. Seria hipocrisia dizer que a gente não quer que seja bonito. Mas, apesar de tudo, queremos também aproximar as esposas de nossos institutos. Para isso, inauguramos um restaurante, onde os executivos poderão vir com suas esposas. Aí, elas serão servidas por moças com o mesmo uniforme das massagistas. E poderão ver que não há nada de mais."

Sobre sua própria esposa, ele diz:

"Eu cresci muito, ela ficou em casa. No começo da minha vida profissional, lá em Belo Horizonte, ela me ajudava muito. Mas, depois que os 6 filhos nasceram, ela não teve mais tempo para nada, além de educar as crianças e cuidar da casa. Mas eu cresci e ela ficou em casa. Isso acontece com a maior parte das esposas dos executivos."

Mas, quanto sua facilidade com mulheres, é mais prolixo:

Eu tenho um corpo de funcionários que me segue e cumpre rigorosamente minhas determinações. São 136 moças, entre 19 a 23 anos, e nessa idade é muito difícil lidar com elas. Mas eu consigo. É um dom. Sou amigo particular de todas elas, dou conselhos, ajudo como posso. É um dom. Em Belo Horizonte, uma vez, formei um pequeno exército de 500 moças, a torcida organizada do América Futebol Clube, onde eu era diretor social. Elas seguiam rigorosamente minhas instruções. Quando o Mendonça Falcão era presidente da Federação Paulista de Futebol e esteve lá, foi recebido com uma manifestação da nossa torcida feminina. Foi um manifestação de protesto, que eu liderei, por causa de uma atitude que o Falcão tinha tomado contra o América. Era uma quinta-feira e o povo saiu atrás das nossas quinhentas moças. Foi um delírio. Até o comércio fechou."

Sobre seu sucesso comercial, também explica com a cultura:

"O sucesso de minha organização deve-se ao fato de os paulistas e dos brasileiros em geral estarem se civilizando aos poucos. Há quatro anos, tive a intuição de que um negócio assim podia ser bem sucedido, porque uma massagista mulher, para uma massagem relax, é muito mais eficiente que um homem. Ela é o símbolo da maternidade, é paciente, é carinhosa. E também foi um negócio bem preparado, porque li muito a respeito, principalmente sobre os institutos existentes na Europa. O negócio teria sucesso. Mas a rapidez do sucesso e o crescimento do negócio aconteceu porque o paulista está se civilizando."

Um massagem, segundo Newton Ribeiro:

"Um cliente fica no instituto, em média, 3 horas. Entra, tira a roupa de trabalho e toma uma ducha. Depois, escolhe uma das terapias: sauna, banho turco ou hidroterapia. Depois pode fazer a massagem manual relax com a massagista, que também estará dando atenção aos seus problemas no trabalho ou em casa e, em voz suave, lhe dará conselhos com sabedoria. Depois, vai para uma das salas de repouso, onde pode até assistir a um show sem estar de gravata ou de sapatos. Ou toma uma bebida no bar."

E o executivo Newton Ribeiro, faz massagens de relax?

"Não. O número de empregados é grande. Os inimigos gratuitos são muitos e é preciso estar de olho neles. Vivo em tensão nervosa. Vivo tomando calmantes. Não tenho tempo para uma massagem manual relaxante."

A visita de uma senhora à casa de massagens para cavalheiros

Fui encontrar Newton Ribeiro em uma de suas casas de massagens, no Itaim. Entrei em uma salinha e apareceu uma moça de longo, maquiada como se fosse apresentadora de programa colorido de televisão. Era a recepcionista. Newton Ribeiro chegou logo e me levou para uma visita ao seu instituto.

Logo no primeiro andar, vi uma piscina.

E vi, sentadas em volta da piscina, algumas moças vestidas com meias colantes, blusas colantes e saias curtinhas. A maquiagem era também do tipo programa colorido de TV. Na água da piscina, só um barquinho, boiando.

Mais adiante vi um pequeno bar, todo revestido de vermelho.

Ao lado, vi as instalações de ducha escocesa, as cabines de banho, tudo em granilite branco. A sauna e o banho turco também estavam ali, perto dos banhos. Não vi nenhum homem, até aquela hora.

Newton me levou então por uma escada estreita e chegamos ao segundo andar. Vi mais mocinhas de saia curta.

Estavam sentadas por ali, cruzando e descruzando as pernas, mostrando que não é proibido usar sola grossa e salto alto com uniforme de tênis.

Newton me fez entrar em um salão grande. Vi uma moça loura, cantando uma espécie de bolero, acompanhada por uma guitarra. O foco de um refletor batia bem em cima dela.

Ao longo da parede, havia dez cadeirões, laqueados de branco e revestidos com almofadas amarelas.

Aí, sim, vi dois homens nus.

Eram jovens e estavam deitados nos cadeirões. Pequenas toalhas envolviam vagamente os corpos dos dois. Ao lado de cada um, havia uma moça daquelas de saia curta, em atitude de muita atenção.

Vi que os dois jovens estavam em estado de relax.

Dali, passei para o salão de barbeiro. Vi japonesas especialistas massageando o rosto e fazendo a barba de um outro homem.

Do salão, entrei por uma pequena porta e saí em um salão em penumbra, onde havia mais cadeirões tipo espreguiçadeira.

Vi, outros dois homens nus. E, mesmo na penumbra, deu para ver que estavam no mais absoluto estado de relax. Cada um tinha a sua atenta acompanhante sentada ao lado.

Ali pertinho, vi as salinhas individuais, onde são feitas as massagens. Newton bateu numa das portas. Uma mocinha abriu a porta, pôs a cara para fora. Vi uma luz azulada, lá dentro. E ela falou:

— Tem cliente.

A energia de Urubupunga vence a distância

A Subestação de Embu-Guaçu, recentemente inaugurada pela Centrais Elétricas de São Paulo S/A — CESP, desempenha um papel de máxima importância. Por meio dela, integram-se a energia gerada pelo maior complexo hidrelétrico da América do Sul, Urubupungá, e a Linha de Transmissão de maior capacidade de transporte em todo o País.

Localizada no Município de Embu-Guaçu, na Grande São Paulo, esta subestação recebe a energia gerada pelas duas usinas que compõem Urubupungá — Jupirá e Ilha Solteira, por meio de uma Linha de Transmissão de alta tensão (460.000 Kv).

Esta energia terá dois destinos: transformada para a tensão de 345.000 volts, será utilizada pelo Sistema Light, no abastecimento da Grande São Paulo. E na tensão de 138.000 volts, beneficiará a região do Litoral Sul do Estado de São Paulo, área de concessão da própria CESP.

ALGUNS NÚMEROS SOBRE A SUBESTAÇÃO DE EMBU-GUAÇU

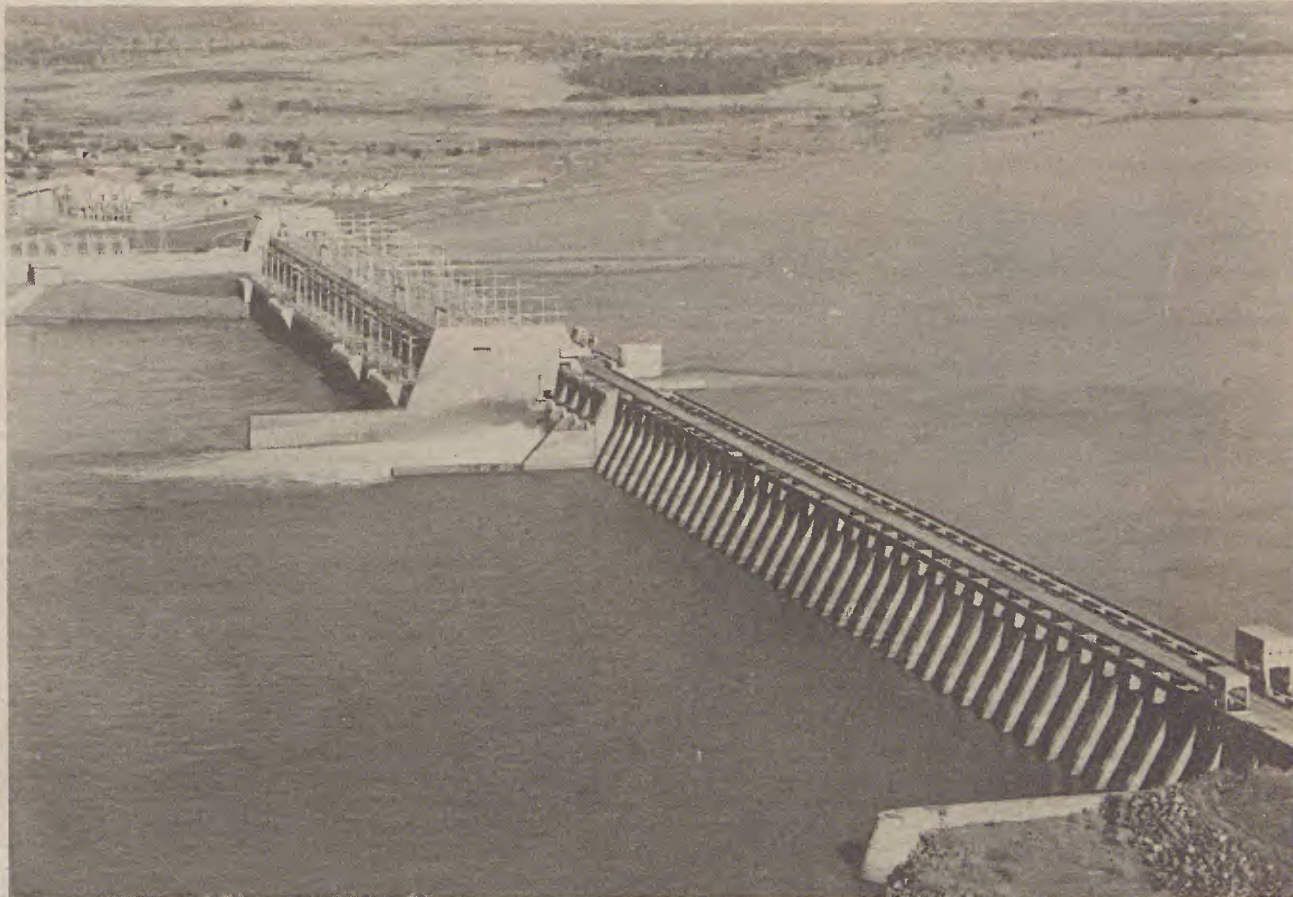
Área total: 325.760 m²Área da plataforma: 180.000 m²Capacidade de transformação: três bancos de auto-transformadores de 460.000/345.000 volts, com potência de 750.000 kVA cada um. Um banco de auto-transformadores de 460.000/138.000 volts, com potência de 150.000 kVA

Investimentos (desde julho de 1974): 164 milhões de cruzeiros (obras de construção, montagem, equipamentos e materiais). Até o término da obra: 330 milhões de cruzeiros.

UMA PODEROSA LINHA DE TRANSMISSÃO

A Linha de Transmissão que abastece a Subestação de Embu-Guaçu tem 627 Km e dois circuitos. Possui quatro cabos de Alumínio com alma de aço de 25 mm de diâmetro, por fase, perfazendo um total de 24 cabos e mais dois cabos pára-raios, em cada estrutura.

Para sustentar estes cabos foram erguidas torres metálicas com uma altura média de 46 m, e com um peso aproximado de 12 toneladas. Em toda a extensão da linha, foram implantadas 1.494 torres.

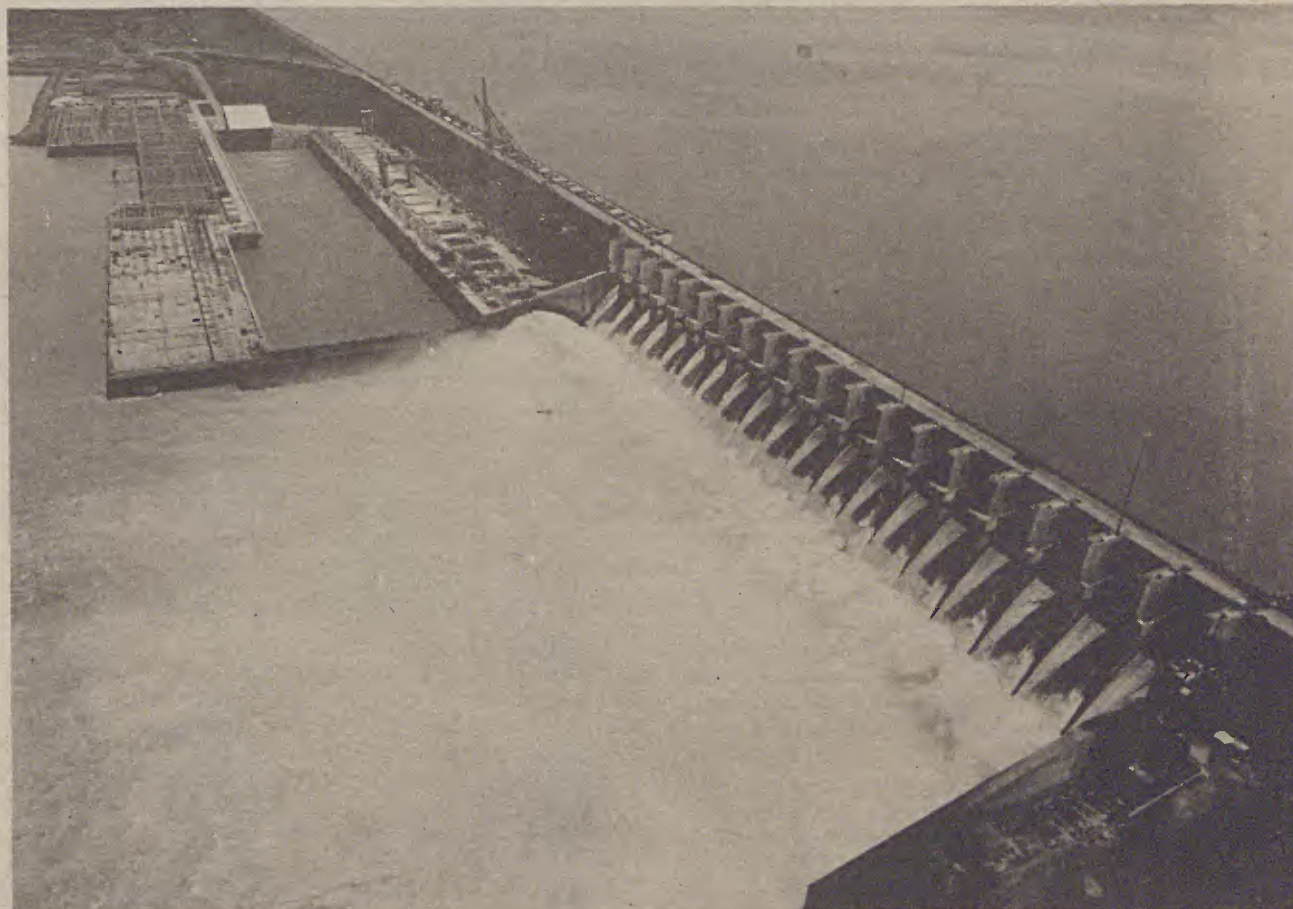


A Usina de Jupirá, com 1.411.200 kW de potência instalada, é uma das duas usinas formadoras do Complexo de Urubupungá.

Juntas, elas formam um anel elétrico em torno da Grande São Paulo.

Com a Subestação de Embu-Guaçu, e a poderosa Linha de Transmissão instalada, a energia de Urubupungá vence a distância e chega aos centros de consumo.

Esta Linha de Transmissão não é a única que chega à Subestação de Embu-Guaçu; mais duas chegam até a Subestação, numa tensão de 460.000 volts. Uma delas provém da Subestação de Cabreúva, e outra da Subestação de Santo Ângelo.



Ilha Solteira é a maior das duas usinas que formam o Complexo de Urubupungá, com uma potência instalada final de 3.230.000 kW.

Reportagem de Dácio Nitrini
Fotos de Joel Sian

Eleições

76

O HOMEM DE 25 MIL VOTOS



Um personagem clássico da política brasileira, que ainda existe, ou resiste.

Domingo também é dia de trabalho. Às duas e meia da tarde, o baiano Roque Gomes Trindade, 46 anos, 12 filhos vivos e 8 mortos, um tipo agitado, bigode aparado e cabelos pretos, lisos, vestido com seu habitual terno e gravata marrom, camisa esporte com bordadinhos verdes, vai saindo de casa para resolver "um caso de uma casa clandestina" que um contramestre construiu e que "vou ter que dar um jeito de aprovarem a planta lá na Prefeitura."

Por essa e por muitas outras, Roque talvez seja realmente o mais disputado cabo eleitoral de São Paulo. Ele diz valer 25 mil votos de nordestinos espalhados na região da Freguesia do Ó, e conta que sempre trabalhou para o MDB, mas que recentemente brigou com o partido e, apesar de ainda ser vice-presidente do diretório da região, agora está trabalhando para a Arena.

A casa de Roque é sem pintura, reboque e tijolos à mostra. Não há calçada, na frente passa o córrego Rio das Pedras, que começa na avenida Marginal e vai até o Parque Belém. Todas as outras casas do lugar são iguais, foram construídas pelos próprios moradores nos fins de semana.

Roque caminha para dentro e vai me chamando: — "Venha, venha conhecer, tem gente que pensa que eu sou rico, que ganhei dinheiro na política. Mas olhe, não repare, olhe".

A sala da frente tem dois sofás cobertos com plásticos, uma máquina de costura escondida debaixo de um pano cor de rosa desbotado, há uma mesa com a televisão em cima e uma foto na parede. Retocada, daquelas coloridas à mão, a foto mostra, numa montagem, quatro personagens, da esquerda para a direita: Jânio Quadros, o dono da casa, o falecido Brigadeiro Faria Lima, e um primo do dono da casa, emoldurados por uma madeira rococó dourada.

É impossível ouvir Roque falar e não lembrar de um comício. Ele usa todos os chavões aprendidos ao pé dos palanques e é às vezes atraído por atos falhos — "eu sou deputado" — para logo em seguida colocar o verbo, o cargo e o sonho nos seus devidos lugares: "eu seria vereador".

Mas isso é fácil de compreender. Antes mesmo de vir para São Paulo, ainda molecote de 17 anos, Roque já fazia campanha para o PTB de sua cidade:

— "Lá em Riachão do Jacuipe, perto de Ibirá. Sempre fui político, tenho o dom da política. Eu enxergo nela a purificação do homem, um poder que Deus dá para que ele seja distribuído sem privilégios. Mas lá era sempre o PSD que mandava e todo mundo sabe que política no nordeste é meio arrastada. Como eu era do PTB, tive que vir para cá meio corrido."

É o que era o "Coronel" no campo

Roque chegou aqui em 1960, foi morar na Freguesia do Ó, naquele tempo já um bairro muito procurado pelos nordestinos, e arrumou emprego no DAE, o antigo Departamento de Águas e Esgotos:

— "Tinha dois filhos pra sustentar e só consegui trabalho na pá e na picareta. Com licença da palavra, meu irmão, trabalhei tempos e tempos com merda no pescoço. Lutei. Um dia surgiu um político, o Dr. A Campos, que arrumou para mim trabalhar no escritório do Hospital do Servidor Público. Lá eu recebia os cadáveres, lavava, vestia e entregava para a família velar. Vivi disso sete anos!"

A família de Roque é grande porque ele é contra a pílula — "ela faz mal, em Feira de Santana abriram o útero de uma mulher e encontraram 250 pílulas sem dissolver!" Ele acabou tendo 20 filhos, dos quais 12 estão vivos, o mais velho com 19 anos e o mais novo com 1. Como, não se sabe, mas junto com eles, nessa casinha, vive uma outra família, de 8 pessoas, recém-chegada "lá de cima", ainda sem condições de se instalar por conta própria.



— “Mas não se preocupe, Roque já está cuidando dos respectivos empregos.

Nenhuma dificuldade é solucionada na região da Freguesia do Ó, Parque Itaberaba e adjacências, sem a presença dele. O cabo eleitoral tem uma função muito importante. Há quem diga que representa na cidade o que representava o “coronel” no campo, na época do voto cabresto. Roque descreve episódios de sua vida:

— “Só hoje já passaram 8 pessoas pela minha casa. Uma era o guarda do Grupo Escolar que tinha problemas na delegacia... Olha, aqui na minha zona é assim: se cai doente é o Roque que leva para o Pronto Socorro; se vem do Norte e não tem onde ficar, deitamos no chão, comemos num dia, não comemos noutro; tem rua para asfaltar, é o Roque quem vai pedir; é o Roque que arruma matrícula no ginásio lotado; é o Roque que vai ajudar na delegacia. É assim o meu trabalho, de porta em porta, fazendo benefícios e dizendo sempre que o candidato é fulano de tal, o candidato é fulano de tal, o candidato é fulano de tal.”

E não é só no bairro que ele atua. Há alguns meses se integrou na Federação Espírita do Estado de São Paulo;

— “Com humildade, aprendi na Federação, para a qual eu me honro em trabalhar gratuitamente 4 dias na semana como médium-passista, que a gente cuidando dos outros é que Deus cuida da gente.”

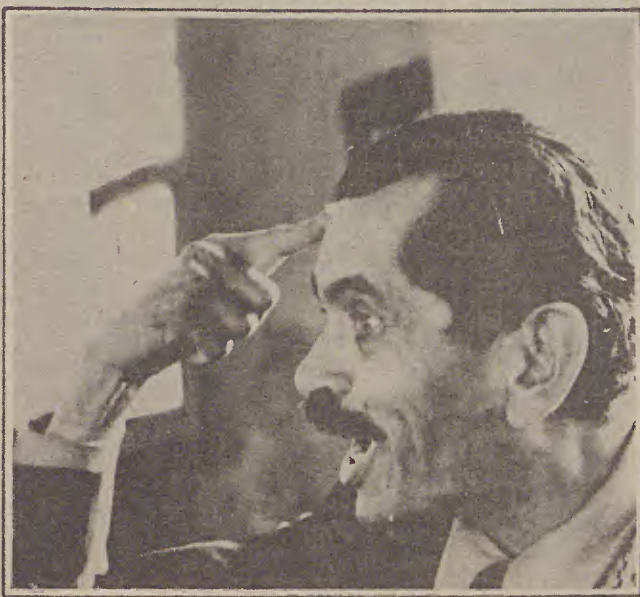
Começou com Farabulini

O primeiro político paulista que usou os seus serviços para se eleger foi o ex-deputado Farabulini Junior, em 1960. Dezesesseis anos depois, a lista é extensa: Roque trabalhou na campanha de Jânio, para governador; em 3 campanhas para eleger o deputado Dias Menezes; para o deputado Laerte Corte; para o vereador Naylor de Oliveira, quando este era do MDB; para o deputado Gióia Junior; para o deputado Manoel Sala; e, por último, para campanha do deputado federal Aírton Soares.

Seus contatos acabaram resultando num empreguinho de mil cruzeiros mensais, como motorista contratado da Câmara Municipal. Vieram as eleições de 74 e o atual deputado Manoel Sala insistiu em que ele trabalhasse apoiando a candidatura do deputado Adalberto Camargo. Roque não aceitou, preferiu ajudar na campanha que elegeu Aírton Soares deputado federal e, em represália, conta Roque, o deputado Manoel Sala demitiu-o. “Coisas da política”, sorri resignado.

Quatro dos seus filhos estão sentadinhos, quietos, ouvindo o pai discursar em voz alta para o microfone do gravador, como se estivesse falando para rádio-ouvintes:

— “Eu chego em todos esses políticos que citei o nome e exijo: Porque? Porque trabalhei para colher votos para eles. De pedidos, daqui no bairro eu tenho mais de 20000 obras realizadas, dois grupos escolares, que consegui na época do Faria Lima, quando o Dr. Celso Hanne veio almoçar na minha casa. Quando eu trabalho para alguém, acho que ele tem o dever de vir até minha casa para sentir meus problemas. Mas o ilustre deputado federal Dias Menezes é padrinho de um filho meu que morreu com 6 anos



por falta de assistência médica. Ele nunca me chamou para dizer — “Ô Roque, você vai ter o ganha-pão dos seus filhos.” Eu, graças a Deus, não tenho um centavo, mas disputava uma eleição de cabeça erguida para conseguir a única coisa que almejo: ter, amanhã e depois, o pão da minha família.”

O processo e o fim do sonho

Mas ser vereador, deputado, senador ou presidente da República está fora de cogitação. Em 1968, “numa época em que dizer que era do MDB afugentava o cabra que estava do lado”, Roque comprou uma televisão sem nota fiscal. Passaram-se alguns dias e a polícia bateu em sua casa. Foi preso e envolvido num processo (que ele diz que é forjado), e condenado a um ano de reclusão por “receptação de objeto furtado”. Advogados amigos conseguiram que ele não precisasse cumprir a pena. Por causa desse processo, os sonhos de Roque nunca serão concretizados, pois a lei não permite candidatos com antecedentes criminais. Ai está o começo de sua briga com o MDB:

— “Se for candidato saio com 25 mil votos só aqui na Freguesia, e pinga em todas as urnas, mas o deputado Aírton Soares, que eu ajudei a eleger — suponhamos, só para supor, hem, 2 mil votos —, mostrou o processo do partido que ia escolher os nomes dos candidatos. Naquele dia eu falei para todos, inclusive na TV Bandeirantes, que já estava na hora de começar a pensar em mim mesmo.”

Desse dia em diante Roque passou a integrar um grupo liberado pelo suplente de vereador Eden Arruda, que resolveu lançar uma segunda chapa na Convenção do MDB. O grupo não conseguiu porque o requerimento foi apresentado fora do prazo mas, como constataram que não havia número suficiente de pessoas para se atingir o quorum exigido por lei, entraram com um pedido de anulação da convenção. Quem assinava o requerimento dirigido ao Tribunal Regional Eleitoral era Roque Gomes Trindade.

Garantia de uma refeição?

Tudo isso acontecia e o vereador arenista Sampaio Dória, presidente da Câmara Municipal, montava sua campanha em busca da reeleição.

A “Lei Falcão”, que restringiu a propaganda política em rádio e televisão, está ressuscitando esquemas de promoção como cartinhas de pêsames, “felicidades pela data natalícia”, de distribuição de jogos de camisa para times de várzeas, e fortaleceu mais ainda a figura do cabo eleitoral. O vereador Dória, que a Arena considera um dos que devem ser eleitos de qualquer maneira mandou dizer a Roque que “gostaria de bater um papo”.

Nessa parte da história Roque faz questão de reproduzir teatralmente o diálogo entre ele e o vereador Dória:

Vereador — Roque, qual é a condição para você trabalhar para mim?

Roque — Não quero nada. Só quero condições de ganhar as eleições, nunca trabalhei para perder.

Vereador — Quais são, então, essas condições?

Roque — Em primeiro lugar um Pronto Socorro. Modelo para a Freguesia do Ó, meu sonho há 15 anos. Quero um Centro Educacional funcionando, quero a canalização do córrego Rio Verde, várias pavimentações de ruas e alguns empreguinhos de servente.

Vereador — Está certo, Roque, eu lhe dou tudo. Mas e para você o que você quer?

Roque — Eu quero o ganha-pão dos meus filhos, se o senhor achar que eu mereço, estou nas suas mãos.

De jeito nenhum ele contou de quanto dinheiro precisa para sustentar a família. Levanta-se, aponta para os poucos móveis, diz que não vai a cinema, não gasta com diversão e que é só olhar com bons olhos para perceber quanto é. Abre a janela e do outro lado do córrego, duas Kombis com propaganda do vereador Dória estão estacionadas.

Veio o café de caneca enquanto a gurizada tomava banho para tirar a fotografia em frente da casa. Um Dodge Dart parou por perto. Visitas, outros, descontentes com o atual MDB: os políticos Eden Arruda, Antonio Carlos Fernandes e Cláudio Marengo, que vieram busca-lo para discutir a nova convenção de domingo.

— “Ahhhhh, até que enfim estão fotografando o vereador articulador da impugnação da Convenção” — ironiza Eden Arruda.

Depois da foto, Roque vai embora no Dodge Dart. Amigos importantes, pelo menos até novembro; afinal, aquele baiano vale 25 mil votos.

É muita falta de educação

As principais peripécias desta história podem resumir-se assim:

23 de junho — Realiza-se, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), a exposição Um Século de Pintura em Paris — a 1 SPP promovida também em Brasília e Rio de Janeiro pela embaixatriz da França, Marie-Edith Legendre, com organização da parisiense Galerie de France. Era, pode-se dizer, como que uma retribuição à exposição que o Brasil montou (60 telas de 18 dos maiores artistas brasileiros deste século), durante a visita do presidente Geisel a Paris, em fins de abril. Nesse dia 23 de junho, no MASP, Jacques Lassaigue, diretor do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, pronunciava uma palestra, para apresentar a exposição. Dizia: "Realmente a experiência é apaixonante e faço votos que muitos responsáveis pelos museus de amanhã venham experimentar, como eu, o que foi tentado aqui". Jacques Lassaigue referia-se — após vários outros elogios — ao trabalho desenvolvido pelo diretor do MASP, o seu colega brasileiro Pietro Maria Bardi. (V. palestra de Jacques Lassaigue: "O Museu de Arte de São Paulo torna-se assim um dos primeiros".)

5 de julho — O jornal paulista Última Hora anuncia na primeira página: "Escândalo: quadros falsos na exposição do século". Na página 13, o colunista Gilberto di Piero dizia que havia um Cézanne e um Modigliani "acusados, por experts paulistas, de falsos". Dizia mais a nota que a embaixatriz, avisada pelos "experts", não havia concordado em deixar de expor as duas "pulgas".

6 de julho — Procurado pela imprensa, o diretor do MASP, Pietro Maria Bardi, declara: "Em minha opinião, o Cézanne e o Modigliani não são autógrafos dos Mestres". Ou seja, nos dois quadros em questão, as assinaturas dos autores tinham sido recusadas como inautênticas por vários especialistas, como Lionello Venturi e John Rewald.

9 de julho — "A opinião do professor Bardi é de única e exclusiva responsabilidade, e não envolve o ponto de vista do Conselho do Museu". Era o que dizia, assinando artigo na Folha de S. Paulo, o presidente do Conselho Consultivo do MASP, Roberto Costa de Abreu Sodré, ex-governador de São Paulo. Ele considerava "deselegante" o fato de Bardi — diretor-técnico do MASP — falar na inautenticidade das obras após a inauguração da exposição.

12 de julho — Falando a AQUI, o professor Bardi dizia fazer agora questão de despir-se do cargo que exerce no Museu desde a sua fundação, 30 anos atrás. E, apenas na condição de "conhecedor de pintura", dizia o que achava da atitude dos franceses responsáveis pela gafe: "Pra mim, é um desaforo". Em "carta aberta ao sr. Abreu Sodré" (a entrevista e a carta foram publicadas em AQUI nº 35), dizia ainda o professor Bardi que nada havia comentado, antes de ser interpelado pelos jornalistas, por uma questão de ética: Bardi era o anfitrião da exposição; já tinha inclusive silenciado diante de outros desaforos — como o fato de uma exposição chamada Um século de Pintura em Paris deixar de apresentar, no Brasil, ao menos por "cordialidade", obras de pintores brasileiros que são verdadeiras "crias" da Cidade Luz, como Antônio Bandeira, ou Vicente do Rego Monteiro.

9 de agosto — Tudo parecia superado, quando — principalmente na imprensa carioca — começa a baixaria. O Globo publica cartas do diretor do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris — o mesmo Jacques Lassaigue que elogiara o trabalho de Bardi —, mas desta vez favorecendo o mexicano; Ibrahim Sued chega a anunciar como certo o afastamento de Bardi da direção técnica do MASP. V. adiante a reprodução da notícia "Pé na Cova". Nesse dia 9, noutro jornal carioca, o Jornal do Brasil, o cronista de coquetéis Zozimo Barroso do Amaral chamava de "tumultuada e pouco polida" a figura do professor Bardi — a quem também não se envergonhava de chamar de "carcamano", em evidente atitude de preconceito contra a nacionalidade italiana do brasileiro Pietro Maria Bardi:

10 de agosto — O professor Bardi, colunista de Artes Plásticas de AQUI S. Paulo, traz à redação um artigo onde se confessa obrigado a reabrir a polêmica, diante dos ataques recebidos. Com elegância e humor capazes de tocar as mais exigentes inteligências ou sensibilidades, o professor defende-se, mais uma vez. Cita-se, para isso, trecho de uma carta de solidariedade que recebeu, de um "francês muito ilustre": "... os Europeus têm grande tendência a tomar os países de além-mar por velhas colônias, às quais podem enviar não importa o que seja, e elas não têm senão que agradecer. Bravo..." (Tradução da própria redação; o trecho está no original, em francês, no artigo do professor publicado a seguir). A conclusão que o professor tira, com tristeza:

"Infelizmente não são somente alguns europeus a raciocinar em termos coloniais; temos em casa pensadores ainda adormecidos no berço do século XVIII que acham normal a dependência colonial, e agradecem qualquer esmola".

"Eu próprio engraxo os meus sapatos"

Imaginava encerrada a polêmica dos quadros não-canônicos aninhados na exposição Um Século de Pintura em Paris, após as duas páginas do AQUI (nº35). Ao invés, convidam-me para novas núpcias e, assim, devo reabri-la pois o dr. Roberto Sodré, presidente do Conselho Consultivo do Museu (e não do Conselho Diretor, como o qualificam os jornais), fez publicar no O Globo cartas do sr. Jacques Lassaigue, diretor do Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris (e não não diretor do Musée d'ART Moderne que é o grande MAM de Paris). Nas cartas mexerica-se fatos que tentam deformar completamente a verdade, apoiados pelos petulantes lava-pratos dos donos do vapor.

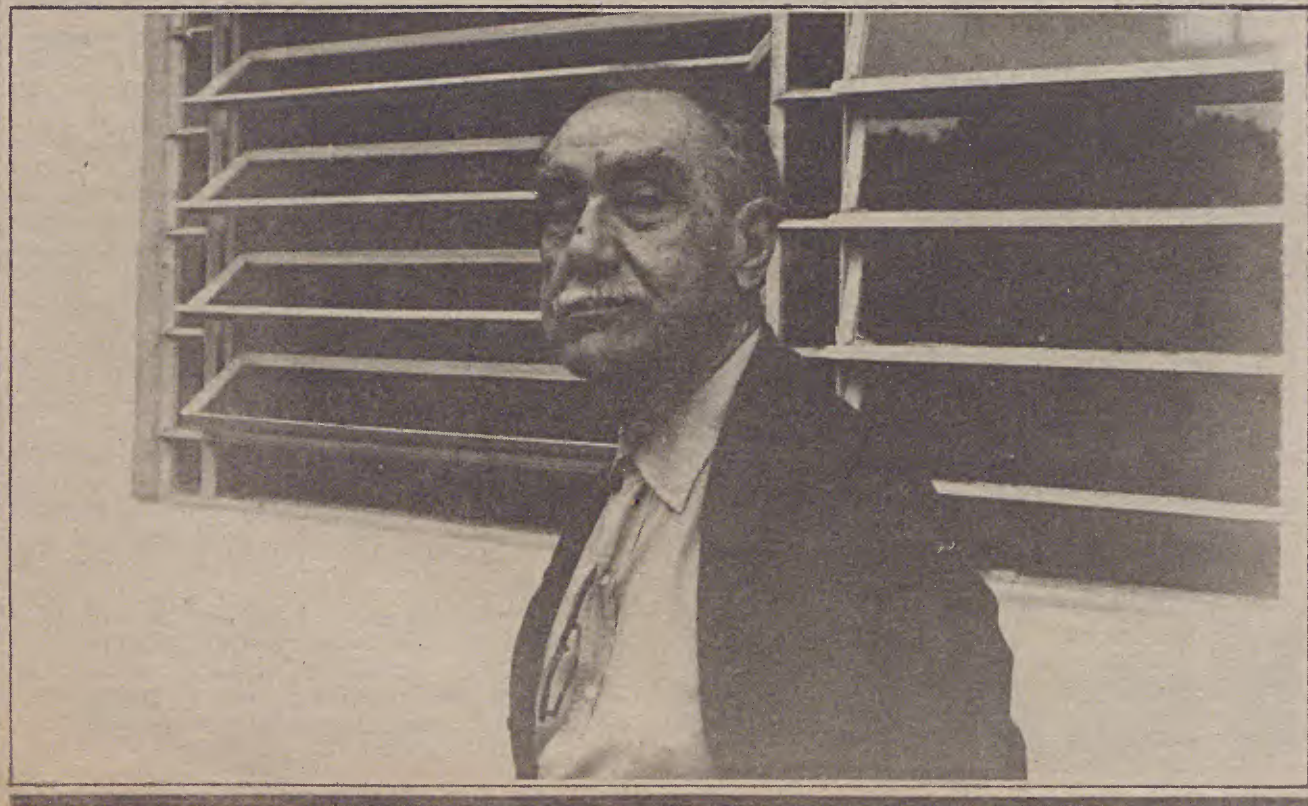
Uma das cartas é dirigida a mim, deselegantemente divulgada sem me informar, com a evidente finalidade de distorcer os fatos, aval da notícia encomendada aos ditos lava-pratos, de que ele iria me afastar do cargo, pensando (erradamente) que sou o Luís da galerista Lígia da novela Anjo Mau; última nota a faturar é de O Globo:

Nacional de Brasília a liberação de sua residência oficial às margens do Lago.

Pé na cova

Está acertado o afastamento do Sr. Pietro Maria Bardi na direção do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seu substituto também é de origem italiana.

O jornal "Sovetskaya Rossiya", de Moscou, deu este conselho na sua



N.B. — Nem sabem o nome do Museu, que é, em todas as letras, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Não gosto de chinas advogatescas próprias dos causídios "azzeccagarbugli". Por isso, pedindo desculpas ao eminente Estadista e ao eminente Solega francês repito (completamente) mais uma vez:

1 — Hospedando a exposição que doravante (como escrevem nas atas os tabeliões) passará a se nomear 1 SPP (longe de mim convidar a inventar calembours), o diretor-técnico do MASP (membro da Diretoria Executiva), por ÉTICA, não deva e não podia catar pulgas, porém lamentando a fastidiosa presença de duas delas. O lamento ficou entre si e os colaboradores diretos, confiado todavia numa carta reservada ao sr. Walter Clark, diretor da Rede Globo, benemerentíssima patrocinadora da mostra — nunca o MASP foi tão visitado por ocasião de um acontecimento periódico, desde a sua fundação, em 1947, devendo-se isso aos chamados do Canal 5; o lamento sufocada se compunha das seguintes mágoas:

a) a ausência, na 1 SPP, dos Mestres protagonista do tempo: Manet, Van Gogh e Toulouse-Lautrec (na verdade os organizadores solicitaram reforços ao MASP de uma obra de cada um destes Indispensáveis, imediatamente postas à disposição do Maomé

parisiense, peregrino à Mecca dos Impressionistas e Pós-impressionistas: "O Artista de Manet, o "Fourcade" de Toulouse-Lautrec, a "Arlesiana" de Van Gogh, (esta última pintura colocada no catálogo com o título de "O Escolar" ...) Pela historieta da 1 SPP: estas três pinturas foram emprestadas ao peregrino com todo o prazer — nós paulistas mais preocupados do que os parisienses, para que eles não fossem apontados como ignorantes em história; e desrespeitosos para com o nosso povinho — ansioso em apreciar aquelas celebridades. Acontece que as três telas nunca foram retiradas (tanto que nas manifestações de Brasília e Rio de Janeiro não figuraram e — **extraordinário** — os encapulados na cortina dos festivais mundanos não notaram a ausência, e alguns críticos as deram... como expostas);

b) que a Embaixatriz da França não correspondesse à cordilidade, corrente no país mais cordial do mundo, a ela dispensada (aqui invoco o testemunho da senhora Raquel Babeko que apresentou), e nem desse respostas às cartas que gentilmente solicitavam-na a informara ao MASP a respeito dos programas festivos que ela andava divulgando nas crônicas sociais, sem dar o mínimo conhecimento aos (na sua cuca) plumados anfitriões; o que obrigou o suplicante a rever toda a história da diplomacia européia, com grave perda de tempo, sem porém encontrar o cado de uma embaixatriz cuja opinião fosse a de que o diretor de um museu é um daqueles cronistas sociais que enchem as calças de pipi ao receber um bilheteinho de cônsul honorário;

c) que a 1 SPP estava sendo anunciada não como iniciativa da Embaixada da França, mas outra origem, em folhetos de propaganda comercial da conhecida **Galerie de France** (que alguém confundiu com o Louvre): 33 Faubourg St. Honoré, Paris 75008; não só no folheto (fac-símile publicado no *Aqui* (nº 35) mas até nas publicidades comerciais da sua sede na revista *L'Oeil* anunciando que a **Galerie de France** realizava o negócio (textualmente) no "**Musée d'Art Moderne de la Ville de São Paulo**", isto é, mesmo sem saber que foi destinatário da mercadoria era o MASP;

d) que ao MASP, pela primeira vez em seus 29 anos, fosse imposta a cobrança de ingressos de 10 cruzeiros para (os paulista) verem a 1 SPP — a qual, sem o providencial suporte do nosso acervo, seria julgada uma apresentação francamente modesta, quando se pensa quais e quantos tesouros Paris conserva da vivência que determinou a virada estética do século;

e) que tenham os arranjadores da 1 SPP, ignorado e desprezado a participação dos brasileiros na Escola de Paris, muitos dos quais mais válidos que os poulains semi-anônicos da écurie da **Galerie de France**. Acharão graça os do Quai d'Orsay, mas nós do Terceiro Mundo ou País em Desenvolvimento, como eufemisticamente dizem os supers das Multinacionais, teríamos praticado uma política mais proveitosa na 1 SPP: lendo-se o texto que o Bardi, a convite **multissimamente** lisongeiro daquele grupo global jornal-tv (que agora o consagra como empregadinhos do MASP nas suas decadentes crônicas sociais), podia-se descobrir que, depois de 1816, a luz dos nossos artistas veio total da "Ville Lumière"; uma diplomacia perspicaz sugiria o quê? Aqui a aula: visto que Paris foi o lar da pintura internacional, na qual também os brasileiros participaram, por que não juntar um autor brasileiro, se os brasileiros até ganharam lá as Bienais de Paris? Quando o MASP foi convidado a apresentar parte de sua coleção no Japão — naturalmente — incluímos 5 brasileiros e não tendo 1 japonês no acervo, pedimos a Manabu Mabe que nos emprestasse uma tela, o que, lá foi muito apreciado. Por isso teríamos gostado de ver a "Galerie de France" incluir na 1 SPP: 1 Bandeira, 1 Piza, 1 Vicente.

f) razoável porção de outros etcéteras não-públicos, pois eu próprio engraxomeus sapatões, deixando os cronistas sociais cariocas engraxar os dos seus patrões.

2 — Então: engulidos os indigestíssimos sapos a, b, c, d, e e os inúmeros f, contrariando o caráter de um autêntico Diabo de Pijamas ou, como senten-

ciou o *Aqui*, de um Cacique: boca de Siri, esparadrapo colado em cima, justamente para não estragar a pateticidade dos discursos de ocasião, o julgamento (entre damas) das toaletes em exibição, aqueles braços tão pouco protocolares entre na turma dos convidados de smoking o juramento era não intranquilizar os supêes, e toda aquela rodada mordida da agonizante Casa Grande. Então: não estragar os festejos; boa cara, em presença de jogo que não vai; invenção de doença (náusea) para que os protagonistas do acontecimento (que nada tinha a repartir com as coisas da Arte) não fossem incomodados.

3 — Eis, porém, que a bendita **Última Hora**, de improviso, denuncia a presença na de obras dúbias na 1 SPP.

4 — Aos repórteres (os capaciosos boatizam uma **inexistente conferência de imprensa**), o que deveria responder o Bardi? Nem estou a dizer. Mentir seria fazer o papel de **IMBECIL**. Texto da declaração abolutamente pessoal "um ilustre Dr. Sodré, quando, de improviso abriu fogo contra o declarante, falou em nome do Conselho Consultivo do MASP; eu, mais modestamente, falei como simples conhecedor de pintura): "Em minha opinião o Cézanne e o Modigliani não são autógrafos dos Mestres. "Não dava material para armar uma tragédia shakesperiana a respeito de um fato comum entre autorizados práticos do ramo, pois as opiniões sobre a arte até nas ditaduras — são permitidas. Por paradoxo, pode-se até dar o caso de um dia se demonstrar seja errônea minha opinião sobre o tal Cézanne (do qual falei com **exemplar PRUDÊNCIA**, pois no Brasil sabemos qual a origem pela permanência entre nosso autênticos acens-trais de uma Ordem tardiamente liquidada pelo Maquês de Pombal; o sr. Lassaingne não diz uma **palavra lavando suas mãos**, na carta que me escreve, limitando-se a dizer que o Modigliani nunca foi posto em discussão). Nada de mau. Cabeçudo, (com minha opinião), permanecerei (na boa companhia de Lionello Venturi e John Rewald que — **repito** — **rejeitaram** o Retrato de Camoins nos seus catálogos dedicados a Cézanne). Continuarei também com a mesma opinião depois que o extensor de um recente certificado de "autenticidade" em favor de um **ridículo FALSO Pancetti**, — rejeitado no catálogo que está sendo dedicado ao Mestre pelo prof. José Roberto Teixeira Leite, certificado assinado por um rapazola — dispara fuzil sem balas, balconista de um Escritório de Arte Local, e chutante analisador de questões que não pode sequer discutir por proverbial falta de caráter e, naturalmente, de saber.

Nem me interessa o quê, entre um **drury** e outro, rodeia numa outra cuca, a do menestrel Sued, versado somente nos graves problemas do bife e do caviar, articulador do roteiro da mais incrível tragicomédia: o registro do luxo e da insensibilidade do tempos emergenciais. De um outro subproduto de menestrel, o do J.B. (Jornal do Brasil), o quê dizer? De que vive faturando, aos por ele badalados, como marchand-amateur, a preços astronômicos a exatidão pictórica que manda sua mulher executar? Uma destas "obras" circulou recentemente em São Paulo: comprei-a por 150 cruzeiros. Espero vendê-la ao próprio colunista em manager da artista: mande cheque 165 cruzeiros.

Como o leitor já deve estar cansado desta bagatela from Paris, concluo com o comentário de umas das cartas que recebi. Não é de brasileiro, é de um francês muito ilustre: ele se congratula pela pontualização das minhas notas sobre o caso em questão e diz: "... Les Européens n'ont que trop tendance à prendre les pays d'outre-mer pour d'anciennes colonies à qui ils peuvent envoyer n'importe quoi et qui n'ont qu'à remercier. Bravo..."

Infelizmente não são somente alguns européus a raciocinar em termos coloniais: Temos em casa pensadores ainda adormecidos no berço do século XVIII que acham normal a dependência colonial, e agradecem qualquer esmola de "n'importe quoi".

Quem são estes inocentes ainda não aculturados, o leitor, a esta altura, deve ter identificado.

Pietro Maria Bardi

A palestra com que o diretor do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris apresentou, em São Paulo, a exposição Um Século de Pintura em Paris:

Antes de falar — conforme me foi solicitado — da arte francesa contemporânea, quero dizer-lhes que a apresentação de uma exposição de arte francesa moderna, como acabo de realizar aqui no Museu de Arte de São Paulo, foi, profissionalmente, se assim posso dizer, uma experiência apaixonante. Efetivamente, pela primeira vez na minha vida, a exposição que eu devia montar foi integrada no acervo do Museu que devia recebê-la, apoiando-se neste, completando-o ou desenvolvendo-o em alguns casos, enriquecendo-se de suas riquezas prolongando-o naturalmente em formas mais contemporâneas.

Que progresso com relação às exposições que chegam prontas do estrangeiro, às vezes mal adaptadas, isoladas e pouco compreensíveis! Aqui as obras são completadas e esclarecidas pelas outras já familiares, permitindo uma leitura melhor. Tal experiência tornou-se possível graças à notável e muito engenhosa forma de apresentação imaginada por meu amigo Bardi e, creio, pela Sra. Bardi. Nela, o partido da clareza e da valorização de cada obra é perseguido até seu final lógico.

O Museu de São Paulo torna-se assim um dos primeiros e dos mais fruidos desses novos **museus abertos**, cuja primeira tentativa foi feita pelo grande arquiteto Auguste Perret, após a guerra, na reconstrução do Museu do Havre, e cujas realizações mais recentes são as do Museu Van Gogh de Amsterdam e do Museu de Arte Moderna de Madrid; e, finalmente, o Centro Pompidou de Paris, que será um notável centro de experimentação. Bardi jogou o jogo até o fim. Isto é, conservou a transparência do vidro das paredes até mesmo na instalação interna.

Em vez de tolher a liberdade do espaço pela intromissão de painéis móveis (solução geralmente adotada na apresentação de quadros), ele os dispõe em lâminas de vidro fixadas ao chão por bases volumosas de cimento. A obra assim permanece realmente no espaço (com o verso acessível para o acompanhamento didático necessário).

Está longe o tempo dos museus tradicionais com a sequência de salas de dimensões diversas, solenes ou íntimas. Salas às quais as obras a expor deviam-se adaptar. Aqui o espaço existe em função da obra, sujeita-se a ela e só contribui para valorizá-la. A própria obra ganha em liberdade. Para a maioria dos criadores de hoje, iludindo a servidão do cavalete, a obra expande-se segundo suas vontades, pode integrar materiais novos e elementos externos, pode se desenvolver em muitas dimensões.

As possibilidades oferecidas por esse novo modo de apresentar são infindas, e suas vantagens podem-se avaliar, pensando-se nas dificuldades de adaptar uma velha construção às necessidades de transformações e às exigências de exibição da arte moderna. Aqui qualquer combinação torna-se possível, cada obra vive nela mesma e pode assim ser submetida a qualquer confronto. O Museu moderno exige esta contante mobilidade pela introdução de elementos externos ou complementares (assim como esboços e desenhos preparatórios, como acaba de ser realizado no Museu de Arte Moderna de Dijon, inaugurado há um mês). Desta forma será criado o museu vivo, acessível a todos, onde o público é admitido na intimidade e familiaridade da obra da arte.

O que poderia haver de mais marcante nesta exposição que estamos realizando — não numa sala isolada, mas no próprio coração da pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo. As obras prestigiosas de uma coleção famosa de pinturas francesas, os Manet, os Renoir, os Vang Gogh, os Lautrec, já familiares ao público brasileiro, ficaram. Vemos assim, a poucos metros, os Monet, os Renoir, os Cézanne vindos de coleções francesas. Admiráveis conjuntos de Picasso e Modigliani encontram seu natural prolongamento nas obras cubistas de Braque, de Gris, nas obras de Rouault, de Vlaminck, nas peças escolhidas de Chagall, de Soutine, de Pascin, vindas do Museu de Paris.

Os Dubuffet, os Fautrier reencontraram-se além das fronteiras e anunciam a eloquência das mensagens novas de Hartung, Soulages, Poliakoff. As obras sucedem-se e relacionam-se sem descontinuidade, e portanto cada obra permanece na sua plenitude e isolamento. Realmente a experiência é apaixonante e faço votos que muitos responsáveis dos museus de amanhã venham experimentar, como eu, o que foi tentado aqui. Diria que esses meios novos são exigidos pela arte que é a nossa, a qual é chamada a interpretar um papel sempre maior na evolução da vida que traduz... (23 de junho, MASP.)

JOANA FOMM ESTÁ PROCURANDO GENTE.

Uma velha que quer montar um grupo adolescente. Foi como o diretor de teatro e televisão Antonio Abujamra definiu Joana Fomm. Estavam os dois, dias atrás, junto com o produtor Altair Lima (Hair, Jesus Cristo Superstar), discutindo negócios: os três ficaram sócios. De repente, Joana — a atriz — estava discutindo problemas de montagem com os dois. E foi também diante do entusiasmo de Joana que Abujamra a definiu daquele jeito.

Agora, falando à repórter Hella Schwartzkopff, Joana Fomm confessa que é isso mesmo: "Tá certo, sou. Mas o Abujamra se encantou com a idéia e disse que a melhor coisa que ele teve na vida foi o seu grupo. E é essa melhor coisa que eu quero ter de novo."

Atriz de Todas as Mulheres do Mundo (de Domingos de Oliveira, com Paulo José e Leila Diniz); Macunaíma (de Joaquim Pedro, com Grande Otelo); Gamal, o Delírio do Sexo (de João Batista); desquitada e trabalhando aos 22 anos; e dois anos depois já engajada em seu primeiro trabalho com um grupo de

teatro brasileiro, o Arena, onde ficou "até a redentora" — como diz Joana. "Aí o Arena sumiu", e de lá para cá todo mundo entrou em guarda, cada um encontrou "sua forma de escape", hoje não sobra nada, "só porcaria". Joana teve de fazer televisão "para não morrer de fome". Mas a idéia — reclama ela — "é todo mundo sentar e discutir, e ler e escolher uma peça, mas não deixar morrer a idéia do grupo".

Com essa idéia, faz um ano que Joana vem procurando amigos, antigos participantes do Arena "que ainda não entraram pra Globo", e sentiu que todos têm "muita ansiedade por um grupo, Davi José, Antonio Fagundes, Miriam Muniz, todos".

No meio de toda essa luta, morando só com o filho de 2 anos, resta ainda a batalha pela felicidade de mulher: "É claro que eu gostaria de amar. Gostaria de encontrar alguém, mas uma pessoa que é um tipo que eu ainda não conheci, e que tem de estar disposta a conhecer uma coisa nova. Se acontecer, vai ser pro resto da vida."

ACABOU O OBA-OBA, VAMOS TRABALHAR!



"As vezes me sinto sozinha. Me sinto um executivo. Adoro quando me dão ordens, por exemplo. Que barato! Mas também não é isso que eu quero."



Joana Fomm divide a vida com um menininho de dois anos, seu filho. Mora no Sumaré, é magrinha, uma beleza sem retoque. Joana é atriz, de teatro, cinema e televisão. Poeta e jornalista no tempo que sobra. E volta ao palco com um grupo fantástico: Joana, Altair Lima, Antonio Abujamra.

— "Como vai o teatro em termos de peças e autores?"

— "Só porcaria. O grande problema do teatro foi a censura. Não há autor brasileiro. Aí você encontra o Zé Vicente e vai procurar violentamente outro, e não encontra. Ou então é como o Plínio Marcos que não passa na censura. Muitos foram embora e muitos pra televisão, e nunca mais escreveram nada pra teatro nem nada. Era preciso que a gente não tivesse essa excessiva confiança que a gente tinha antes da redentora. Era preciso mesmo ter passado um tempo físico de amadurecimento. A gente precisava deixar passar dez anos e ter tido de trabalhar na televisão. E essa parte do pessoal que estava engajado fazendo Arena ou Oficina ter tido de se embananar mesmo, porque a vida de repente perdeu todo o sentido.

— "A gente tinha de se vender por pouco pra sobreviver. Eu sobrevivi mesmo, só de comer. Vi a entrevista do Nelson José, na *Veja*, e a de Antonio Pedro numa outra revista, e está todo mundo chegando ao seu caminho. E os caminhos são muito iguais, sabe? Um não desmente o outro. Todos podem conviver. Agora é que é a hora. Naquela época foi feito o teste, e ninguém passou. Aquele pessoal mais jovem era muito mal informado. A gente fazia a coisa por intuição. E os líderes também não informavam nada. A gente era um pouco usada, a gente convinha. Mas a informação era necessária pra gente sobreviver. Agora não dá mais pra tapear.

— "Cada um encontrou sua forma de escape. Acontece que, no primeiro encontro, essas formas de escape vêm à tona. Cada um entra no seu personagem favorito e começa aquela zona. Também existe um medo danado, né? Fica todo mundo oriçado, com a sua guarda e seu personagem. Mas o que tem é de doer, tem de descascar, tem de entrar no fundo pras pessoas poderem partir. Não sei qual o tempo que leva esse processo. Talvez eu tenha achado que essa coisa podia acontecer em pouco tempo."

— "Você está montando seu grupo baseada nessa idéia?"

— "Bom. Faço parte de um grupo com Altair Lima, Antonio Abujamra. Acho que agora é que a gente está saindo do adormecimento. Acabou o oba-oba da coisa, e pra mim é vital fazer esse grupo, senão, não interessa. Acho que agora as pessoas estão assumindo essa necessidade. Todos falam em fazer grupo. Dina Sfat e Paulo José estão montando o teatro deles, com esse sentido com Chico de Assis. Também. Guarnieri fica oscilando. Acha um pouco impossível. Desde que comecei só posso pensar em termos de grupo. E de repente me percebi ali, no meio dos meus sócios discutindo uma montagem. O Abu disse que eu sou uma velha que quer fazer um grupo adolescente. Tá certo, então sou, mas ele se encantou com a idéia, e disse que a melhor coisa que ele teve na vida foi seu grupo. E é essa melhor coisa que eu quero ter de novo."

— "Mas se o grupo encontra dificuldades financeiras, como fazer?"

— "Fazer teatro só porque você tem de fazer não tem o menor sentido. Não sobra nada. Estou fazendo novela na Tupi. Tenho de fazer, porque senão morro de fome mesmo. Com o grupo eu acho que já se pode dispensar a televisão e é essa perspectiva que eu acho maravilhosa. Mesmo que se ganhe menos. Talvez até essas condições favoreçam a criação. Então muito bem. Eu topo isso. Mas fazer só uma montagem e perder dinheiro pra ter de continuar fazendo televisão? E daí? Qual o sentido? Então é melhor trabalhar como contratada, escolher a peça, perguntar quem vai trabalhar com a gente, qual o diretor, ganhar bem, e acabou. Mas a idéia é todo mundo sentar e discutir, e ler e escolher uma peça. Mas não deixar morrer a idéia do grupo. Acho muito importante que as pessoas vão ao teatro e gostem e se

divirtam e paguem. Eu acredito no homem, e se a peça for boa vai chamar gente, e eles vão entender o que estamos fazendo. E vão retomar o hábito de ir ao teatro. Porque o que importa depois da montagem, da apresentação, é o público. E aí pode dar pra sustentar o grupo."

— "Vocês estão estudando uma peça do Zé Vicente. Vão montar?"

— "A gente queria estreiar em 20 dias, e eu disse pro Abu que em 20 dias eu faço novela de televisão. Se é um grupo meu, quero estreiar alguma coisa acabada. Eu posso até perder dinheiro, mas perco acreditando, faço acreditando. Acho melhor deixar a peça do Zé Vicente pra depois. Acho muito bacana levar a peça do Zé — que é maravilhosa (*A Regra do Jogo*), mas não sem tempo. Abu passou uma semana inteira me xingando, e eu ouvindo e dizendo que bobagem. Aí ontem eu comecei a xingar ele, e ele ficou com ódio de mim. Mas é que eu acho que o fundamental não é levar uma maravilhosa peça de estréia e parar por aí. Não quero me arriscar a fazer uma produção, e tudo bem, e acabou. Isso não me interessa. Quero fazer um trabalho que dê condições pra sedimentar o grupo. Quando tive essa idéia há um ano, fui procurar todas as pessoas que tinham sido do Arena e que ainda não tinha entrado pra Globo. E todas têm muita ansiedade por um grupo. Davi José, Antonio Fagundes, Miriam Muniz e todos."

— "E se não é o Zé Vicente, quem, então?"

— "Pensamos em Dois na Gangorra. Mas estamos lendo um montão de peças, inclusive uma que interessou muito, *O Voo do Pássaro Selvagem* do Audimar Conrado. O que a gente quer é uma peça que chegue lá dentro do público. Alguma coisa que fique dentro, plantada. Eu tive uma experiência muito vital e esclarecedora nesse sentido, quando estava no Arena. Nós levamos pro norte, na época do Miguel Arraes, uma peça do Lope de Vega, *O Melhor Juiz é o Rei*, em versos, e levamos a peça numa concha acústica, pra 5 mil camponeses. Descemos pra concha morrendo de medo, porque as pessoas atiravam coisas, parecia futebol. Um disse lá de dentro eles batem na gente se não entenderem. Juca de Oliveira fazia um Romeu e eu Julieta. Ambos fresquíssimos, porque era uma visão paulista. Fomos tremendamente vaiados e então nós ficamos brutais na mesma hora. Eu virei uma paraíba em cena, e eles começaram a reagir com a peça como nenhuma paulista reagiu. Tinha uma hora em que eu aparecia com um vestido desenhado pelo Flavio Império, lindíssimo, branco, imaculado, e tinha um "bife" de página e meia de texto. Pensei que eles iam me matar, e comecei dizendo que estava ensanguentada, violentada. Pô! Você ouvia uma mosca voando. Foi a maior emoção da minha vida como atriz. E eles passaram a torcer pelo meu personagem e o do Juca, como se fosse filme de mocinho. E era Lope de Vega, e em versos."

— "Mas está faltando uns Lope de Vega aqui, não é?"

— "Acho que se a gente dá uma emoção pra uma pessoa, essa emoção já é o entendimento. Não precisa um raciocínio brilhante, teórico, citando autores. Se falta tripa, não emociona nunca. Se a gente não montar o Zé Vicente agora, a gente pode fazer um recital do João Cabral de Melo Neto. A gente pega uma porção de poesias dele e faz um recital. Aí eu perco dinheiro mas não faz mal. Sei que estou fazendo alguma coisa que está sendo entendida, e isso é importantíssimo. Não acredito que uma pessoa, por mais burra e ignorante e idiota que seja, ouça o *Cão Sem Plumas* sem chorar. Sabe? Tem uma hora que chora mesmo. Não está entendendo bem o que é. Pensa uma porção de coisas, mas tem uma hora que a pessoa é tocada no mais vital dela. É preciso deixar sair um pouco de sangue. Sem intelectualidade. Eu jamais faria uma peça como *Roda Cor de Roda*, por mais prêmios que me desse e mais todo o prestígio do mundo. Muita gente acha que vale a pena. Nós temos uma peça do Marcos Reis, que é autor de televisão. Sem querer a gente tem preconceito contra autor de televisão. Mas a peça tem realmente certas

fragilidades de gente que escreve pra tv. No princípio ela tem uma cena, e a gente fica sabendo qual é o final, e tem oito páginas em cima disso. Isso é o que acontece a quem escreve novela. Vai carregando os capítulos."

— "Vocês têm condições de tocar pra frente com o grupo?"

— "Altair Lima é meu sócio e todo o mundo me acha uma demente, por ter pegado um sócio que está falido. Mas o bacana dele é exatamente isso. Ele não soube ter dinheiro, e se sentia mal de ter 4 milhões no banco. Ganhou horrores com *Hair*, *Jesus Cristo Superstar* e *Godspell*. Então ele ia a Nova York tomar um chope, ou à Europa pra comprar cigarros, comprava um triplex em Ipanema e uma casa em Santa Teresa, e findou falindo. Ele sempre está transando onde os outros não estão. As pessoas acham ele chato. A gente fez uma excursão a Florianópolis e aqueles grã-finos tinham uma lancha grã-fina maravilhosa, e eu já posando, fingindo que estava dormindo pra não ter de conversar, e o Altair simplesmente pulou da lancha e sumiu, porque ele não aguentava mais. Ele nadou até um baile de domésticas e foi quem teve as melhores experiências. A gente transava aquela de ídolo, aquela coisa ridícula, e ele não. Eu acho isso maravilhoso. Ele é uma pessoa que tem muito pra dar. Não sei se ele sabe o que é. Mas o que não é, ele sabe tranquilamente. O Fagundes me disse uma vez que, quanto menos o artista tem, melhor pra ele."

— "Você teve alguma fase financeira brilhante?"

— "Jamais consegui entrar na engrenagem. A única hora em que precisei foi quando Gabriel nasceu. Porque eu nunca tive uma casa certa, um ordenado certo, uma comida certa, uma roupa certa nem nada certo. Vivi no Rio ou em São Paulo. Às vezes morava em apartamento meu, às vezes nos dos outros. Mudava muito. Onde trabalhava ficava. Quando não tinha dinheiro vendia o carro e ia ficar dois meses em Recife, porque acho Recife um barato. Não tinha muito paradeiro. E não queria mesmo. Estive quatro vezes pra assinar contrato na Globo. Uma vez tinha ficado na sala do Daniel Filho e tinha ouvido tanta barbaridade em tão pouco tempo que pensei vou enlouquecer aqui. Naquela época eu ia pirar de vez. Só peguei um troço de *estou empregada* depois que o Gabriel nasceu."

Joana e Gabriel. Ela conversa comigo e Gabriel brinca com pedrinhas. E os dois distilam amor um pelo outro. Ele se aninha no colo e faz cafuné em Joana. Enquanto ela conta sua história, ele conta mil historinhas num balbúcio doce. Lá do corredor uma moça linda me olha de dentro de uma fotografia.

— "Quem é aquela moça do retrato?"

— "Edith morreu com 21 anos. Um amigo mandou fazer a ampliação de um desses retratinhos, sabe? e quando eu vi, chorei como uma louca. Eu não conheci ela, mas dizem que era maravilhosa, incrível. Morreu num hospital pra tuberculosos, onde nasci. Tive dois pais. E o verdadeiro sempre me escrevia, e eu acho que agora ele morreu. Ele também era tuberculoso. Um dia fui procurar ele sem dizer que era filha, pra poder curtir um pouco. Não sou Fomm. Meu nome é Almeida. Minha vida é uma novela. Gabriel é fruto disso. Já veio meio feito. Desde pequena escrevia poesias. Poesias críticas. Punha em questão porque as pessoas faziam perguntas e já sabiam as respostas. E isso principalmente em relação à minha família, que vivia perguntando as coisas óbvias. Debochavam muito de mim. Eu era muito infeliz. Eu era aquela coisa dispensável."

— "Você vive só com Gabriel?"

— "Uma coisa fundamental pra minha vida foi que me separei do pai de Gabriel quando estava grávida. Nós não éramos casados. No último mês eu fiquei num apartamento grande que não tinha como pagar. Fazia uma coisa no jornal e ganhava mil cruzeiros por mês, e não tinha empregada e não tinha nada. Chamei minha mãe do Rio. Nasceu Gabriel, e

“Ele também era tuberculoso. Um dia fui procurar ele sem dizer que era filha. Não sou Fomm. Meu nome é Almeida. Minha vida é uma novela.”



eu com um medo danado do que seria Gabriel. Então batia papos incríveis com minha garriga e dizia tudo bem, tudo legal, guenta aí que nós damos um jeito. Então eu saí por aí, com um filho, uma mãe e mil cruzeiros. E louca. Quando estava melhorando, minhã mãe caiu e quebrou o fêmur, foi pro hospital e foi a zona completa. Então realmente eu fiquei louca. Isso tudo me deu depois uma força extraordinária. Mas teve uma época em que eu era totalmente inedita. Não me conhecia, não conhecia nada. Quando estava melhorando, meu pai fechou o apartamento no Rio e se separou dela com 50 anos de casado. Coisa de Buñuel. Sabe? Eu pensei vou ficar louca, e falei com meu analista e ele disse que não o ficasse com medo porque eu já estava louca. Loucura é ficar fora da normalidade e essa é a única base pra saber o que é loucura. Fora da sua normalidade você já está mesmo. Você está angustiadíssima, tristíssima, ele disse. E eu com essa loucura toda e trabalhando que nem uma demente. Bom. De uns tempos pra cá consegui ajeitar esse negócio. O nascimento de Gabriel me propiciou mil metafísicas da vida. Fui fazer uma novela, e durante seis ou sete meses eu chorava e não podia parar. e as pessoas tinham um saco de ouro, e me davam calmamente e cigarro. E as pessoas aturando.”

— “Você é do Rio?”

— “Nasci no Rio e fiz escola de teatro. Casei com Francisco Milan. Com 22 anos já estava desquitada e trabalhando. Estreei, casei e desquitei, tudo ao mesmo tempo. Fiz a peça Um Estranho Bate a Porta e ganhei o prêmio de revelação. Mas já era griladíssima. Aí trabalhei no teatro Santa Rosa durante dois anos. Nessa altura o Arena passou por lá e eu comecei a trabalhar com eles. Minha família era muito burguesa, muito mal informada, mas sentia no ar alguma coisa que não sabia o que era. Fiquei com o Arena dois anos. Até a redentora. Aí o Arena sumiu. Antes fiz uma remontagem do Noviço de Martins Pena, O Filho do Cão do Guarnieri, que era o resultado da nossa experiência no norte. Daí as coisas começaram a ser bem esporádicas. Eu tinha feito essa experiência no norte e me recusava a fazer teatro pra burguesia paulista. Não aguentava mais plateia pequena. Fiquei de mala na mão e não fiz nada. Nem me lembro o que aconteceu. Só me lembro que dividia o apartamento com Chico de Assis e nenhum de nós dois tinhamos o menor dinheiro. E ambos sobrevivemos. Não sei como. Depois entrei pra Globo e fiz duas novelas. Depois fiz um grupo de teatro com Claudio Marzo, Norma Blum e Emiliano Queiroz. Eu e Norma nos mandamos pra Secretaria de Turismo pra conseguir montar as peças pelo interior, e aí o Claudio foi preso. E a prisão de Norma foi decretada e o grupo parou. A gente pretendia levar As Desgraças de Uma Criancinha, do Martins Pena, com direção de Antonio Pedro. Aí danou. Foi quando a Norminha largou a carreira.”

— “Você fez uma infinidade de filmes.”

— “Depois que deixei o Arena, foi uma grande onda de filmes. Fiz Todas as Mulheres do Mundo, Edu Coração de Ouro, Macunaima, A Noite do Meu Bem. Isso. Fui transando, fiz uns chatos, outros interessantes. Fiz uns filmes de vanguarda importantes. Gamal, o Delírio do Sexo, de João Batista; Fora das Grades, de Astolfo Araújo. Aí começou a pornochanchada paulista e quase acabou o cinema brasileiro. Já fiz roteiro num filme chamado Elas, que não é muito bom, e fiz o roteiro de O Anjo, mas a censura proibiu e não sei que fim levou. Outro dia eu estava dando uma entrevista pro Luciano Ramos e falei no argumento que fiz pra Pensionato de Mulheres, e o filme é um horror, e por sorte o Luciano disse que a única coisa que valia a pena era o meu argumento, e que o filme era triste de tão ruim. Estou fazendo Rosa Flor com direção de Geraldo Miranda, que foi assistente de Roberto Santos. É uma pessoa muito especial e o filme é lindíssimo, lindíssimo. Não sei se passa na censura. É maravilhoso. É a história de uma vingança pessoal, mas acaba mostrando a sociedade. É um barato. E tem um negócio bacana. O

Geraldo conseguiu reunir uma gente mais ou menos da mesma geração. E o elenco foi trabalhar numa base pouco profissional, de muito amor. Porque ninguém está ganhando muito, mas todo mundo adora ele. Ele é um cara que há vinte anos está pra fazer um filme e todos são censurados. Só tem filme dele, ou comercial ou como assistente. Está nesse filme o Otávio Augusto, Emiliano Queiroz, Carlos Kroeber, Estepan. Parece cinema de equipe. Sabe o Arena? Esse negócio das pessoas torcerem pelo filme, debaterem o filme? Um negócio maravilhoso! Acho que é isso que eu queria conseguir no teatro.”

— “E televisão? Ainda as novelas? Alguma coisa nova?”

— “Fiz na Tupi As Bruxas, fiz Idolo de Pano. Foi a pior novela do mundo. Nunca fiz nada pior na minha vida. Por Deus que eu pegava o texto do Teixeira Filho, lia e traduzia do lado. Todo o elenco fazia isso. Ninguém entendia nada. Foi o maior sucesso da Tupi. Era tão terrível que tinha um vilão de mil anos atrás, tipo Vicent-Price-com-Michael-Redgrave, e eu era uma francesa que devia matar o vilão. Eu dei autógrafa no aeroporto pra professor universitário! Foi uma loucura nacional. Fiz A Ovelha Negra também na Tupi. Foi uma tentativa pra valer. Não havia heróis. Os grandes problemas eram saber se ia haver água na terra, se iam destruir a cidade, se iam derrubar o prefeito. E estava muito afim de fazer. Então trabalhamos numa cidadezinha perto de Tremembé, no mato, sem a menor condição de nada, sem lugar para lavar a mão, sem banheiro, sem comida. Nada. A gente saía às sete e voltava às duas da manhã morrendo de frio, tomando conhaque. Era pleno inverno, e que bom que era porque dizem que no inverno cobra não sai do mato. Mas a gente comia mariposa que entrava por tudo que é lado. E dei sorte de fazer parte daquele elenco, e poder conviver com o Adoniram Barbosa, um homem maravilhoso e um compositor incrível. Nas horas vagas a gente ia tomar banho de cachoeira e nossa conversa automaticamente mudou. Deixou de ser fresca porque não tinha condições desse negócio de atriz. Fora isso a gente bebia muito e compunha muito. Então agora, quando entro num lugar meio requintado, vejo que eles falam diferente. É um barato. E eu fico imaginando se eles sabem o que é ficar no meio do mato às duas horas da manhã, morrendo de frio e curtindo. Classe A é engraçadíssimo. Eles não estão nem aí pra saber o que a gente é. A gente está é colocada no cenário.”

— “Você fez alguma coisa que gostou muito na televisão?”

— “Fiz Yerma de Garcia Lorca sob direção de Abujamra, na TV Cultura. É uma montagem muito boa. Longe da perfeição, mas muito boa. Mas tudo é tão rápido que não tem o tempo do sofrimento da Yerma. É tão dinâmica, tão só montagem, que os tempos do sofrimento e da montagem não conferem. Há pouco trabalhei com o Candeias, que é uma das pessoas mais extraordinárias que conheci na minha vida. Ele contou a historinha e foi só. Não tinha nem roteiro. As tomadas deveriam ficar prontas em 4 dias, mas ele levou 40. Esbodegou com o esquema da TV Cutlura. Mas ele é muito ligeiro e aproveitava muito as coisas. Quando a gente foi filmar a história em Lagoinha, um cara tinha acabado de se enforcar, e eu disse: Deus do céu, eu estava em São Paulo onde tem gente se enforcando diariamente, e encontro gente enforcada aqui. É demais! e ficamos meio chocados. Enquanto a gente estava se chocando, ele estava fazendo um documentário sobre o enforcado. Um documentário sensacional. Então eu disse que queria trabalhar com ele pro resto da vida, e ele disse por quê? a gente vive brigando, e eu disse: é por isso mesmo! eu não brigo com mais ninguém! Na televisão eu só digo assim oba! tudo bem? tubo bem! Vamos fazendo assim pra não doer, pra ser rápido.”

— “Você fez jornalismo muito tempo?”

— “O Antonio Torres precisava de uma atriz que fizesse matéria de teatro, cinema e artes. Aí outro amigo meu abriu a revista Cartaz e me convidou.

Faliu e saiu de órbita. Aí fiquei louca pra escrever outra vez. Fui procurar o Afonso de Souza na Última Hora e o Samuel Wainer estava lá. Adorei o Samuel de cara e ele também gostou de mim, e me deu uma coluna diária de cinema. Foi um parto. E fiquei fazendo também reportagens. Aí fui entrevistar o Luís Carta na Editora Três. Achei ele um homem impressionante e ele me convidou pra escrever pra ele. Mas eu não gostava de revista. Achava um pouco um saco, aquele negócio quadrado. E pensei aqui não vai dar, porque muito do que eu queria escrever tinha aquela censura, aquele negócio que em jornal não tem porque bateu valeu. Aí fui fazer uma entrevista com o Ney Latorraca e foi um sucesso. Aí acharam uma coisa que não era verdade. A editora Inês me falou você vai dar certo aqui porque você tem uma maldade que a antiga não tinha, e não sei mais o quê. Aí eu vi que ia dar errado, porque eu não tenho essa maldade. Por acaso o Ney deu certo porque é uma pessoa que gosta de brincar com ele mesmo, e eu brincava também. Mas eu odeio fazer isso. Gosto mesmo é de jornalismo. Samuel me dava umas coisas esquisitas pra fazer. Ele me mandava pra rua fazer reportagem com cartomante. Era um barato! Ele me deixava fazer crônica e me pichava que era um horror. Uma ou outra ele gostava.”

— “Porque você parou?”

— “Parei porque não dava mais. Fiz uma matéria de 21 páginas sobre a Mulher e o Trabalho, pra Editora Três. Fiquei doente porque não aguentava mais. Mas agora eu estava no Rio e me telefonaram pedindo prá eu entrevistar o Antonio Fagundes. Eu estava louca pra conhecer o Fagundes que só conhecia de oi, e foi ótimo. Ele fez uma análise tão lúcida e corajosa sobre a televisão, sendo que ele está lá numa posição privilegiada. Ele critica esse privilégio. Ele é muito bom. Em compensação tive uma briga com o Juca de Oliveira e quase bati nele. Há mil anos atrás Juca e eu moramos juntos um ano, e ele era uma pessoa maravilhosa, sensibilíssimo, um garoto que estava vindo do interior, de uma colônia cristã, sabe? Fiquei uma hora ouvindo ele pichar todo mundo, mas pichando como comadre, aquela coisa chata. Aí eu me lembrei que ele é sócio do Brasil. Nossa! Ele era muito puro mas agora mudou. O Fagundes tem essa coisa pura, cristalina. Ele nunca parou de fazer teatro. Se você fica só na televisão, emburrica.”

— “O que você imagina da sua vida no futuro?”

— “É claro que eu gostaria de amar e ficar numa boa. Mas pensar que eu me ligo a um elemento novo e não sei o que vai acontecer, me cansa. Foi tudo tão difícil antes. Tem o Gabriel, tem minha mãe. Agora eu seria incapaz de ter outra pessoa perto. Fundia a minha cuca. E entre os artistas não dá, porque eles querem mandar mas não querem compromisso. Os artistas são insuportáveis, sabe? Acho o casamento uma coisa bacana, acho uma das coisas fundamentais, e eu queria antes de morrer ter uma ligação legal com alguém. Mas tem essa coisa de estar na minha memória o pai do Gabriel e os caras com quem eu vivi, que são coisas que eu jamais repetiria. Sempre fui anti-mulher, achava mulher um saco. Mas por que será que hoje a gente encontra mulheres mais amadurecidas do que os homens? O homem é na realidade mais preso que a mulher, porque ele tem muito o que defender. A mulher vem de uma posição meio vendida, e quando ela rompe, vai mais longe. Mas uma coisa nova que eu tenho pensado é fazer direção de teatro. Nunca pensei nisso, e sempre achei uma chatice, mas com essa onda de ficar lendo peça e ficar analisando como é que se podia encenar, fiquei com vontade de dirigir. Talvez seja porque não consigo dialogar, então eu faço direto na direção, mas não sei. Ainda não sei como. Às vezes me sinto muito sozinho. Me sinto um executivo. Adoro quando me dão ordens, por exemplo. Que barato! Mas também não é isso que eu quero. Gostaria de encontrar alguém, mas uma pessoa que é um tipo que eu ainda não conheci e que tem de estar disposta a conhecer uma coisa nova. Se acontecer vai ser pro resto da vida.”

AQUI
CORÍNTIANS

Lourenço Diaféria

"Os agourentos davam de graça que a peste, a fome e a guerra soprariam seus miasmas sobre a Fazendinha"

Defunto, por acaso, faz convescote domingueiro no Morumbi?

Na caderneta do cronista do tobogã, o escolado Zé Trivela escreveu solenemente com sua letra curta e grossa: "Toda tempestade que se abate sobre o Curingão não passa de uma brisa. Corintiano não se afoga em copo d'água."

Perfeito. Quem leu os jornais e escutou as rádios no fragor da crise (as cassandras adoram crises), juraria que o Curingão estava morto e seria sepultado em cova rasa no dia seguinte, com séquito de carpideiras e coroas de flores. Gente com vocação pra urubu ansiava pela hora de se fartar em cima da caveira do Curingão, esperando apenas o atestado de óbito com firma reconhecida. Alguns já preparavam caixão, com crepe e fita roxa.

Fizeram-se necrológicos. Os agourentos, que gostam de piar o pio da coruja, davam de graça que a peste, a fome e a guerra soprariam seus miasmas sobre a Fazendinha. As setes pragas do Egito, com gafanhotos e tudo, cairiam como maldição nas hostes do Parque São Jorge. Falavam-se de horrores, vaticinava-se o apocalipse. Ninguém salvaria o Curingão da boca de enxofre.

Motivo para tamanha desolação havia, embora sem nenhuma originalidade. De fato, atribuir as piores tragédias ao fato de o Curingão perder mais uma disputa de campeonato é, no mínimo, falta de imaginação. O Curingão não sabe o que é sabor de título há quase um quarto de século. Isso pode ser desgraça para os times que precisam de títulos para manter intactas as carteirinhas de sócios.

Mas o Curingão não se afoba, nem come enrolado. O Curingão não é uma faixa de campeão. O Curingão é uma perseverança, um destino, um roteiro, uma opção e uma predestinação. Ninguém é corintiano porque quer, ou porque a mãe manda. O corintiano recebe seu sinete ao nascer. A marca registrada. O corintiano ganha um dom. Quando os urubus afinam o bico amargo para antegoizar a derrota, aí é que o Curingão se levanta sacode a poeira e dá a volta por cima.

E eis o que aconteceu: tivemos de bater no São Paulo.

Fizemos tudo para alegrar os tricolinos, dando-lhes uma colher de chá. Por duas, três vezes, o guardavala Sérgio fingiu golpe de vista, tentando agasalhar a redonda no véu da noiva. Mas a pontaria dos tricolinos é de doer na vista. São míopes de bola. A bola para os tricolinos é um estorvo, um paralelepípedo. Em vão o agastado Poy berrava como um possesso pedindo que os tricolinos fizessem ao menos um gol. Muito justo. O Curingão lá estava, dando todas as oportunidades. Mas ruindade não se cura no grito. Por

mais que os tricolinos chutassem, a bola ria dos tricolinos. Que bola cruel! Que bola lisa e fugidia!

Até que o Curingão, cansado de dar sopa, foi lá e enfiou aquela sutileza de gol na meta são-paulina, botando a galera pra sorrir. Bastou um gol, fácil, sem compomisso, despretencioso, para a cambada das gerais pular na ponta dos pés, cantando novamente a alegria do povão.

O São Paulo gemia. Os talquinhos comiam as unhas e roíam os dedos, estragando a manicure. Alguns, nas cadeiras cativas, choravam, desmanchando a maquilagem. Faturando os tricolinos com a displicência de quem vai ao campo fazer um piquenique. E que belo campo de piquenique é o Morumbi! Convescote corintiano é ali: no aprazível e no macio.

Terminando o espetáculo, encontro na saída do estádio Monsieur le Chacal, que vinha mastigando um charuto ao contrário: a brasa dentro da boca. Cumprimentei-o com cordialidade, sem mofa nem galhofa:

— Chacal, teu time do São Paulo é o Oseso Monteiro do futebol paulista.

— Que Oseso? — indaga o Chacal, lívido.

— Oseso, o entortador nacional de colher e garfo.

— O tricolor é uma agremiação da elite.

— Não, Chacal. O tricolor do Morumbi é um time paranormal. Acredite. Só o tricolor conseguiria ter forças suficiente para, numa única tarde, em noventa minutos, fazer o tobogã esquecer o Filpo Nunes, o Wadih Helou, o Vicente Mateus, o Mario Campos, os vinte e tantos anos sem campeonato, os gaviões da Fiel, a Camisa 12 e todas as nossas desgraças. Chacal, acredite: o São Paulo é um pai.

Dia seguinte, chega o Duque, que vem tentar fazer o que não fez há três anos passados. Vem de uniforme passado a ferro, cheirando a naftalina de cabide. Impressionou a torcida. Impressionou, mas não enganou. É bom Duque saber que o começo do fim do Filpo foi aquela idéia de inventar sapo enterrado no sagrado território da Fazendinha. Isto custou a Filpo o descredito geral. Consta que Duque, vez por outra, é chegado a um pai-de-santo e ao defumador. No caso do Curingão, o povão prefere vergonha na cara do que mandiga. Técnico nenhum, seja ele quem for, conseguirá alguma coisa lá no parque enquanto a disciplina não voltar a imperar, doa a quem doer. Tem gente sobrando no Parque São Jorge, e tem barriga de cerveja que não acaba mais. É bom Duque mandar limpar o buraco do sapo e fazer faxina no plantel, botando pra andar os que não tem nada mais a fazer no Parque.



FANTÁSTICO

O SHOW DA VIDA

NESTE DOMINGO.
8 DA NOITE.
A CORES.



REDE GLOBO



TELEVISÃO

"Outro ponto ganho na luta pela permissividade na tevê"

A Globo está aí para quebrar tabús: m... em francês!

A Globo não deixa mesmo por menos, está aí para quebrar os tabus. Na sessão de gala do sábado, lá pela uma e meia da manhã, a mocinha do filme "Baby Love" aparecia em toda a glória de sua nudez, seios arfantes, desnudos diante da câmera. Mas não foi só isso, houve uma sedução lésbica, um rapaz tomando banho com algumas tomadas indiscretas de seu posterior e uma história inteiramente amorosa.

Mas como se não bastasse, o Globo Repórter quebra outro tabu na terça. No programa sobre superstições, no segmento sobre o pessoal do Teatro, Eva Todor entrevistada não se contém e diz a palavra mágica que todo ator diz antes de uma estréia. Como ela mesmo disse "para não chocar, em francês: "Alors, merde!" Para quem pensava que as expressões "paca" e "saco" já eram o máximo de liberalidade a que se ia chegar, convenhamos que "merde" mesmo em francês é uma vitória.

Outro ponto ganho na luta pela permissividade na tevê, é aquele comercial fantástico do Modess, com a mulher dançando e o locutor pedindo para conferirmos que ele realmente não se desprende!

SILVIO CONFIRMA

Apesar da má vontade da Globo em admitir a disfarçar os fatos, foi o Silvio Santos mesmo quem ganhou o primeiro assalto da briga dos domingos, sinal de que até o fim da batalha, a Globo ainda vai quebrar muito cartucho, gastar muito milhão. Não sei se vai adiantar, é preciso levar em conta o país em que vivemos e levantando muito o nível sempre se corre o risco de se ficar falando sozinho. Na segunda semana, o Silvio deve ter aumentado ainda mais a vantagem, já que a Globo insistiu na mesma fórmula: um Esporte Espetacular com coberturas externas que não deram certo (ninguém viu o surf direito) ou que não interessavam mesmo (o ciclismo) ou então perdendo tempo no concurso europeu de patinação no gelo (que duvidamos seja o esporte preferido de qualquer brasileiro). Depois disso, veio a Disneylândia com aquelas insuportáveis histórias de bichinhos (desta vez, uma foca) e o Moacyr Franco já cansando na segunda vez. Felizmente, eles perceberam que a estrela do programa é mesmo a Pepita Rodrigues (tomem nota: Pepita vai ser em seis meses a maior estrela da tevê brasileira) e mudaram as regras do concurso diante do protesto dos sindicatos de atores. Isso deve causar alguma estranheza já que o rapaz que fez o teste no outro domingo, foi visto nesta semana num capítulo de "O Feijão e o Sonho" e portanto não era tão amador assim! E as piadas no teste, que pareciam divertidas na primeira vez, se tornam apenas repetitivas, devendo se tornar insuportáveis a longo prazo. E o que falar da convidada Regina Duarte visitando o programa só para ver se dá algum Ibope?

"Oito ou Oitocentos" não convence mesmo. Paulo Gracindo melhorou um pouco mas ainda estamos convictos de que ele só serve mesmo para fazer papéis de "coronéis" moribundos como em "Gabriela". As perguntas insistem em detalhes triviais e o suspense é totalmente artificial. Felizmente as baboseiras do começo foram eliminadas. Vamos ver quanto tempo o programa aguenta!

Concluindo o domingo um filme inédito no Brasil, "entre a Fama e a Loucura", de Jerry Schatzberg, uma das fitas mais chatas já exibidas pela tevê. Nem mesmo a Faye Dunaway escapou. Aliás, na sexta, com o "Jeremiah Johnson" — Mais Forte que a Vingança", esqueceram de traduzir na dublagem a canção-tema que explicava tudo: o final com sua transformação em lenda e a idéia de que ele continua a viver até hoje nas montanhas.



Rubens Edwald F.

CINEMA

"... Bacalhau, que ninguém sabe como o público vai aceitar..."

Nem as pernas da Sophia animam a semana

Há muito tempo que as estrelas não são mais as mesmas. Hoje, já não basta ter o nome de Sophia Loren ou Elizabeth Taylor nos anúncios para levar o público aos cinemas.

Por outro lado, nunca se viu duas estrelas como Sophia e Elizabeth fazerem uma série tão longa de fracassos e ainda manterem seus status e salários exorbitantes. O caso de Sophia ainda é mais grave, já que tem um marido produtor como Carlo Ponti, cuja única finalidade na vida é promover a esposa. Mas qual foi o último bom filme de Sophia? Deve ter sido 10 anos atrás, na época de "Ontem, Hoje e Amanhã" e "Casamento à Italiana".

Assim, hoje em dia pouco significa que esta semana estejam em cartaz dois filmes estrelados por Sophia, um drama francês ("A Sentença", de Andre Cayatte, no Top-cine); e uma comédia italiana ("A Garota do Bandido", de Giorgio Capitani, no Gazetão e Veneza).

Também já não se tem muita ilusão quanto às possibilidades artísticas de Sophia. "La Ciociara" foi um acidente que lhe rendeu um Oscar e muitas dúvidas. De qualquer forma, quando faz uma italiana do povo, espontânea e vibrante, sempre funciona. O sangue fala mais alto que qualquer talento. Por isso, é até com certo prazer que a revemos como uma prostituta na "Garota do Bandido", ainda bonita, e conservada (Sophia já passou dos quarenta), com pernas sem celulite. Na história, Mastroianni é um pequeno gangster, que controla uma rede de prostituição e tem fixação em Rita Hayworth. Quando acha Sophia parecida com Rita (ruiva e com um vestido semelhante ao de "Gilda") torna-a sua garota fixa, obrigando-a a repetir sempre "I Love you, darling" nos encontros amorosos.

"A Garota do Bandido" não é melhor, simplesmente porque o diretor Capitani não tem maior talento. Ainda assim, é suficientemente engraçado para chegar a distrair. O apartamento do bandido é decorado com retratos de gangsters famosos de Capone à Bogart; um quarto azul com nuvens claras. Cada vez que Sophia faz uma pergunta leva um tapa (porque ele odeia perguntas). São aproveitadas integralmente todas as situações (os dentes batendo de terror, o gargarejo, Mastroianni dormindo de olhos abertos), dando chance a Sophia de fazer um bom trabalho de comediante.

Não há qualquer preocupação social, o clima é de pura chachada, com suspense num assassinato e uma perseguição final das mais demolidoras. Salvam-se também algumas piadas ("por que nosso telefone estaria vigiado? Nós não somos nem políticos, nem magistrados!") e situações (o carro amarelo confundido com táxi); e como na maior parte dos filmes italianos recentes, uma grande quantidade de palavões.

Já em "A Sentença", Sophia está seríssima e maquiada para aparentar ser a mãe de um rapaz acusado de assassinato. Como ele é filho de um ladrão mafioso (já falecido) e a vítima, moça de boa família (e que por isso não pode ser difamada), Sophia sequestra a mulher do magistrado a fim de forçá-lo a auxiliar o filho durante o processo. Na verdade, esta fachada melodramática é apenas cortina de fumaça para o diretor Cayatte demonstrar sua verdadeira intenção: criticar o sistema penal francês, onde até hoje os jurados decidem baseados numa vaga "convicção íntima" (e não baseados em provas), e ainda por cima com a presença do presidente do Tribunal (uma herança do tempo da República de Vichy).

Infelizmente, a presença dos dois astros, Sophia e Jean Gabin, em vez de reforçar a denúncia, apenas a enfraquece, nos levando a simpatizar com o drama daquela mãe ou do velho juiz, deixando de lado o aspecto mais importante da história. Em filmes de tese, os astros, novos ou velhos, nunca se encaixam bem.

No mais, esta é a semana de "Bacalhau", um supercircuito para lançar a paródia de "Tubarão" que ninguém sabe como o público vai aceitar. De qualquer forma, uma prova de que não adianta reclamar das importações estrangeiras quando o nosso produto anda abaixo da crítica. Por falar nisso, o trailer de "Bacalhau" já nos poupa o trabalho e parte para a autocrítica chamando o filme de "catastrófico" e anunciando-o como "um filme para fazer você pensar duas vezes antes de ir à praia... ou ao cinema!" R.E.F. (interino).



Pola Vartuck

Jante no Galeto's.

A carne de gado é rigorosamente selecionada.



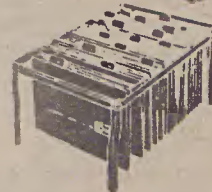
GALETO'S RESTAURANTE

A carne mais saborosa da cidade.
Pedro Américo, ao lado da Pça. da República.
Vieira de Carvalho, 99.
Timbiras, esquina com São João.
Rio Branco, 445.



Se você gosta de comer bem, vá ao Galeto's.
Lá os pratos são variados, e com um tempero que é o ponto alto da casa.
O atendimento é perfeito. Leve toda sua família para jantar no Galeto's.
Ela vai se sentir em casa.

PASTA MOVEL E SUSPENSAS



M. KOGAN & CIA. LTDA

Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-18. Fones: 34-0218/34-2813 - SÃO PAULO - AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

TEATRO

"Talvez o espetáculo amadureça com o correr do tempo."

Os elos são meio fracos mas a corrente resiste

A **Corrente**, de Jecia Zichia, é a peça de uma estreada que se aguenta firme, apesar de uma encenação precária e desempenhos medíocres. Por isso mesmo a gente vê que a peça tem certa profundidade. Resiste. Advogada, Jecia Zichia tem talento e parte com o primeiro texto sem se perder na construção, mantendo o interesse apesar das falhas.

O miolo de tudo é uma adolescente e a crise existencial gerada no momento de seu confronto com o mundo, quando tem, inevitavelmente, de sair da órbita familiar. Filha de pais burgueses bem sucedidos, ela põe em cheque os valores advogados por essa corrente que é a família, encadeada a toda uma corrente muito maior: a própria sociedade. E é ela o elo essencial do desenvolvimento da peça.

Através do adolescente, os pais, o irmão, a irmã, um método e a empregada são esboçados, fazendo um contraponto entre a rigidez de seus valores, com a flexibilidade e criatividade com que ela vê o mundo. O diálogo pode ser depurado de alguns rebuscamentos e a própria linguagem pode ser mais ao nível do cotidiano — acho que ninguém mais dis **obrar** em vez de **fazer cocô**. Mas Jecia me parece bastante inteligente para crescer rápido, corrigindo o que falta.

Agora, o resto é um negócio à parte. A cenografia é a própria redundância. Augusto Francisco vislumbrou uma solução que poderia ser bem aproveitada, mas botou tanta coisa que no fim a gente não vê mais nada. A ideia dos planos, onde os personagens caracterizariam suas atividades e hábitos, está mal resolvida. Mas também a direção de Roberto Lage não ajuda muito. Está tudo muito tímido.

Tereza Teller como Lisa, a adolescente, precisa ainda de tempo para amadurecer como atriz. O personagem exigiria dela muito maior profundidade. Odilon Wagner, como o método que entra em contato com Lisa, e vê aos poucos seus próprios valores ameaçados pela violenta lucidez da moça, tem um desempenho discreto com alguns bons momentos. Yara Lins está muito fraca como a mãe. Celso Luiz Gil, como o irmão, não consegue entrar na pele do garotão conformado e em constante conflito com a irmã. Leda Vilela faz a boneca deslumbrada, mas não convence muito.

Evilazio Marçal, como o pai, tem um estilo de interpretação muito ao gosto de um teatro brasileiro de duas décadas atrás. Mas vem à cena e diz seu papel com muita convicção. Marilena Carvalho como a empregada nos dá alguns momentos de riso, e se tivesse sido mais bem aproveitada pela direção, poderia dar mais.

Jecia Zichia não teve muita sorte escolhendo esse grupo. Mas o que surpreende é que, apesar de tudo, a epca resiste, e isto significa muitíssimo. Talvez o espetáculo amadureça com o correr do tempo. A **Corrente** está no Teatro das Nações, um teatro feio e com péssima acústica.



Hella
Schwartzkopff

MÚSICA

Encontraram-se aqui, formaram um conjunto que satiriza seu próprio país

Salada americana feita no Brasil, por 4 americanos

— "Acho um insulto esse pessoal gravar em inglês", e quem diz isto é um compositor americano, sobre as gravações de nossos "americanists" musicais (os Morris Albert da vida). Chama-se Bob e é líder do grupo recém-formado no Brasil — Ted Remmedy and the Candidates — que acaba de gravar seu primeiro disco (nos estúdios da PROVA), com lançamento simultâneo Brasil-EUA.

A música que deverá puxar o disco chama-se "Hey America", uma sátira da situação política na terra do Tio Sam. O **Country**, que tem molho brasileiro — já que o baterista e o pianista são daqui mesmo, envolve toda a saladinha americana: Kennedys, Nixon, Agnew, racismo, Watergate, por aí afora. Não deixando em branco os folclóricos tombos de Mr. Ford em suas andanças pelo mundo.

Os quatro americanos se conheceram aqui mesmo. Todos chegaram há pouco mais de um ano, e se defendem dando aulas nos milhares de cursos de inglês da capital. Paul Leanne, Steve Yolen, Phillip Barsanti e Bob (que tem o apelido de Treb) e dizem que não devem ser levados a sério, que tudo "é uma grande brincadeira — mas que uma visão real das coisas".

É Bob quem fala, em quase perfeito português: — "Nosso disco tem chances de sucesso, principalmente nos EUA, já que trata essencialmente dos problemas de lá. Mas com esse negócio dos **brazilianists** recebendo discos de ouro, pode até ser que comecem, a executá-lo aqui mesmo, e que entre na mesma onda".

Bob fala de muitas outras coisas, relacionadas ou não com música. Por exemplo: Por que a gente paga quase cinco cruzeiros por um litro de gasolina que nos EUA custa pouco mais que dois cruzeiros:

— "É que dois cruzeiros vão para os árabes, dois para nós (americanos) e o resto pra vocês. Eu sei que não é brincadeira."

E Bob vai falando:

— "Sabe, eu gosto muito de rádio. Recebo mensalmente mais de 80 fitas de rádios dos EUA, e constato que as gravadoras americanas **montam** lps especiais para serem lançados aqui. Explicando: o Billy Paul faz sucesso com um música lá. Daquelas melosas. Mas o resto do lp não é todo naquele pique não. Mas eles sabem que esse tipo de música aqui dá pé. Então encham o lp do Billy Paul só com repertório **para brasileiro**. E assim vão vendendo milhões de discos."

— "Outra coisa: lá está tudo muito dividido musicalmente. Há as estações de negros que tocam basicamente só soul music. Estações que executam somente rock'n'roll. Estações de country, clássicas, underground, de paradas de sucessos, etc. Cada coisa no seu lugar. Fica muito mais fácil. Se o cara quer ouvir **x** tipo de música, sabe o que fazer. Sintoniza e pronto."

Outra declaração interessante desse pessoal (que conhece mesmo o Brasil) sobre a mania de se falar que São Paulo é uma Nova York. Paul tem outra visão:

— "Eu considero São Paulo mais para Detroit do que para Nova York. Detroit é uma cidade altamente industrial, fria e sem personalidade. Exatamente como São Paulo."



Sérgio Mello

ARTES PLÁSTICAS

"Cite 5 artistas da Renascença. Só conheço: 3 — Miquelângelo, Rafael e Aleijadinho"

É preciso ensinar os jovens a, pelo menos, não chutar

Há algum tempo, uma das inúmeras moças formadas nessas faculdades onde se tratam de ciências humanas, de arte, de comunicação etc, veio estagiar no Museu para aprender "arte", pois adorava esta matéria, disposta mesmo a desmanchar até o noivado para se dedicar ao que se constituía em sua mais ardorosa paixão. Vendo os horários, o começar a carreira na base da pirâmide e não já na cúspide — numa palavra, a impossibilidade de brincar — desistiu. Com os jovens é preciso paciência. É dever escutá-los, ajudá-los com cordialidade, e contrariá-los — quando necessário — com diplomática condescendência. Todavia, no curso de uma conversa informal, é oportuno testar o que sabem e o que querem. Infelizmente acontece de se constatar que as noções e os métodos para usá-las não são robustas.

No campo mais técnico da história da arte, na maioria dos casos, o negócio puxa para a ignorância, o que conduz à pergunta de como saem os diplomados no uso dos quais o formando deveria ingressar num cargo de confiança, se não científica, pelo menos nos seus arredores.

O curioso é que na conversa, os candidatos raramente se lembram dos nomes dos professores, vagamente sabem o programa; e não se trata de desvariados, mas de pessoal vivo, inteligente como, em geral, é a nossa juventude.

Aprofundando o colóquio, descobre-se que os mestres não cuidam dos alunos à maneira antiga, isto é, dedicando-lhes todo o tempo de aula e também todo o tempo possível fora das aulas, coisa indispensável para uma formação séria. É verdade que os docentes, às vezes, precisam correr de uma escola para outra e para outros empregos e bicos: atarefados, não dispõem de horas para presentear, se não à turma toda, pelo menos aos mais interessados.

A todo momento aparecem nos jornais denúncias sobre o estado "cultural" universitário. Tempos atrás, o prof. José Bueno Conti, da USP, dava conta no jornal "Estado" de dezenas de respostas de vestibulandos, entre as quais algumas relativas a Camões e a Dante. Respostas: "Camões fez um poema épico em que narra a história de seus sofrimentos e de suas amantes" — "Camões escreveu a Ilíada e a Odisseia" — "Os Lusíadas contam como foi a Primeira Missa no Brasil" — "Camões fez uma viagem à Terra do Fogo onde ficou cego de uma vista" — "Dante escreveu sobre as guerras romanas do século passado" — "Dante escreveu 'O Corcunda de Notre Dame', história de um anormal que vivia na Catedral" — "Dante escreveu 'As Mil e Uma Noites', ou seja, a história dos reis árabes" — "Dante escreveu 'Don Quixote' ou 'A Retirada da Laguna'". No setor da história da arte, as coisas são ainda mais humorísticas. Uma diplomada que procurava emprego no Museu, à pergunta: — "Cite cinco artistas da Renascença; respondeu que só conhecia três: Miquelangelo, Rafael e Aleijadinho".

Seria o caso de dramatizar? Acho que não. De qualquer jeito: não vamos culpar os jovens. Eles precisam de amparo, de professores dedicados que ensinam, antes de tudo, a não chutar.

Mas, hoje, os exames não são realizados com as "cruzinhas"?



Pietro
Maria Bardi

Todos os governantes merecem ter seus nomes em logradouros (lindo isso) públicos. Av. Prestes Maia, av. Faria Lima, Beco Miguel Colassuono e Reserva Florestal Olavo Setúbal.



O CHACAL

IT'S ALWAYS THE BUTLER, SIR!

Veja aí em baixo os nomes de 35 rios da Tchecoslováquia, 89 ruas de Pequim e 79 nomes de políticos da Mongólia.

TYNHUI MNJIOMPK
MJHGFB TNIPUOY
YNHHTBFGHBVCE
WSZADMYNTGBHG
YHGE EWSOHNPUH
NWGFHRTFRSEWS
AVGBHJHNJYMJK
MÇBVDWSAQSDER
TFTGHNMKMWY
WAWSZARTTCYVCF
GNNHBGHNMOUPK
YTHRGFDCVGBHNG
FVCDHWSAZQZRTF
BGYHGTGJHKHMN
LÇJMKHNGBFTRDT
SFTGBGHGFBBNGH
TYGBHUIJMKOLP?
MHGNG

**Provado:
uma das
principais
causas do
desquite é
o casamento.**

"100 mil alemães orientais pedem para sair do país", deve ser porque eles só ganharam 40 medalhas de ouro.

A Ferrari desistiu do campeonato mundial. e a Copersúcar — tá esperando o quê?

Tem nêgo aí faturando horrores em cima do "know-who", que o "know-how" já era.

6 — O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1976

Eis a relação completa dos generos alimentícios e produtos de limpeza consumidos mensalmente na casa do ministro do Trabalho, segundo o edital exibido ontem pelo deputado Ademar Santillo:

CEREAIS, MASSAS E OUTROS
Açúcar Refinado 300 quilos
Arroz Amarelo 300 quilos
Arroz Branco de 1ª 300 quilos
Azeite de Oliva 32 latas
Azeite de Dendê 6 vidros
Canjica Branca 3 quilos
Catchup 20 vidros
Crema de Leite 30 latas
Araruta 30 quilos
Spaghetti e ovos 72 pacotes
Polvilho 20 pacotes
Ervilha seca 12 pacotes
Extrato de Tomate 33 latas
Farinha de Trigo 50 quilos
Farinha Láctea 20 latas
Farinha de Mandioca 36 quilos
Fécula de Batata 6 pacotes
Farinha de Rosca 12 quilos
Ervilha enlatada 40 latas
Feijão Branco e Roxo 12 quilos
Feijão Preto 150 quilos
Fubá de 1ª 12 quilos
Gordura de coco 24 latas
Grão-de-bico 3 quilos
Leite Condensado 30 latas
Lentilha 3 quilos
Macarrão canudo 99 quilos
Pimenta Malagueta 5 vidros
Maizena 10 pacotes
Margarina 45 pacotes
Molho de Pimenta 5 vidros
Óleo de soja 60 latas
Pimenta do reino 1/2 quilo
Chocolate em barra 2 quilos

LEGUMES E VERDURAS
Abóbora 24 quilos
Abobrinha 18 quilos
Acelga 24 pés
Alpim 18 quilos
Aipo 36 vidros
Alface 270 pés
Batata Baroa 24 quilos
Alho 3 quilos
Batata Doce 30 quilos
Batata Inglesa 100 quilos
Brócolos 24 quilos
Brócolos A 20 quilos
Cebola 20 quilos
Cebolinha verde 12 unidades
Beterraba 24 quilos
Cenoura 90 quilos
Coentro 12 Maços
Chuchu 36 quilos
Couve-Flor 48 quilos
Couve manteiga 2 quilos
Ervilha 12 quilos
Jiló 18 quilos
Louro 3 quilos
Mostarda 3 vidros
Nabo 12 quilos
Pepino 1 quilo
Pimenta 24 vidros
Pimentão verde 18 vidros
Quiabo 18 quilos
Repolho 36 quilos
Salsa 12 maços
Tomate comum 72 quilos

Tomate caqui 36 quilos
Vagem 18 quilos
FRUTAS
Abacate 24 quilos
Abacaxi 24 maços
Banana-prata 188 dúzias
Banana-fortuna 96 dúzias
Coco-da-Bahia 32 quilos
Caqui 96 unidades
Laranja pera 180 dúzias
Limão 32 quilos
Maça nacional 2 dúzias
Maça comum 30 dúzias
Mamão 12 dúzias
Manga-espada 3 dúzias
Manga-rosa 3 dúzias
Melão nacional 18 quilos
Morango 3 quilos
Pessego nacional 2 dúzias
Tangerina Poukan 6 dúzias
Uva branca 36 quilos
Uva roxa 36 quilos
Melancia 20 quilos
CONDIMENTOS
Baunilha 3 vidros
Canela em pó 3 vidros
Amendoim 3 pacotes
Castanha-de-caju 9 latas
Fermento em pó 6 pacotes
Molho inglês 6 vidros
Passas de Uva 500 gramas
Mel de abelha 3 vidros
Castanha do Pará 10 quilos
Nozes 10 quilos

ENLATADOS E GELEIAS
Nescau chocolate 10 latas
Ameixa em calda 3 latas
Ameixa seca 3 pacotes
Azeitona verde 6 vidros
Aspargos 26 latas
Compota de abacaxi 6 latas
Compota de cereja 6 vidros
Compota de pessego 12 latas
Champignons 24 vidros
Gelatina branca 18 pacotes
Gelatina vermelha 18 pacotes
Gelatina amarela 18 pacotes
Leite de Coco 40 vidros
Leite evaporado 48 vidros
Milho verde 24 latas
Palmito 24 latas
Petit pois 24 latas
Sorvete Kibon 36 latas
Chantillon 20 caixas
Suco de abacaxi 48 garrafas
Suco de maracujá 48 garrafas
Suco de uva 48 garrafas
Tanjá 10 latas
Maionese 12 vidros
Caldo Knorr 30 pacotes
Manga em conserva 20 vidros
Sardinhas 21 latas
Atum 21 latas

CARNES CONSERVADAS
Peixes Leal Santos 20 latas
Bacalhau 24 quilos
Carne seca 24 quilos
Costelas salgadas 24 quilos
Linguiça de porco 18 quilos
Lombo suíno salga 18 quilos
do 18 quilos
Toucinho defumado 6 quilos
Patê 4 latas
Presunto defumado 18 quilos
Salaminho 6 quilos
Bacon 72 pacotes

CARNES FRESCAS

Alcatra 100 quilos
Cochão Mole 100 quilos
Dobradinha 36 quilos
Filé Mignon 100 quilos
Lagarto 100 quilos
Lombo de Porco 84 quilos
Carret (ou bisteca) 54 quilos
Rabada 60 quilos
Miolos, figados, lín gua 20 quilos

AVES E OVOS

Frangos 144 quilos
Ovotipo "A" 90 dúzias

LEITES, DERIVADOS E REFRIGERANTES

Coalhada e Iogurtes 96 copos
Coca Cola 432 garrafas
Crema de Leite 48 latas
Leite Condensado 48 latas
Goiabada comum 24 latas
Leite em pó 30 caixas
Leite pasteurizado 540 latas
Manteiga com sal 14.400 pacotes
Manteiga sem sal 7.200 pacotes
Marmelada 24 latas
Guaraná 432 garrafas
Fanta 432 garrafas
Queijo cremoso 12 Copos
Queijo de Minas 36 quilos
Queijo Mussarela 3 quilos
Queijo Parmezão 90 pacotes
Queijo Prata 6 quilos

ESPECIAIS PARA INFUSÃO

Café moido 45 quilos
Orégano 200 gramas
Chocolate granulado 12 quilos
Forminha de papel 500 unidades

PEIXES E CRUSTACEOS

Camarão fresco 36 quilos
Filé de pescada 12 quilos
Filé de namorado 12 quilos

MATERIAL DE LIMPEZA

Limpa-vidros 20 vidros
Lâmpada .60 W. 45 unidades
Lustra-móveis 20 vidros
Lâmpada 100 W 45 unidades
Alcool 24 litros
Fúria 90 garrafas
Veja 90 garrafas
Sabão Lux em pó 24 caixas
Sabão Omo 36 caixas
Bom Ar limão 48 unidades
Bom Ar Silvestre 48 unidades
Bom Ar Hortelã 48 unidades
Bom Ar Lavanda 48 unidades
Neucid aerosol 48 unidades
Pinho Sol 48 garrafas
Detergente 48 garrafas
Vim 48 latas
QBoa 48 garrafas
Sabão de coco 24 barras
Vassouras 36 unidades
Rodas 36 rodas
Cera 30 latas.

Instaurada em Mato Grosso uma oligarcia.

Que afinada, hem ó Brossard?



QUE TRABALHO, HEM?...

(deu no jornal)

O gostinho brasileiro correndo o mundo.



Se você entrar hoje num supermercado na Alemanha, na Holanda, na África, no Oriente Médio ou nos Estados Unidos, certamente encontrará nas prateleiras um produto Cica que está acostumado a ver nas cozinhas brasileiras.

E não deve ficar surpreso. Porque antes de chegar lá, a Cica vem, há 35 anos, pesquisando e desenvolvendo produtos de alta qualidade.

Participando do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição, PRONAN, com produtos destinados à merenda escolar. E trabalhando duro para tornar o nome Cica conhecido não apenas como a maior empresa de conservas alimentícias da América Latina mas, principalmente, como sinônimo de boa alimentação.

CICA